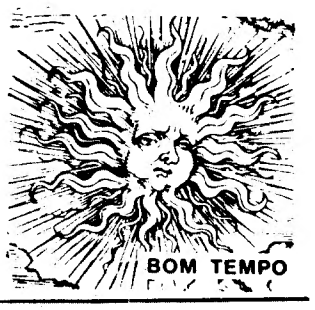
Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 24 DE MAIO DE 1973 — N.º 18109 — ANO 53.º — PREÇO 1$50



Negociações a nível internacional
-pretende o Sindicato dos Profissionais de Escritório

Baseando-se num artigo exclusivo publicado pelo «Diário de Lisboa» em colaboração com o jornal «The Los Angeles Times», o Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa pediu o acordo do secretário de Estado do Trabalho e Previdência para que o organismo encete diligências junto da Federação Internacional dos Operários Metalúrgicos de forma a tomar parte nas negociações conjuntas que Sindicatos de 23 países vão encetar com empresas multinacionais **sem olhar aos locais em que esses gigantes têm as suas instalações**. Os profissionais de escritório justificam o seu pedido no facto de ser crescente a actividade de empresas estrangeiras no nosso País, pelo que **também os trabalhadores portugueses se encontram interessados naquele tipo de negociações**. (Pagina 9).

Faculdade "Letras"

Reabriu a Faculdade de Letras. O corpo de vigilantes, suspenso pelo Conselho Escolar após os incidentes que determinaram o encerramento daquele estabelecimento de ensino, não se encontrava esta manhã no edifício da Faculdade onde se começaram a realizar pontos e frequências, suspensos há duas semanas. Aulas não haverá mais, segundo nos informaram. **Um aviso do director, afixado à porta proibe as reuniões.** (Pág. 20).

LEIA AMANHÃ

. No suplemento «Mesa Redonda» de amanhã, alguns temas importantes, destacando-se:

O PROBLEMA DAS RENDAS TEM SIDO MAL POSTO onde se defende que o congelamento das rendas de casa nos arredores de Lisboa é mais justificado do que dentro da cidade.

SINDICATOS FRANCESES DEFENDEMOSIMIGRANTES — apresentação do texto (quase integral) sobre a igualdade de direitos dos trabalhadores estrangeiros, que será discutido no Congresso da CFDT

ALENTEJO: TODO O PLANO DE REGA FUNCIONA MAL — um esclarecimento da Associação Central da Agricultura Portuguesa, em resposta aos problemas levantados no último número da Mesa Redonda.

E ainda: «**DEONTOLOGIA DO PROJECTISTA**» «**AS CIDADES SÃO PARA AS PESSOAS** e «**EXCELÊNCIAS E SALAMALEQUES**», além das habituais secções «ESPELHO DA IMPRENSA» e «**ASSIM VAI O MUNDO**».

EDIÇÃO DE 32 PÁGINAS INCLUINDO SUPLEMENTO LITERÁRIO

Watergate: a Imprensa volta à carga

Enquanto a comissão senatorial, presidida por Sam Elvin (na telefoto, ao centro), prossegue as suas investigações sobre o escândalo Watergate, a Imprensa norte-americana volta à carga. O «Evening Star-News» de Washington, geralmente favorável à administração republicana, sublinha num editorial que as declarações do presidente trazem tão poucas respostas que Nixon terá de explicar-se novamente. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Em estudo o planeamento da região do Nordeste

No salão de festas do Liceu de Bragança, sob a presidência do eng. António Carneiro, reuniram-se ontem, os participantes da visita de estudo que os gabinetes de planeamento estão a realizar à região-plano norte.

O dr. Pessoa Trigo, representante de Bragança na Comissão de Planeamento da Região Norte, depois das palavras de abertura e de apresentação do presidente da comissão, iniciou a sua **exposição-base, formulada segundo o programa regional de acções prioritárias** para o primeiro triénio do IV Plano de Fomento. Considerou como suficientemente conhecidos os relatórios dos grupos de trabalho e as propostas neles apresentadas e tendo presentes as orientações entretanto fixadas pelo Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos e as decisões entretanto adoptadas pelos diversos ministérios julgou justificar-se plenamente a tentativa de esboçar um programa sectorial para os primeiros três anos de IV Plano de Fomento acentuando, ainda, que as suas considerações se centrariam sobretudo no distrito de Bragança, mas, logicamente, não poderia dispensar-se de as situar num contexto de valorização da região.

Focou primeiramente o problema do ensino, falando da necessidade da instalação imediata da escola normal superior em Bragança e da secção de Trás-os-Montes do Instituto Politécnico, através da implantação em Mirandela da secção desse instituto para ali prevista. E referiu que da rapidez da instalação dessas escolas superiores, depende a preparação dos professores para os ensinos, básico, liceal e técnico, de que tanta carência há na região, e o mesmo quanto aos técnicos indispensáveis ao desenvolvimento económico.

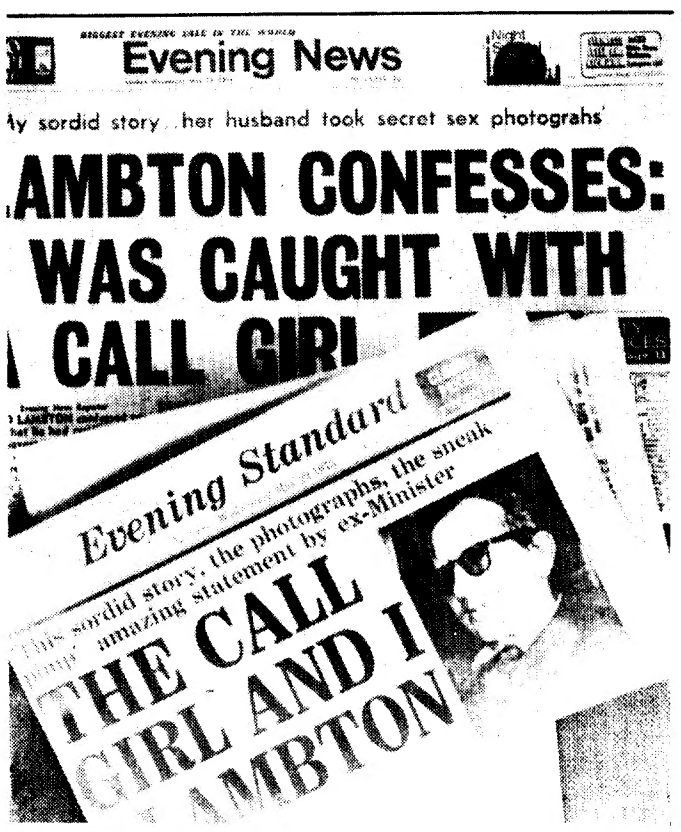
Relativamente ao ensino médio, disse que, naturalmente, se deve promover a adaptação dos cursos existentes às novas formas e orgânicas do ensino e insistiu no conveniente apetrechamento dos centros de apoio rural, em termos de poderem corresponder às exigências do ensino obrigatório.

Quanto ao sector de saúde

Continua na pag. 20

Os moradores de Olivais-Sul querem associar-se

Os moradores do populoso bairro de Olivais-Sul pensam que devem intervir na vida do bairro. Questões relacionadas com espaços verdes, jardins infantis, centros de convívio, abastecimentos à população podem ser estudadas pelos habitantes de um bairro. Convictos de que assim deve ser, cerca de duzentos habitantes reuniram-se para discutir a constituição de uma associação. (Pagina 4).



O novo caso Profumo ocupa as primeiras páginas dos jornais ingleses e nele parecem estar envolvidas mais personalidades britânicas. Lord e Lambton, figura principal do escândalo, e que já se demitiu do cargo de subsecretário da Defesa para a Aeronáutica, declarou aos jornalistas que não tinha sido submetido a chantagem nem pusera em risco a segurança do Estado. Edward Heath falará hoje no Parlamento sobre o escândalo. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Subsídio aos jornais em Itália

ROMA, 24 — (UPI-ANI) — O senado italiano aprovou a lei que concede o subsídio de seis biliões de liras (250 mil contos) aos jornais e às principais Agências Noticiosas Nacionais. O subsídio será distribuido proporcionalmente ao seu consumo de papel em 1972.

Os directores de jornais há muito que se queixam de dificuldades financeiras, e alguns periódicos encerraram ou associaram-se.

Afirma-se que o Governo, entidade que fixa o preço dos jornais, está prestes a aumentá-lo de noventa para cem liras, como há três anos lhe é pedido.

Mãe e dois filhos mortos num desastre na auto-estrada do Sul

. A meio da auto-estrada do Sul e no lugar do Muxito, próximo do Fogueteiro, uma camioneta que, cerca das 8 e 30 de hoje circulava no sentido sul-norte embateu violentamente contra um camião estacionado, do que esultou a morte imediata e uma mulher e duas crianças, de idades compreendidas entre os quatro e sete anos tendo o condutor sofrido apenas ligeiros ferimentos.

As vítimas, ainda não identificadas, eram mulher e filhos do proprietário e condutor do veículo, Alberto António Pereira, de 36 anos, naixeiro viajante, morador na Baixa da Banheira. O veículo, que após o choque ficou transformado numa amálgama de ferros e chapas retorcidas, dirigia-se a Lisboa, transportando bolos e bebidas.

O camião, pertencente à empresa de Transportes btracar, de Vila Nova de Gaia, encontra-se estacionado no local desde ontem, nom um carregamento de alumínio em virtude de se ter partido o eixo do rodado-mor. O acidente teria sido originado pela má colocação do triângulo de sinalização, que se encontrava por cima da carga, ou ainda por o condutor da camioneta ter adormecido ao volante.

O ferido foi socorrido no Hospital de Almada e até cerca das 10 horas os mortos ainda se encontravam no local do acidente. A G.N.R. tomou conta da ocorrência.

DL/GERAL

TEEN-AGERS 73

Termina hoje o prazo de inscrição mas o correio com a data de hoje ainda se aceita

Termina hoje o prazo para a recepção dos cupões de inscrição no concurso para a eleição da Princesa Portuguesa de «Teen-Agers»/1973. Entretanto, informamo s as nossas leitoras retardatárias que se aceitam, ainda, os cupões que nos sejam enviados pelo correio com data de expediente de 24/5/73.

Durante vários dias aqui estivemos, prestando todos os esclarecimentos que julgámos necessários. Respondemos, ainda, a diversas perguntas que nos foram feitas por concorrentes (em potência). Uma das perguntas era, de facto, premente, e serviu para esclarecer uma dúvida que, talvez, por culpa nossa, começava a ganhar forma no espírito das nossas leitoras. Referia-se, essa dúvida, às perguntas que vão ser feitas às «teen-agers» nas provas de selecção e na final, as quais se realizam, respectivamente, no edifício da Bayer e em Tróia (um dia passado nessa pequena península), uma das colaborações que a Torralta presta a este concurso.

Pois vamos, inclusivamente, transcrever a pergunta que nos foi feita ao telefone: **«Vão perguntar coisas muito difíceis, como problemas de Matemática, etc.?** Ora não se trata de nada disso. Foi por essa razão que insistimos bastante em dizer às pessoas que era (e é) muitíssimo fácil concorrer. As perguntas versam temas de actualidade, temas que estão ao alcance de qualquer jovem que viva, de facto, o seu tempo. E... mais nada! Um concurso, portanto, sob o signo da facilidade, como vêem.

Entretanto, cara leitora, e como ainda está muito a tempo, como lhe dissémos acima, voltamos a lembrar que, se é uma rapariga do seu tempo, se nasceu entre 30/6/54 e 1/6/59 e é solteira, candidate-se. Tem todas as possibilidades de chegar à final, de chegar, mesmo, a «Princesa das Teen-agers Portuguesas» e, por consequência, de ir à Turquia passar uma semana em contacto com as finalistas dos outros países que mandam concorrentes ao título de Princesa Mundial das «Teen-Agers».

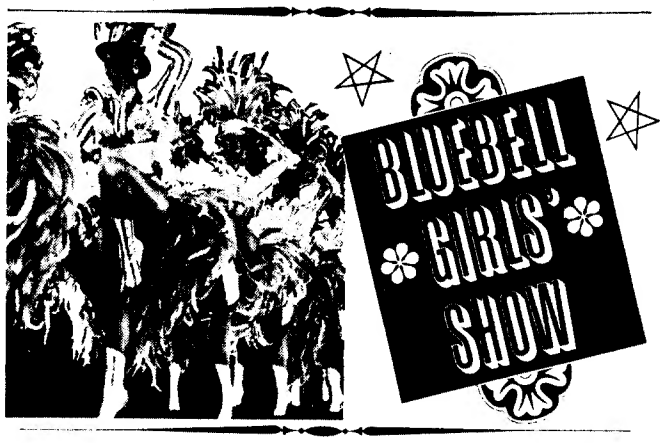
Lembramos, uma vez mais, que este concurso tem a colaboração imprescindível da Torralta e que colaboram, ainda, na sua efectivação, a Bayer, a Timex, e a casa H. Stern. A Bayer oferecerá um vestido a cada uma das finalistas e o almoço no dia da final, em Tróia. A Timex fará a oferta às 10 «teen-agers» que cheguem á final de um relógio. Quanto à firma H. Stern, é oferta dela a coroa que todos os anos tem coroado as várias princesas eleitas.

No Porto

1.ª pré-selecção de calçado

É inaugurada amanhã, às 10 horas, no Palácio da Bolsa do Porto, a 1.ª Pré-selecção do Calçado, iniciativa da F. I. L. e que se integra no âmbito das actividades de promoção da Filmoda-3. À inauguração estarão presentes entidades oficiais e entidades representativas do sector.

Esta amostragem tem por objectivo proporcionar aos fabricantes portugueses de calçado um contacto directo com a moda internacional para a Primavera-Verão de 74, de forma a que a sua promoção possa dirigir-se à procura externa e satisfazer os compradores estrangeiros que se deslocarão à Filmoda-3 — Salão Internacional de Vestuário, Calçado e Adornos — para efectuar as suas encomendas. Estarão presentes no Porto alguns dos mais conceituados modelistas internacionais, além dos especialistas nacionais do Gabinete de «Design», do Centro de Formação Profissional da Indústria do Calçado de S. João da Madeira.



CONTRATO DOS BANCÁRIOS

MAIS 60 DIAS PARA SE CHEGAR A UMA SOLUÇÃO

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência autorizou, por 60 dias (período máximo estabelecido por lei), a prorrogação do prazo de entrega da decisão da comissão arbitral relativa ao contrato colectivo de trabalho entre o Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias e os Sindicatos dos Empregados Bancários dos Distritos de Coimbra, Lisboa e Porto — atendendo às justificadas razões que lhe foram expostas pelo árbitro-presidente daquela comissão, à indiscutível complexidade do problema e ao facto do pedido haver sido formulado unânimemente pelos árbitros.

Uma brigada da D.G.S. atacada em Moçambique

A agência Lusitânia divulgou ontem a seguinte nota oficiosa do Centro de Informação e Turismo de Moçambique:

«No passado dia 21, uma brigada da Direcção Geral de Segurança, quando se deslocava do Canxixo para Sena, em missão de serviço, foi traiçoeiramente emboscada e alvejada pelo fogo inimigo, de que resultou a morte imediata do agente de primeira classe, Luís Martins Marinho, soldado-condutor-auto António Augusto Ribeiro, guarda prisional José Martins Vinagre e cabo auxiliar de primeira classe Francisco Janasse, e ferimentos no cabo auxiliar de primeira classe Filipe Viagem, que não obstante ter sido atingido por um tiro no peito, conseguiu ainda fazer quinze quilómetros a pé e comunicar o acontecido. Evacuado para o hospital de Tete, encontra-se livre de perigo. Desconhecem-se mais pormenores, estando em curso operações com forças militares, em colaboração com o pessoal da mesma D. G. S. O funeral das vítimas efectuou-se hoje, na Beira, após missa de corpo presente na catedral, para o cemitério de Santa Isabel».

DL

PRINCESA PORTUGUESA DAS «TEEN - AGERS» 1973

COM A COLABORAÇÃO DA

TORRALTA - TROIA

CUPÃO DE INSCRIÇÃO N.º _____

NOME _____

_____

MORADA _____

_____ TELEF. _____

LOCALIDADE _____

DIA DO NASCIMENTO ___ DE _____ DE 19__

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE _____

Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto ou a cores) e envie para «Diário de Lisboa» — Teen - Agers — Rua Castilho, 185 - 1.º — Lisboa 1

BAYER

DL/OPINIÃO

Contemporâneo não é moderno

Não é enquanto dormimos que temos consciência do sono em que nos afundámos, mas quando começamos a acordar. Aí, se ao mesmo tempo nos ocorre que algum trabalho tínhamos deixado por fazer, damo-nos a lamentar o tempo perdido e perguntar a nós próprios: «Mas como foi possível ter dormido assim?» E não sabemos encontrar respostas ou encontramo-las tão óbvias que nos envergonha aceitá-las como justificação de uma inércia já indesculpável aos nossos olhos. Bom sinal é esse, salvo quando nos recusamos a tirar a lição da experiência e nos dispomos a cair no sono outra vez...

Não seja o caso das decisões agora tomadas a respeito do chamado Museu de Arte Contemporânea, que, tal como tem vivido (ou dormido) não merece o nome de museu e muito menos o de arte contemporânea... Durante muitos anos se reclamou contra aquelas instalações, aquele recheio, aqueles conceitos museológicos, e tudo em vão. Empedernidamente reagiam as direcções, desde a do próprio museu (imediata) à superior (distante), e o caso já parecia definitivamente perdido: o abandono por parte do público transformara as penumbrosas salas num deserto apenas povoado pelas melancólicas sombras dos guardas, a quem apenas haviam ensinado a seguir os raros visitantes, de medo que estes roubassem o Columbano, o Portinari, o Soares dos Reis... ou o Medina.

Eis senão quando se tomam decisões com a mesma naturalidade com que se não tomavam antes, e eis que quase diríamos que das mesmas pessoas vem o decidir e o não decidir, o que alguma perplexidade causa, por tornar muito mais difícil ao público a previsão dos acontecimentos e menos praticável o direito de pedir explicações a quem de direito. Mas, enfim, foi resolvido tomar «providências imediatas quanto às instalações daquele museu, decidindo-se iniciar desde já os estudos de obras urgentes e, também, de um programa de novas instalações a realizar no âmbito do IV Plano de Fomento». E também determinou o secretário de Estado da Instrução e Cultura «a organização de uma série de exposições itinerantes, destinadas a mostrar ao País as principais colecções do museu». E foi ainda «resolvido elaborar um plano de recuperação de obras arrecadadas ou depositadas».

Não faltam projectos nem trabalho, como se vê. Começando nós pelo fim, só há que aplaudir o propósito de sondar os depósitos do museu, onde existem obras que praticamente deixaram de ver a luz do dia a partir do momento em que foram adquiridas ou doadas. E quanto às exposições itinerantes, seríamos nós os últimos a contestá-las (embora aconselhássemos prudência), mas parece-nos que igualmente se impõe ver o que se passa pelos museus já existentes da província em matéria de recheio, com vista a melhorá-lo, e de funcionamento, com vista a desfazer absurdos, como o do Museu de Aveiro, em que não entram visitantes sem que o guarda acabe de dar a volta com os visitantes que lá estejam dentro...

No que toca a instalações, bem está que se renovem as velhas e levantem novas, mas alguma surpresa nos causa não ver, na nota distribuída à Imprensa, qualquer alusão à gritante incongruência que representa (digamo-lo uma vez mais) a falta de um museu de arte moderna no nosso País. Continua a considerar-se que o Museu de Arte Contemporânea é «contemporâneo» mesmo? Será esse um deliberado modo de travar o acesso da arte moderna aos museus? Ou presume-se que não temos arte moderna? Ou, presumindo-se que sim, considera-se que é assunto que apenas respeita aos particulares e às suas particularíssimas colecções? Ou, tendo em conta o preço por que hoje se vende cada centímetro quadrado de obra de arte, o Estado hesita em lançar-se na criação de um museu de arte moderna que muitos milhares de contos viria a custar em construção, instalação, recheio e apetrechamento?

De tudo isto haverá provavelmente um pouco na omissão da agenda de trabalhos do secretário de Estado. Mas ignorar estas questões é ceder uma vez mais à tentação do antigo sono, de que temos agora consciência precisamente porque começamos a abrir os olhos...

Contra o automóvel

Cinco associações franceses lançaram uma verdadeira declaração de guerra ao «automóvel que mata, automóvel que custa caro, automóvel sem sentido económico».

As cinco associações são: «Os Direitos do Peão, «As Vítimas dos Acidentes de Estrada», «Os amigos dos Diminuídos Físicoa», «A Associação dos Viajantes» e «Os utentes dos Transportes da Região Parisiense».

Estas cinco associações, que contam 30.000 membros no total, realizaram uma conferência de imprensa no anfiteatro do Instituto Pasteur.

Trata-se de um verdadeiro «comando anti-automóvel» que pediu pela primeira vez o limite da produção e da venda dos automóveis, limite generalizado da velocidade, um reforço das sanções contra os maus condutores e a reabilitação dos transportes colectivos. A luta promete ser quente, dado que estas associações decidiram organizar um «Dia dos Peões na Rua», em 5 de Junho próximo, e um «contra-salão do Automóvel» anunciado para Outubro.

Um economista de renome, Alfred Sauvy, membro do conselho económico e social, afirmou pelo seu lado que um afrouxamento da indústria automóvel não provocará forçosamente desemprego, «porque milhões de pessoas poderão encontrar emprego fora do sector automóvel». Philippe Saint-Marc, professor no Instituto de Estudos políticos, quanto a ele, fez notar que, desde a libertação da França, o automóvel matou mais franceses do que Hutler e mutilou mais do que a guerra de 1914/18.

Armas dos E.U.A. para o Koweit

O emirato do Koweit vai firmar um contrato de compra de material militar americano no valor de 500 milhões de dólares, anuncia o «Washington Post», citando fontes oficiais do seu exército, cujos efectivos são actualmente de 7.000 homens, dispondo de 80 tanques de modelo antigo e de duas dezenas de jactos.

Segundo o jornal, deverão ser fornecidos pelos Estados Unidos 160 tanques modernos do tipo «M-60», 32 caças supersónicos «F-8 Crusader», 150 mísseis terra-ar «Hawks», 800 mísseis guiados anticarro, alguns helicópteros e material destinado à construção de instalações, como pistas de aviação e centros de comunicação.

Trata-se do segundo contrato de armamentos de grande envergadura firmado pelos Estados Unidos com um estado de Golfo. O primeiro foi concluído em princípios de 1972 com o Irão, que adquiriu Equipamento militar americano no valor de dois biliões de dólares.

Filipinas: bases vitais

Os Estados Unidos esperam manter as bases militares nas Filipinas, que consideram vitais para segurança norte-americana e asiática — afirmou o embaixador norte-americano nas Filipinas, Henry Byroade, que acrescentou:

«Os Estados Unidos, òbviamente, encaram a base aérea de Clark e a base naval de Subic como muito importantes, não só do ponto de visita da segurança norte-americana, mas também do ponto de vista da segurança dos países asiáticos, incluindo as Filipinas».

QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

Que reino?!

Como preâmbulo os primeiros acordes de uma velha canção, «Sombre dimanche»; ou daquela outra «Les enfants s'ennuyent le dimanche».

Segue-se imediatamente o monólogo.

Claro, a maioria das crianças sempre se aborreceu ao domingo. Sobretudo na classe média urbana, de remediados recursos, fraca imaginação, e convívio nulo para além dos familiares.

Mas há aborrecimento e há tortura. Isto a que venho assistindo — é a quarta vez em tão pouco tempo, classifico-o de tortura. Para ambos os lados, naturalmente.

— Para o pai e para o filho, os dois em questão.

Não estou ainda sentada à secretária. Levanto o copo da mesa do restaurante e levo-o à boca.

Na fila a seguir, quase perpendicular a nós, o suficiente para observarmos o espesso perfil do pai e o rosto todo da menina, senta-se outro desses sombrios pares formado por um homem à roda dos quarenta anos e pela sua filha pequena.

Ele já pagou a conta e vão levantar-se. Ela bebe a última gota da laranjada com que acompanhou o bife que tanto trabalho lhe deu a cortar, triste, apagada, muda, como durante toda a refeição, em que não trocaram uma palavra. Ela bem fitara o pai, enquanto mastigava sem gosto, mas ele olhava sobretudo para o prato, talvez porque a menina fosse a cara chapada da mãe, quem sabe, ou porque quisesse acabar depressa aquele horrível almoço, seu direito dominical, como ficara acordado.

E a rapariguinha, sem o estímulo de uma pergunta, de um sorriso, de uma história, intimidava-se e recolhia-se também ao silêncio, a um silêncio desanimado. São quase três horas, o pai vai talvez levá-la a uma «matinnée», onde poderá continuar a cultivar a mudez com que ali a maltratou. Ou então condu-la rapidamente a casa da sua própria mãe, que a receberá beijando-a com os mesmos lábios do filho, apertados em permanente censura, e lhe fará, essa sim, muitas perguntas, tantas e tais, que a menina piscará os olhos e desejará com toda a força que o tempo passe, o dia passe, e volte o pai para a reconduzir no carro, e volte o silêncio.

Mas já ontem num lugar tão diferente deste pequeno restaurante de bairro, nesse café-delta onde desaguam famílias numerosas em carência de pessoal doméstico; onde chegam os casais de sábado à noite (jantar-cinema-cama) e onde chegamos muitos de nós, já ontem, ali mesmo ao nosso lado, me fora um martírio assistir à relação de silêncio entediado que separava pai e filho. Sofremos esse silêncio, compartilhámo-lo.

O pai era mais jovem do que este, e o menino teria oito anos, menos dois talvez que a menina de hoje. O pai, corte de cabelo fresco, «à francesa», muito vivo e cordial ao falar com os empregados, mudo e inexpressivo quando eles se afastavam. A criança ainda formulou duas ou três perguntas ao pai. Como recebesse apenas monossílabos por resposta, e uma delas foi mesmo um grunhido, desistiu. O «laço» no colarinho impecável e a camisola muito bordada queriam dizer apenas, para lá do mau gosto, que a mãe velava, zelosa, pelo arranjo e apuro do menino. «Não, que eu quero que o teu pai veja como és bem tratadinho, nada te falta, como te trato das roupas, como te trago no mais puro do asseio, assim como o trazia a ele...»

Porque a mãe fala muito com ele. Às vezes fala para ele e é para si que fala, não precisa de resposta, mas outras não, faz as perguntas e espera as respostas e conversam como se ele fosse uma pessoa crescida. Deve ser isso que lhe desenha aquela expressão meiga e repousada. Tem olhos escuros enormes, as pestanas curvam lentamente — eu via o seu perfil de falua — e o cabelo liso, preto, bem lavado, cobre-lhe a testa em pesada melena.

Quando ontem saímos eles ainda ficaram. E o menino, que desistira de se dirigir — em vão — ao pai, entretinha-se, com um meio sorriso plácido, a olhar e a escutar duas rapariguinhas que noutra mesa tagarelavam, divertidas, no meio de gente de idade. Já não estava com o pai, estava com elas.

Mas os outros pais, dos outros sábados e dos outros domingos somam-se agora a estes dois mais próximos e a sua lembrança reforça a aflição. Um, querendo que o filho não fosse lesma e comesse «rápido, rápido!», que ele tinha mais que fazer nessa tarde. Outro, membro dos Mudos, esmagando com a sua distância ou recusa o peito do filho, que nada conseguia engolir.

Afinal, digo para comigo, há também, apesar de tudo, aquelas canções em que os pais conversam com o filho e se lhe dirigem intimamente, cuça-se este último Reggiani do «petit Simon», pequeno a quem se ensina a vida possível no mundo impossível. Um filho «que lhe dava pela cintura e agora lhe dá pelo coração». Mas do lado de fora da música qualquer filho pode, parecia-me, bater pela altura do coração do pai.

Ora o pai de hoje acaba de sair, no mesmo alheamento em que se manteve, sem ao menos voltar a cabeça para ver se a filha o segue. E eu pouso por fim o copo na mesa, em silêncio, amargurada.

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

O FIM DE UMA ILUSÃO

Foi num ambiente triste e sem entusiasmo que os deputados alemães-ocidentais ratificaram o tratado fundamental assinado com a R.D.A. em Dezembro de 1972, e autorizaram o governo de Bona a apresentar a candidatura da Alemanha Federal à O.N.U. Esteve-se longe da exaltação que precedera, o ano passado, as votações dos tratados de Moscovo e de Varsóvia. O resultado do escrutínio não suscitava, é certo, quaisquer dúvidas — na medida em que a coligação dispunha de uma maioria confortável no Bundestag — mas o chanceler Brandt desejava uma aprovação clara e nítida antes de receber Brejnev alguns dias depois. A ratificação do tratado fundamental e a «normalização» das relações germano-checoslovacas, que parecem no bom caminho, permitirão, além disso, o estabelecimento de relações diplomáticas entre, por um lado, a República Federal e, por outro, a Hungria e a Bulgária.

E certo que os argumentos invocados no decurso do debate não se distinguiram pela originalidade, e o antigo chanceler Kissinger, promovido a porta-voz da oposição após a demissão de Rainer Barzel, chegou mesmo a pregar a cruzada contra o comunismo na «outra parte da Alemanha», empregando assim palavras que se julgava

Continua na pag. 16

DL/GERAL

Moradores dos Olivais Sul defendem os seus interesses

«O nosso bairro, como muitos outros da zona periférica da cidade, não oferece condições para viver» — sublinhou o sr. José Mendonca, durante a reunião efectuada no salão anexo à igreja de Olivais Sul, com vista à criação de uma Associação de Moradores daquele bairro, à semelhança das já existentes nos bairros de Santo António dos Cavaleiros e Alfragide. Prosseguindo, afirmou, nomeadamente: **«As pessoas do bairro não convivem. Não olham sequer para o vizinho da rua. Mas a verdade é que não temos tempo para conviver. Saímos de manhã para o trabalho no nosso automóvel. E assim cada um procura resolver o seu problema individual. Ora muitos são os problemas comuns, desde os transportes ao convívio. É pois este conjunto de problemas, e sobretudo a sua solução, que estimulam a criação de uma associação deste género.»**

Além dos elementos da comissão para a criação da Associação, estiveram presentes cerca de duzentos moradores do bairro, alguns dos quais apresentaram as mais variadas sugestões para a concretização da ideia, tendo ficado assente a escolha de alguns dos nomes dos presentes para se constituir a comissão organizadora daquela agremiação. A reunião foi moderada por um morador do bairro, o dr. Terena Valente.

Propõe-se a Associação de Moradores de Olivais Sul, como ali foi largamente salientado, defender os interesses comuns dos habitantes daquele bairro e promover a convivência entre as pessoas. Estes objectivos, foi referido, só podem ser materializados com a criação de uma sede, onde todos os associados tenham papel activo na detecção e resolução dos problemas locais, numa campanha de solidariedade.

A presença de duas centenas de pessoas, para um bairro que actualmente conta com cerca de 50 000 habitantes, foi considerada por várias presentes pouco satisfatória, tendo, consequentemente sido apontada a necessidade da difusão da ideia, quer através do contacto directo, quer através da afixação de cartazes em lugares públicos e da emissão de prospectos para distribuição de porta em porta.

Outro ponto focado foi o das necessidades materiais que irão surgir à Associação, sendo o problema solucionado com uma cotização entre os associados. Os problemas locais que mais mereceram a atenção dos presentes foram: a falta de transportes públicos eficientes, a inexistência de convívio entre as pessoas, e a existência da indústria petroquímica, que constitui um perigo para a saúde pública.

Sobre a possibilidade de obter apoio das entidades oficiais para a concretização da ideia, variadas foram as opiniões, sendo umas concordantes e outras não, baseando-se estas no facto de que **«uma Associação deste género, para não comprometer a sua eficácia e linha de rumo, deveria vingar pelos seus próprios meios.»**

Outra intervenção de interesse foi a do dr. Neves e Castro, que, das suas considerações fez ressaltar a dimensão daquele aglomerado populacional, sublinhando que, por isso mesmo, os **«problemas não deveriam ser vistos sob o prisma dos de um bairro, porque o dos Olivais têm uma dimensão muito maior.»**

A comissão para a criação da referida Associação já tem quase concluídos os respectivos estatutos, que serão apresentados numa próxima reunião.

CONHEÇA A
EUROPA
EM AUTOCARRO
VIVA AS SUAS FÉRIAS DESTE ANO.
VIAGENS ACOMPANHADAS POR GUIAS COMPETENTES
Acomodações em bons Hotéis

CIRCUITO MADRID E ANDALUZIA — 7 dias 4.380$00

GRANDE CIRCUITO EUROPEU — 25 dias 11.200$00

CIRCUITO ESTADOS UNIDOS E CANADÁ — 15 dias 18.670$00

CIRCUITO DA RÚSSIA — 16 dias 16.800$00

CIRCUITO DA JUGOSLÁVIA, HUNGRIA, CHECOSLOVÁQUIA E ÁUSTRIA — 10 dias 12.600$00

CIRCUITO ESCÓCIA CLÁSSICA — 7 dias 5.730$00

E MUITOS OUTROS DESTINOS

PEÇA-NOS BROCHURA INFORMATIVA

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI STAR

STAR

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Lisboa · Estoril · Porto · Faro · Funchal · Luanda

TRÊS LOJAS ASSALTADAS EM MENOS DE MEIA HORA NOUTRAS TANTAS LOCALIDADES

Três montras arrombadas e outros tantos estabelecimentos furtados, respectivamente na Pontinha, Bairro do Bosque e Amadora, foi o saldo de uma noite de Primavera.

Na primeira localidade os moradores queixaram-se da falta de vigilância nocturna o que transforma a Pontinha em campo aberto para a actividade dos assaltantes. De tal modo a sua actividade é profícua que algumas companhias seguradoras retraem-se a fazer seguros contra roubos nessa zona.

Entretanto, os assaltos agora verificados, uma rápida sucessão de furtos em três localidades no curto espaço de meia hora, leva a supor tratar-se do mesmo grupo.

Na Pontinha, foi arrombada a montra de um estabelecimento de confecções, na Praça D. João, 12-E, com uma pedra envolta num pano. O ruído dos estilhaços alertou um guarda da P.S.P. que estava de guarda a uma obra. Os indivíduos, que entretanto já haviam retirado cortes de fato e camisas para homem no valor de 12 mil escudos, ao pressentiram a chegada do guarda meteram-se dentro de um carro branco que os esperava com um companheiro ao volante e o motor a trabalhar, fugindo em direcção à Amadora, apesar dos cinco tiros que o agente disparou a fim de os intimidar. Pouco depois, novo assalto no estabelecimento da Rua Elias Garcia, letras AAM, no bairro do Bosque, pertencente a Feliciano Francisco Alves de Brito, donde se apoderaram de treze cortes de fazenda no valor de dez mil escudos. A última loja assaltada foi uma casa de electrodomésticos, também na Av. Elias Garcia, 380-A, no troço Amadora-Queluz, donde retiraram da montra alguns televisores portáteis, não prosseguindo na sua actividade em virtude de uma vizinha ter dado pelo ruído de vidros partidos e chegando à janela depara-se-lhe o espectáculo de três vultos a transportarem coisas para um carro, dando então o alarme. Mesmo de noite conseguiu anotar a matrícula do carro. Quando a P.S.P. acorreu tinham-se esfumado os vestígios da sua presença e as pesquisas efectuadas para os encontrar mostraram-se infructíferas.

POSTO DA PREVIDÊNCIA ASSALTADO EM OEIRAS

Indivíduos não identificados assaltaram, esta madrugada, as instalações dos Serviços Médico-Sociais da Caixa de Previdência, na Rua Elias Gracia, 4, em Oeiras, furtando duas máquinas de escrever, uma máquina de somar electrónica e ainda uma caixa com esferográficas de várias cores, tudo avaliado em cerca de trinta contos.

A Judiciária investiga.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

29.786	**9.600.000$00**
26.158	**900.000$00**
9.709	**300.000$00**

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

29.785	**34.140$00**
29.787	**34.140$00**

PREMIOS DE 30.000$00

1.706; 2.001; 2.643; 3.166; 5.881; 9.818; 11.317; 12.993; 13.629; 15.656; 16.049; 16.153; 16.383; 18.175; 19.740; 22.316; 23.210; 24.692; 32.052; 34.145; 41.164; 42.944; 43.884 e 49.614

PREMIOS DE 960$00 (CENTENAS)

9.701 a 9.800; 26.101 a 26.200 e 29.701 a 29.800

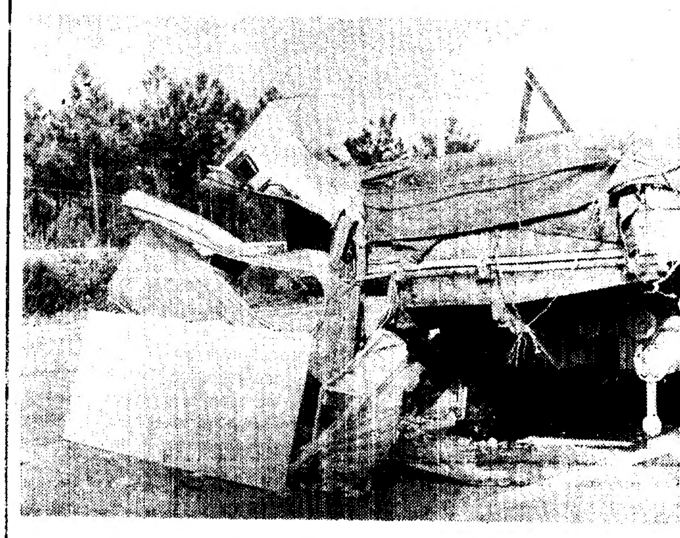
PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 074, 087, 100, 428, 523, 613, 658, 705, 711 ou 957, são contemplados com 1.200$00, em cada bilhete. Os que tenham os dois algarismos finais em 66 são contemplados com 1.560$00 e, em 12, com 960$00. Finalmente, os números cujo último algarismo — terminação — seja 6, têm direito a 600$00, de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial

Os 9.600 contos da Sorte Grande foram distribuídos aos balcões da Casa da Sorte

O Quiosque Tivoli vendeu o 3.º Prémio 9708 — **300 contos**



O desastre na auto-estrada

Só depois das 10 horas de hoje foram retirados do local do acidente, perto do Muxito, os cadáveres das três vítimas do desastre ocorrido esta manhã, de que damos notícia na primeira página. Entretanto, podemos já fornecer a identificação dos mortos: Julieta Cerqueira Salgado Pereira, de 24 anos, casada com o condutor da camioneta que foi embater no camião estacionado; e os filhos do casal, [illegible] Maria [illegible] e Alberto Carlos, de [illegible]. As duas fotos documentam a impressionante violência do embate [illegible] carroçaria, prendendo consigo [illegible] vítimas da tragédia

ROMA

AMANHÃ — ESTREIA

NA TRADIÇÃO DE UMA LUTA SEM TRÉGUAS...

DOM CAMILO E OS JOVENS DE HOJE

GASTONE MOSCHIN LIONEL STANDER

TECHNICOLOR realização de MARIO CAMERINI GRUPO 3 · 10 ANOS

DIA 31 DE MAIO

NO SHERATON HOTEL

JANTAR DE GALA

Reaparição em Portugal depois do triunfo extraordinário obtido em Nova York, Tóquio e Paris de

AMÁLIA RODRIGUES

e ainda a orquestra de dança de

SHEGUNDO GALARZA

Reserva de bilhetes no Hotel

TV — DL/ESPECTÁCULOS

BELLAMY: CRÓNICA EDIFICANTE

Admite-se que *Bellamy* não possua o virtusismo técnico da *Família Forsyte*. Verifica-se que lhe faltam os grandes nomes da cena e da televisão britânicas. Os investimentos colocados nas duas séries dificilmente encontram comparação. Como não sofrem comparação os meios utilizados pelas relações públicas ao nível da promoção europeia: a família Forsyte já era falada e conhecida antes de ser feita; *Bellamy* teve de abrir caminho por seu pé. Acresce que *Forsyte* trazia a marca BBC com tudo quanto isso representa de fiança de qualidade.

Com tudo isto pode imaginar-se que o actual folhetim da quarta-feira não alcance entre nós a popularidade da ilustre extinta. Ainda por uma razão mais, e essa a mais importante.

Como se sabe, assistíamos nos folhetins anteriores à maturidade e ao declínio de uma velha e rica família inglesa, representativa da clássica família britânica dominadora do comércio e da indústria, manobradora das bolsas, das especulações, construtoras do Império. Tudo se passava num ambiente requintado, onde a representação dos grandes actores era mais um motivo de admiração das audiências pacóvias, de olhos abertos para as *toilettes* para os grandes gestos, para os grandes e pequenos amores.

Pela razão apontada, as classes mais baixas da população vibram com aventuras das *senhoras* e *senhores*. Riem com as suas gargalhadas, choram com as suas lágrimas, arrepelam-se com as suas desgraças. Aqui lhe repetem uma palavra, ali lhe copiam um gesto, acolá lhe macaqueiam uma expressão. Se a senhora é abandonada, cruzam os dedos: coitadinha! Se a menina apanha uma lamina, protestam: pobrezinha! Se o banqueiro perde umas grandecíssimas coroas na especulação, quase se dispoem a fazer uma colecta ó tio ó tio para acudir ao afogado em ouro.

O MUNDO QUE ESTÁ A MORRER

...E no entanto este folhetim das quartas-feiras tem provado merecer a atenção popular. Em primeiro lugar, procedem a uma denúncia da servidão naquilo que há nela de mais objecto: uma como que espécie de identificação com as classes que servem e das quais tomam, em grande parte, os vícios e os preconceitos. Em segundo lugar, mesmo quando o ângulo de visão dos servidores se confunde com o dos senhores, não assistimos a uma apologia, mas a uma denúncia

Ontem vimos como os grandes senhores consideram os criados e criadas como seres... doutra espécie. São uns animaizinhos que devem tratar-se bem, e nada mais. Trata-se bem, quer dizer: não os deixar morrer à fome, não lhes bater muito, etc. E seguindo os preceitos da rainha Alexandra, mulher de Eduardo VII, vão ao ponto de proporcionar aos seus criados um piquenique em carruagem pública. É o máximo até onde podem ir; por enquanto não se dignarão ainda descer até à cozinha ou aos quartos dos criados, como também já fizera a rainha Alexandra, pessoa um tanto excêntrica...

Estamos, porém, nos princípios do século. A Grande Guerra de 1914-18 aproxima-se a passos largos. O corpo de Emília, que balança suspenso da trave do seu quarto, é um símbolo, uma indicação de que certo mundo está a morrer.

Por MÁRIO CASTRIM

3 HORAS NO TEJO A C. P. informa:

de que em colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa, organiza aos domingos, desde 27 de Maio até 26 de Agosto, passeios no Tejo, numa das nossas embarcações.

PREÇOS:

Por passageiro adulto	18$00
Criança	9$00

HORÁRIO

Embarque na estação de Terreiro do Paço	15 horas
Desembarque na mesma estação ...	18 horas

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Terreiro do Paço).

EXCURSÕES CP

MADRID — Festas de St.º Isidro 73

Partidas colectivas em 19 e 26 de Maio

★ **Partida de Lisboa** — St.ª Apolónia, às 21.10, no «Lusitânia-Expresso».
★ Assistência e transferência de autocarro da estação da Atocha/Hotéis e vice-versa.
★ Hotéis no centro de Madrid, em regime de pensão completa ou residencial.
★ Espectáculo nocturno num famoso «cabaret» da capital espanhola.
★ **Regresso de Madrid**, em 23 e 30 de Maio, respectivamente, à noite (22.30), no «Lusitânia-Expresso».
★ Possibilita-se o prolongamento de mais dias em Madrid, e o regresso, de dia, no comboio Ter.

PREÇOS POR PESSOA (TUDO INCLUÍDO)

	HS ***	H *** (1.ª cl.)
Pensão completa ...	1790$00	2250$00
Quarto e peq. almoço	—	1450$00

EXCURSÕES INDIVIDUAIS — Partidas diárias nos comboios Ter e Lusitânia-Expresso, também a preços aliciantes.

Redução para crianças e para grupos de 10 ou mais pessoas.

Informações e folhetos descritivos:
★ Estação de Lisboa-Rossio
★ Estação de Santa Apolónia
★ Rua do Arsenal, 124-1.º — Lisboa

Organização, Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, 24
às Janelas Verdes

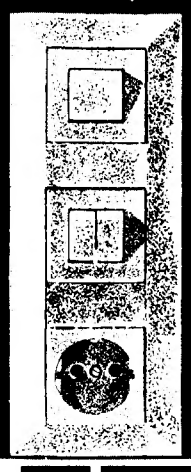
Hoje e todos os dias às 22 h. sab. e domingos 16 horas

A DANÇA DA MORTE EM 12 ASSALTOS

Com Carmem Dolores, Augusto Figueiredo e Álvaro Benamor
Encenação de Jorge Listopad. Marc. Tel. 677299
Maiores 18 anos, Subs. Fundo Teatro

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS — Tel. 280919
AS 22 HORAS
FUENTEOVEJUNA
de LOPE DE VEGA
NATÁLIA CORREIA
Ptr. J. T. Costa do Sol
Subs. F. do Teatro e F. C. Gulbenkian
Domingos só às 17 horas
2.ª feira descanso da C.
(Adultos)

APARELHAGEM PARA INSTALAÇÕES



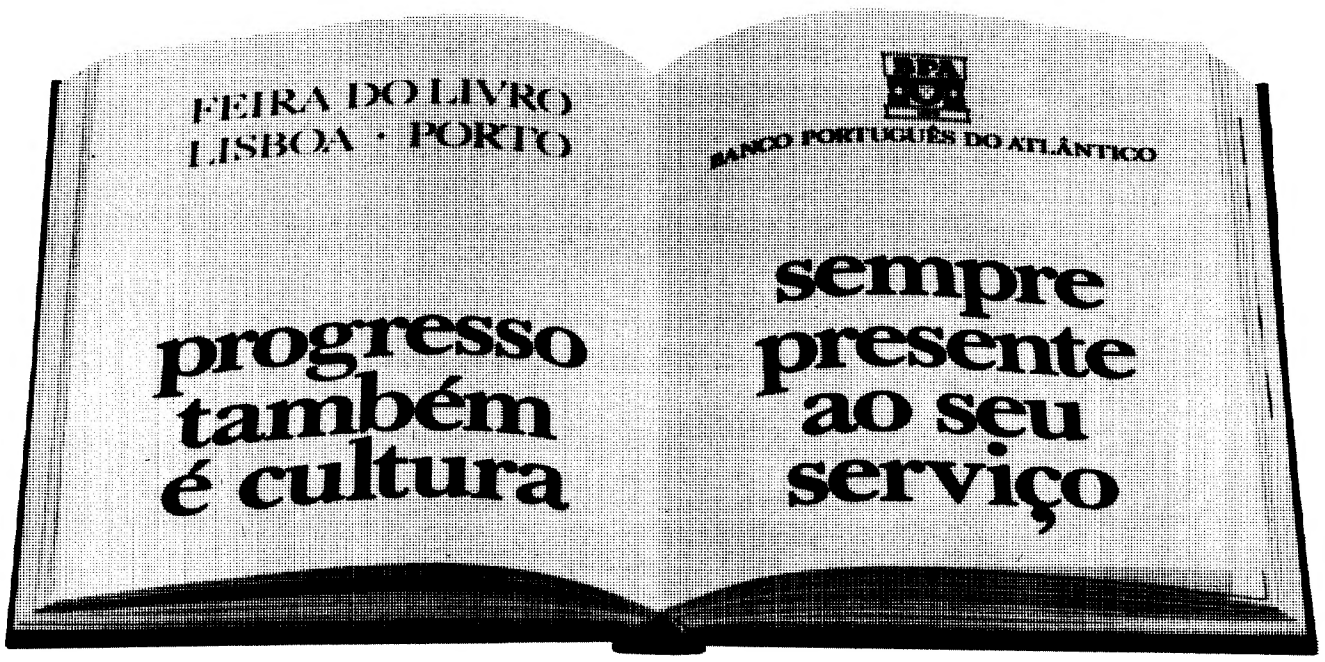
JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

UM ESPECTÁCULO INDISPENSÁVEL HOJE, às 21.45
«OS BONECREIROS»
representam
A COMÉDIA MOSCHETA
de RUZANTE
NOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS LISBONENSES
(R. Camilo Castelo Branco, 33)
Montagem subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian — Grupo D

Solenize a
PRIMEIRA COMUNHÃO
com uma

MEDALHA-RELÓGIO
(OURO OU PRATA DE LEI)
Uma prenda maravilhosa
MARCA A HORA E O MINUTO EXACTOS E A DESCRIÇÃO DO ACONTECIMENTO
CRIAÇÃO E FABRICO L BONFIM
A VENDA NAS BOAS OURIVESARIAS

Estamos de novo ao serviço do público e da actividade editorial ao colaborar com o Grémio Nacional dos Editores e Livreiros nas Feiras do Livro de Lisboa e Porto. Com a nossa presença nestas iniciativas participamos, também, no esforço de valorização cultural do país.



BPA 1919

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

DL/ESPECTÁCULOS

IX Festival da Canção do Minho

Foram já escolhidos os intérpretes para as dez canções que serão apresentadas no «IX Festival da Canção do Minho» durante um espectáculo que se realizará no próximo dia 2 de Junho, no Teatro Jordão em Guimarães. São os seguintes:

Grupo A — «Maria Trigueira», de Sérgio Santos e Luís de Montejunto, por Manuel Vargas; «Maria, Princesa e Rainha», de Jorge Alberto Martins de Barros, por Zédico; «Estrada Branca», de Carlos Canelhas e Joaquim Pedro Gonçalves, por Domingos Melo; «Por Estes Prados Me Vou», de Carlos Canelhas e Joaquim Pedro Gonçalves, por Jorge Palma; «Cantiga P'ra quem Está Longe», de Braga Santos e Fernando Peres, por António Calvário; «Olha Amigo», de Joaquim Fernandes e Maria Helena Oliveira, por Luís Romão; «Daqui Para Ali», de Carlos Fernandes Resende Dias, por Mini-Pop; «Canta Ao Mundo», de Rocha Oliveira e Elisa Oliveira, por Diamantino.

Grupo B — «O Amola Tesouras», de Joaquim Fernandes e Rogério Coito, pelo Trio Boreal; «Com o Minho À Beira», de Rocha Oliveira e Elisa Oliveira, por Dina do Carmo.

Cursilho de cultura cinematográfica no I.A.D.E.

Depois de terem começado as aulas do Curso Prático de Seriografia, inaugurado recentemente no IADE, sob a orientação dos artistas gráficos Luís Garcia e José Manuel Mann, vai agora realizar-se no Instituto de Arte e Decoração, com início no dia 4 de Junho, um cursilho de cultura cinematográfica que terá aulas todas as 2.ªs e 4.ªs feiras às 18.30 horas, até meados de Julho.

Este curso que se destina a uma formação e a uma informação rápida e de base, com sessões alternadas de teoria e de informação comentada de filmes clássicos ou sobre as origens do cinema, será regido pelo realizador António de Macedo.

As inscrições para os cursos de seriografia e cultura cinematográfica estão abertas na Secretaria do IADE, Palácio Quintela, R. do Alecrim, 70, tel. 367430.

CRÍTICA DE CINEMA — Lauro António

O OESTE POR "MIÚDOS"

Título: DINHEIRO TROCADO (Pocket Money)
Realização: Stuart Rosenberg, 1972 (E.U.A.)
Intérpretes: Paul Newman, Lee Marvin, Strother Martin, Christine Belford, etc.
Distribuição: Sófilmes
Estreia: Cinema Império (17-5-73).

Título: A MORTE CHEGA A ASSOBIAR (The Creeping Death)
Realização: Mário Bianchi, 1971 (Itália)
Intérpretes: Robert Wood, Susan Scott, Frank Brana, etc.
Distribuição: Mundial Filmes
Estreia: Cinema Politeama (18-5-73).

Título: EMPRESTA-MA... POR QUINZE DIAS
Realização: Fernando Merino, 1972 (Espanha)
Intérpretes: Alfredo Landa, Conchita Velasco, José Luís Lopez Vasquez, Gracita Morales, etc.
Distribuição: Imperial Filmes
Estreia: Cinema Odeón (17-5-73).

Título: O PISTOLEIRO ESQUECIDO
Realização: Ferdinando Baldi, 1971 (Itália)
Intérpretes: Leonard Mann, Luciana Paluzzi, etc.
Distribuição: Filmes Castello Lopes
Estreia: Cinema Olympia (21-5-73)

O fim da passada semana e o início da presente revelaram-se promissores para o espectador de Lisboa que gosta de bom cinema. Assim, tivemos a estreia de obras indispensáveis como o são **Masculino-Feminino**, de Jean Luc Godard (de que falaremos amanhã); **O Tio Vânia**, do russo Andrei Mikhalkov Kontchalovsky (de que Raul Calado já aqui disse o que achou justo dizer e que nós, muito pelo contrário, julgamos ser uma obra importantíssima no actual cinema soviético), a que se juntam outras duas películas, de origem espanhola: **O Encanto Discreto da Burguesia**, de Luís Buñuel e **Casa sem Fronteiras**, de Pedro Olea (de que falaremos depois, mas cujas referências, que nos chegam, desde já o colocam na lista dos filmes pelo menos... importantes. A acrescentar a este memorando, vimos ainda muita outra fita de consumo que mais nos não merece do que a referência da praxe. Estão neste caso o último «delicadinho» a chegar à tela do Odeon (**Empresta-ma... por 15 Dias**, de Fernando Merino, historieta ideiota de um emigrante que regressa à sua terra natal, com uma corista contratada que faz passar por sua mulher...) e dois **westerns** italianos, projectados entre nós em versão inglesa, para enganar o pagode: **A Morte Chega a Assobiar**, de Mario Bianchi (onde aparece uma espectacular «quadrilha das serpentes») e **O Pistoleiro Esquecido**, de Ferdinando Baldi (mais uma história de vingança, com Luciana Paluzzi de permeio...). Tudo muito mau, pior que as cobras (no caso vertente: pior que as serpentes).

Filme falhado, mas interessante, será **Dinheiro Trocado**, de Stuart Rosenberg (o realizador de **O Presidiário**, de **Os Loucos do Amor**, de **Move** e de **WUSA0. wester** actual, **Pocket Money** dá-nos um retrato nada romanceado do Oeste americano nos anos 70. Acerca desta película, ligeiramente cómica, de Rosenberg, poder-se-ia até falar numa possível desdramatização do **western**, que deixa de ostentar uma linha de acção contínua (como era seu apanágio nos bons velhos tempos dos **clássicos**), para se preocupar sobretudo com a análise de duas figuras, não tanto numa tradição psicológica (que o **western** também já explorara), mas predominantemente através da fixação de momentos anódinos de um quotidiano efectivamente incaracterístico.

Jim Kane (Paul Newman) sofre um violento dissabor, quando chega a uma cidade do interior dos E.U.A., com os seus **appaloosas** de estimação e descobre que quatro de entre eles se encontram doentes, com uma espécie de gonorreia. Em vez de trocar o fruto do seu trabalho pelos apetecíveis **patacos**, os seus cavalos vão parar a uma quarentena forçada, durante sessenta dias. Sem dinheiro, a situação é aflitiva, até que surge um **biscate** para preencher o tempo de espera: ir ao México buscar gado para **rodeos**. Mas o patrão é aldrabão e Jim Kane não passa de um «menino» em grande. Resta-lhe a boa amizade de Leonard (Lee Marvin) que com ele reparte a incerteza do destino.

O filme denuncia assim o **cowboy** como um ser relativamente coberde nalgumas situações decisivas, um homem que domina os ímpetos pontapeando as rodas dos carros ou atirando televisores do alto das janelas de um hotel de luxo, enquanto nas suas costas os poderosos se riem (e lucram) com a sua ingenuidade e inexperiência. Por outro lado, as relações entre o **gringo** vivaço e o mexicano indolente são igualmente invertidas nesta obra que, de algum modo, procura renovar um **género**, oferecendo-lhe motivos para novas reflexões. Pena é que Rosenberg não tenha conseguido encontrar o ritmo de narrativa necessário, nem o equilíbrio indispensável. O que resta, descosido e cabotino, não chega a ser desprezível (longe disso), mas também não entusiasma. Lee Marvin, como sempre, brilhante. Newman, à altura.

CINEMA NO MUNDO

DIMINUIRAM AS CO-PRODUÇÕES EM ITÁLIA

As co-produções da Itália com outros países diminuiram durante o primeiro trimestre de 1973. Com efeito, segundo estatísticas divulgadas por uma revista da especialidade, foram apenas 27 as co-produções italianas durante o período em questão, contra quarenta do ano passado, no mesmo período.

Em contrapartida, houve um ligeiro aumento de produções italianas: 42 contra as 40 produzidas em igual período de 1972.

«SERPICO» ESPERA POR UM REALIZADOR

O realizador norte-americano John Avildsen não dirigirá o filme «Serpico», uma produção de Dino de Laurentis, baseado na figura do agente policial de Nova York Frank Serpico, que com o seu testemunho, revelou numerosos casos de corrupção na Polícia daquela cidade — segundo Avildsen, o desentendimento com De Laurentis Surgiu por aquele considerar absolutamente necessário rodar algumas cenas do filme em Brooklyn, na casa onde Serpico passou a adolescência, enquanto De Laurentis queria rodá-lo num apartamento de Manhattan ou no estúdio. Para Avildsen, isto seria um esbanjamento de dinheiro.

O realizador acrescentou que ele próprio faria o possível para tornar mais real e mais económico o filme. Mas, neste caso, realismo e economia não são compatíveis, pois — segundo Avildsen — o filme custará cerca de 2.600.000 dólares. A figura de Serpico vai ser encarnada por Al Pacino. Entratanto, Dino de Laurentis ainda não encontrou substituto para Avildsen.

LISA MINNELLI APAIXONADA POR PETER SELLERS

A actriz Liza Minnelli, Oscar da melhor interpretação feminina pela sua actuação no filme «Cabaret» revelou hoje que está apaixonada pelo actor inglês Peter Sellers, acrescentando: «E o que é mais maravilhoso é que ele também está apaixonado por mim».

Sellers, que tem 47 anos, celebrizou-se pelo desempenho do inspector trapalhão da «Pantera Cor-deRosa» e do médico indiano no filme «A Milionária», inspirado numa obra de Bernard Shaw, e tem sido o companheiro constante de Liza Minnelli desde que ela deu o seu primeiro espectáculo no London Palladium, há cerca de onze dias.

Numa conferência de Imprensa que não durou mais de três minutos, a filha de Judy Garland explicou que tinha convocado os jornalistas porque desejava esclarecer as suas relações com Peter Sellers e com o cançonetista Desi Arnaz Junior, de quem esteve noiva.

Disse que as suas relações com o cançonetista, que tem 21 anos e é filho dos actores Lucille Ball e Desi Arnaz, tinham vindo «a deteriorar-se gradualmente» e que ambos tinham decidido romper o noivado, embora continuem amigos.

ROGER GARAUDY NO CINEMA

A propósito do seu primeiro filme «Dyonisos Noir» que está a ser rodado na Costa do Marfim e no Senegal, o filósofo comunista dissidente Roger Garaudy declarou: **«Não será um filme de tese nem um simples documentário. Quero dar um testemunho poético de que existem fora da civilização ocidental, valores que importa redescobrir. A minha intenção é fazer reflectir numa síntese possível as civilizações que possam abrir caminho a um modo de vida planetário susceptível de dar ao homem todas as suas dimensões.»**

"Os Bonecreiros" em Lisboa até 3 de Junho

A Companhia de teatro «Os Bonecreiros», que apresenta com grande sucesso a comédia «Moscheta de Ruzante», todas as noites, pelas 21.45 horas, no Salão dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, só estará em Lisboa até 3 de Junho porque o grupo pensa deslocar-se em tournée pelo país.

A obra de Moscheta serviu aos «Bonecreiros» para montarem um divertimento crítico, na linha do realismo épico, apoiado pela interpretação de Fernanda Alves, Vicente Galfo, José Gomes, Mário Jacques e Maria Emília Correia.

DL/ESPECTÁCULOS

O Teatro de S. Carlos inaugura a sua temporada de bailado

Conforme tem sido anunciado é já no próximo dia 30 que o Teatro Nacional de S. Carlos vai dar início à sua Temporada de Bailado durante a qual actuará, pela primeira vez no nosso país, uma das mais reputadas e originais companhias de bailado contemporâneo: a Batsheva Dance Company, de Israel.

Fundada há poucos anos pela senhora Batsheva de Rotschild e afiliada na famosa Fundação Batsheva para o desenvolvimento das artes e ciências, e contando, desde a sua criação com a colaboração superior de Martha Graham, a maior personalidade da dança moderna, a companhia que agora nos visitará impôs-se definitivamente como uma das melhores do seu género e conquistou uma nomeada internacional através das suas inumeras digressões pela Europa, América do Norte e do Sul, e Asia e Africa.

Dirigida pelo grande bailarino e coreógrafo norte-americano William Louther e tendo como orientadora artística a grande mestra Martha Graham, a companhia tem contado com a colaboração de famosos coreógrafos e do seu elenco fazem parte alguns dos mais distintos bailarinos da actualidade como: Rina Schenfeld, Ehud Ben-David, Rena Gluck, Rahamin Ron e Nurit Stern.

O repertório que a Batsheva Dance Company vai apresentar entre nós é constituído pelos seguintes bailados: «Movimentos» (Jerome Robbins), «Errando no Labirinto», «Divertimento de Anjos» e «Embattled Garden» (Martha Graham), «Ebony Concerto» (John Cranko), «Concerto para Percussão» (Norman Morrice), «Corners» (Rina Schenfeld) «After Eden» e «Moon Full» (John Buttler) e «Transição» (Mirali Sharon).

Eve Walstrum, da Batsheva Dance Company

A "Paul Taylor Dance Company" actua em Lisboa, Porto e Coimbra

A Fundação Gulbenkian vai apresentar dentro de dias em Lisboa, Coimbra e Porto um dos melhores agrupamentos norte-americanos de dança moderna: a Paul Taylor Dance Company. Os espectáculos realizam-se em Lisboa, no Grande Auditório Gulbenkian nos dias 25, 26, 27 e 28; em Coimbra, no Teatro Gil Vicente, no dia 29; no Porto, no Teatro Rivoli nos dias 30 e 31 do corrente.

Sobre Paul Taylor e a sua Companhia, escreveu Clive Barnes, o exigente crítico do **New York Times**: **«A obra de Taylor pertence ao nosso tempo. O que quer dizer que é superficial, subtil, brilhante, aterradora, irónica, auto-suficiente, simples, sofisticada, desagradável, suave, convulsiva, vigorosa, fácil, memorável, musical (super musical), elegante, desajeitada... Taylor é um dos mais fascinantes criadores coreográficos da actualidade. As suas danças evoluem no palco com simplicidade... e de algum modo (é sem dúvida, um dom) quando observamos os bailados de Taylor, tornamo-nos melhores. Trata-se, para empregarmos uma frase precisa, de um dos maiores coreógrafos do nosso tempo.»**

Nos sete espectáculos que agora vem dar em Portugal, a «Paul Taylor Dance Company» apresentará algumas das obras mais representativas do seu reportório, entre as quais se conta **«Aureole»**, sobre trechos de «concerti grossi» e da oratória «Jefté» de Haendel. Caracteriza-se esta coreografia por uma surpreendente união entre a música e a dança, o que lhe valeu já ser considerada como «um clássico da dança moderna».

Os Menestreis de Noé, é outra das obras que será dançada em Lisboa, Coimbra e Porto. Trata-se, aliás, de uma das mais recentes criações de Paul Taylor, estreada em Washington em Fevereiro último. Uma obra brilhante e pungente, que nos conta a história de Noé e do dilúvio, num estilo simultâneamente primitivo e sofisticado.

Paul Taylor e os seus bailarinos dançarão ainda **Duet** (música de Haydn), **Scudorama** (um bailado vagamente inspirado num trecho de Dante), **Hóspedes de Maio** (música de Debussy), **Adeus Paraíso, Insectos e Heróis e O Livro dos Animais** (este último, com a particularidade musical de se basear em trechos de oito compositores — Schubert, Weber, Beethoven, Mozart, Saint-Saens, Bocherini, Falla e Tchaikovsky).

Através de todas estas obras, será dada ao público português uma panorâmica completa da arte versátil e multifacetada de Paul Taylor, desde a comicidade de **O Livro dos Animais** até ao lirismo de **Aureole,** passando pela densidade telúrica de **Hóspedes de Maio.**

QUEM É PAUL TAYLOR

Nascido na Pensilvânia, Paul Taylor frequentou a Universidade de Siracusa, onde se diplomou em pintura. Em Nova Iorque, estudou Dança, com Margaret Craske, Martha Graham e Anthony Tudor. Durante seis anos foi solista de Martha Graham Dance Company. Em 1959 colaborou como artista convidado no New York City Ballet, dançando **Episodes** de George Balanchine.

Entre 1961 e 1969 beneficiou de diversas bolsas de estudo da Fundação Guggenheim e do Fundo Nacional para as Artes, dos Estados Unidos. Foi distinguido com vários prémios importantes de coreografia, entre eles os do Festival das Nações de Paris (1962), do 2.º Festival Internacional de Dança de Paris (1964), do Círculo de Críticos de Santiago do Chile (1965), o «Capezio Dance Award» (1967) e o Prémio da Universidade do Estado de Ohio (1970). Em 1965 Taylor foi proclamado «o bailarino do ano» pela revista londrina **Dance and Dancers.**

Quatro anos mais tarde, durante uma digressão pela América do Sul, a sua coreografia **Aureole** foi votada como o melhor bailado moderno do ano, pela revista **Overture** de Buenos Aires.

Roteiro teatral de Madrid

Ao leitor que me pergunta o que há para ver em Madrid em matéria de teatro, responderei de acordo com as informações de que disponho de momento. Se neste fim de semana me deslocasse à capital espanhola, tentaria ver os seguintes espectáculos, por ordem decrescente: (1) Teatro Goya — «La Boda de los Pequeños Burgueses», de Brecht, pelos Goliardos, um dos principais grupos intependentes espanhois (dirigido por Angel Fácio); (2) Teatro Beatri — um espectáculo de mimo por «Els Joglars» que é um dos mais notáveis conjuntos que conheço no seu género; (3) «Pequeño Teatro» — «Un Ligero Dolor», de Harold Pinter, pelo Teatro Experimental Independente; (4) no Teatro Marquina — «La Señorita Julia», de Strindberg, encenação de Marsilhach, com uma das maiores actrizes de Espanha, Amparo Soler Leal; (5) no Maria Guerrero — «Las Tres Hermanas», de Tchekhov, encenação de José Luís Alonso. Indico estes dois últimos espectáculos com reservas pois não possuo quaisquer referências além das assinaladas. Não incluo nesta lista dois espectáculos que já vi e que merecem ser vistos: no Teatro Español — «La Muerte de Danton», adaptação suspeita do texto de Buchner mas um espectáculo com grande interesse; e, no Teatro Lara, «Los Buenos Dias Perdidos», de António Lara, encenação de José Luís Alonso: confirmação de um jovem autor com grandes possibilidades.

Lembro ao leitor que é possível assistir a duas sessões por noite (às 7 e às 11) e que o Pequeño Teatro dá sessões, a preço reduzido, ao domingo ao meio-dia.

Entretanto, aqui fica a notícia (creio que em primeira mão) — alguns destes espectáculos virão a Lisboa, possivelmente durante o mês de Junho, numa organização de um mais do que conhecido empresário da nossa praça.

CARLOS PORTO

MÚSICA

AUDIÇÕES NO CONSERVATÓRIO NACIONAL

Realiza-se, hoje, às 17 e 30, no Conservatório Nacional mais uma audição dos alunos dos últimos anos das disciplinas de violoncelo, piano, violino, contrabaixo, harpa, trompete e trompa.

Serão executadas obras de Bach, Haydn, Nachermann, Dragonetti e Hummel. Os alunos da classe de música de câmara apresentarão o quarteto op. 74, n.º 3 de Haydan.

CONCERTOS EM LISBOA

No Tívoli, hoje, às 18 e 30, será apresentado um recital pelo violinista Gerardo Ribeiro, acompanhado ao piano por Maria Manuela Araújo que interpretará composições de Schubert, Bach, Isaey, B. Bartok e Paganini.

Nos próximos dias 28 e 30 a Orquestra Sinfónica de Cracóvia, sob a direcção do maestro Jorzy Katlewicz e tendo como solistas a pianista Halina-Btefanska (Grande Prémio Bhopin de 1949) e o barítono Andej Hioloki, primeiro barítono do Grande Prémio Teatro de Opera de Varsóvia), Dará um concerto, às 21 e 30 no Coliseu. No dia 1 de Junho actua, no Tívoli, às 18 e 30, a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida pelo maestro Alvaro Cassuto e com o violinista Gerardo Ribeiro.

Estes concertos são promovidos pela Sociedade de Concertos de Lisboa.

VÁ AO TEATRO !!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 37

VARIEDADES

3.º MÊS

Grupo C M/ 14 anos

ELENCO

(por ordem de entrada em cena)
Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Jacinto Ramos, José Carlos, M.ª Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide João, Leonor Pocira, Luís Mata, José Braz

À NOITE, ÀS 21.45 H.
SÁBADOS, 2 SESSÕES:
às 20.45 e 23 h.
Domingos, «matinées» às 16 h.
à noite, às 21.45 h.
— SÓ ATÉ DOMINGO —

TEATRO Tel. 86 47 56

LAURA ALVES

UMA DIVERTIDA COMÉDIA INGLESA

10 MESES NO CARTAZ

A CAMA DOS COMUNS

com Simone, Armando Cortez, Fernanda Borsatti, Luís Alberto, Alda Pinto e Alice Carla à frente dum notável elenco, e a colaboração de Dário Barros e Joaquim Rosa

Todas as noites: às 21.45 horas
SÁBADOS, 2 SESSÕES:
às 20.45 e 23 horas
Domingos, «matinées» às 16 h.
à noite, às 21.45 h.
2.ª feira, descanso da C.ª

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

6.º MÊS

Grupo D M/ 18 anos

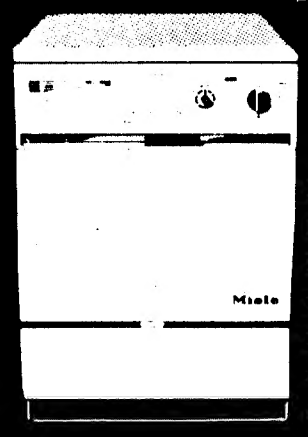
Uma divertida comédia com IRENE e OCTÁVIO

No elenco:
Carlos Duarte, Carlos José Teixeira, Victor de Sousa, Maria Laurent, Mariano Franco, Fátima Miranda e Fernanda Franco

Todas as noites: 21.45 h.
4.ª feira, descanso da C.ª
SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
DOMINGO
«Matinée» às 16 horas e à noite às 21.45 h.

BREVEMENTE: «O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ» NO TEATRO VILLARET
um novo estilo de comédia — M/ 14 anos

Máquina de lavar louça G 500 "de luxe"



Só MIELE pôde ultrapassar-se a si própria com a sua **máquina de lavar louça - - a mais vendida na Europa.**

Miele

Agente oficial:
M. L. FERREIRA
RUA DE D. ESTEFÂNIA, 48-A
Telefone 58958 — L I S B O A

DL /GERAL

O FIM DE UMA ILUSÃO

Continuação da pag. 3

estarem esquecidas havia vários anos.

Os membros do Bundestag tiveram a penosa impressão de que fôra voltada definitivamente uma página da história alemã. Assistiram à derrocada de uma ficção (a unidade da Alemanha) e ao fim de uma ilusão (a próxima possibilidade de uma reunificação) que tinham sido alimentadas durante mais de vinte e cinco anos. Mas, disse o chanceler «nada faz crer actualmente que o antigo Estado Nacional alemão na sua antiga forma possa ser ressuscitado».

As dificuldades, umas vezes secundárias, outra essenciais, que se levantaram no caminho da «normalização» desde a assinatura do tratado fundamental contribuiram também em larga medida para a desilusão geral. Frequentemente, impediram mesmo de ver os progressos efectivos realizados.

Todavia, a República Federal e a República Democrática interpretam de maneira diametralmente oposta o tratado de 21 de Dezembro de 1972. Para os dirigentes alemães-orientais, este texto constitui um resultado: ao reconhecer o «stato quo», firma a divisão da Alemanha e permite que a R.D.A. se torne um Estado de pleno direito. Para Brandt e os seus aliados liberais, pelo contrário, o tratado fundamental assinala o começo de uma política: o reconhecimento do «stato quo» não é um fim em si próprio, mas deverá proporcionar a possibilidade de uma aproximação entre «os dois Estados da nação alemã»; trata-se agora de conseguir «alívios humanitários» para os alemães que vivem de ambos os lados do muro. Sob este aspecto, Brandt convidou os dirigentes de Berlim-Oriental a darem provas de «realismo alemão».

O chanceler parece ter contado muito com a visita de Brejnev à República Federal para reanimar a sua política a Leste. Procurou obter a garantia de que o estatuto de Berlim, tal como foi fixado pelo acordo dos Quatro de Agosto de 1971, seria devidamente respeitado e os contactos humanos entre os dois Estados alemães facilitados. Mas, para além dos problemas bilaterais, Brandt insistiu na necessidade de se conseguir, nomeadamente em prol das conferênc8as de Helsínquia e de Viena, uma melhoria geral das relações entre as duas partes da Europa. Com a ratificação do tratado fundamental, terminou assim uma primeira etapa da «Ostpolitik». Começou agora uma outra, que não será a mais fácil.

PASTA MEDICINAL Couto
TRATA DOENÇAS DA BOCA

DOMEX
talheres em aço com a arte da ourivesaria

um produto
TOPAZIO

a nossa isca

chama-se DINHEIRO!

Dinheiro mesmo. Dinheiro forte. Apesar da nossa politica de baixos preços, que significa autêntica oferta de dinheiro, seleccionámos para venda as marcas mais reputadas, os modelos mais recentes, e as mais modernas inovações técnicas.

Venha v. mesmo comprovar que Qualidade e Gosto não custam mais

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 124-B
RUA DE S. BENTO, 53 57
PRAÇA DE LONDRES, 7-A E 7-B
RUA D. ESTEFÂNIA, 193-D-E-F
RUA 1.º DE MAIO, 146

Bardo
Electrodomésticos - Mobílias

Frigorificos · Máquinas de lavar · Televisão · Hi-Fi · Cine-Foto · Candeeiros

MENINO ENGOLIU MOEDA RARA
Para ter a prova detecte-a, apontando o aparelho FISHER ao umbigo do menino. Venda excl. Av. João XXI, 20-1.º, E., Lisboa.

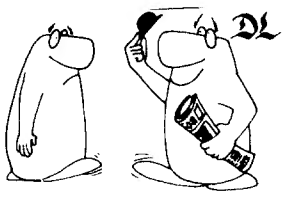
CASCAIS
LOJA C/ CAVE todos os ramos
200 m² área — Telef. 28 38 20

SENSACIONAL...

Enceradora	1000$00
Secadores Cabelo	140$00
Aspiradores	1200$00
Frigoríficos Mol	1790$00
Panelas Pressão	290$00
Máq. de Lavar Automáticas	4500$00
Sofás Camas	1800$00

FILIAL SUPERMANOS
ESTRADA DE BENFICA, 705

AOS JANTARES
NO
GRILL DO HOTEL
FLÓRIDA
tocará para si o pianista
HELDER REIS
Tel. 54171



Prossegue no Porto o III Congresso de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais

. Prosseguiram hoje, no centro n. 2 de formação acelerada do Porto, os trabalhos do III Congresso Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais.

De manhã efectuou-se a exposição seguida de debate do tema «Formação e informação» em que participaram o dr. Joaquim Bairrão Ruivo como Moderador, dr. A'lvaro de Azevedo Noronha, dr. Carlos Velloso, dr. Gastão da Cunha Ferreira, inspector José Baptista da Cunha Martins, dr. Mário Lereno e dr. Nuno Afonso Ribeiro. Simultaneamente, e em salas diferentes, realizaram-se quatro mesas-redondas sobre: «Dinâmica de grupo e prevenção», «Comissões de higiene e segurança», «Formação profissional e prevenção» e «O papel da organização corporativa no fomento da prevenção».

Após a exposição crítica do tema referido «Formação e informação» procedeu-se à leitura e debate das comunicações livres sobre ele.

Incluida nos trabalhos práticos do congresso realizou-se ontem uma sessão dedicada ao tema «regime jurídico da prevenção», presidida pelo dr. Augusto Sá Viana Rebelo, tendo como vice-presidente os drs. Flávio Salgueiro, Luis Gareces Palha, participando nos debates o dr. António da Silva Leal, a dra. Branca Aurora Pena do Amaral, dra. Laura da Silva Moreira e dr. José Manuel Correia.

Após breve intervalo, efectuou-se a inauguração do III Festival Internacional de Filmes de Prevenção, durante a qual serão projectados 61 filmes apresentados pela Alemanha, Austrália, Dinamarca, Espanha, E.U., França, Inglaterra, Itália, Suécia e Portugal, além de outros produzidos por diversas organizações internacionais.

O Sindicato dos Profissionais de Escritório e os trabalhadores açoreanos

Assinado pelo presidente da direcção do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório de Lisboa, recebemos o seguinte comunicado:

«A razão de ser do presente comunicado tem por único objectivo evitar que os trabalhadores sejam traídos nos seus mais elementares direitos e interesses, e deriva da deslocação do presidente da direcção deste organismo ao Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Angra do Heroísmo, nos dias 27 e 28 de Abril de 1973, a convite do então presidente da direcção daquele organismo para ali orientar um colóquio sobre sindicalismo e, durante a qual, se lhe deparou a anómala situação de se encontrar à frente da direcção daquele organismo um patrão que era, nem mais nem menos, o promotor da visita, sr. Emílio Martins Ribeiro (Sociedade de Construção e Tabacarias).

«Este, logo à saída do aeroporto, perguntou ao seu colega de Lisboa se na sua qualidade de patrão podia continuar a ser dirigente sindical tendo obtido como resposta do signatário que, embora como princípio considerasse tal situação inconveniente aos interesses dos trabalhadores, só a estes competiria solucionar o assunto, não desejando imiscuir-se em assuntos internos de um organismo congénere. Durante o colóquio, objectivo da visita, foi o signatário também abordado pelos associados presentes no sentido de esclarecer a referida situação, o que então pôde fazer com maior objectividade dado que, entretanto, tivera conhecimento que o contrato colectivo de trabalho celebrado entre o Sindicato e o Grémio do Comércio de Angra do Heroísmo que devia ter sido denunciado em Junho de 1972 o não fora porque o presidente da Direcção do Sindicato, parte interessada como patrão no referido contrato, o não fizera sob a alegação de que «conviria mais enveredar por negociações amigáveis» do que seguir os trâmites da legislação vigente. A situação era por de mais clara para oferecer dúvidas fosse a quem fosse. De acentuar que o sr. Martins Ribeiro não esteve presente em qualquer das sessões do colóquio.

«Posteriormente, por ofício, o presidente da Mesa da Assembleia Geral informou a direcção do nosso Sindicato de que tinha aceite a demissão do sr. Martins Ribeiro, tendo assumido a presidência da direcção do Sindicato de Angra a sr.ª D. Belta Marcelino que denunciou imediatamente o referido contrato.

«Chegadas as coisas a este ponto tudo parece estar resolvido. E seria, talvez, mais cómodo o nosso silêncio. Mas não podemos esquecer os nossos colegas de Angra do Heroísmo, prejudicados no seu contrato colectivo, nem o dever de alertar — por meio de uma informação honesta, — os trabalhadores que podem, como neste caso, vir a ser vítimas da sua própria credulidade. A verdade dói, mas há que dizê-la.

«Aproveitamos o ensejo para informar que no citado colóquio foram debatidos, entre outros, problemas referentes a relações de trabalho, contratação colectiva, portaria dos ordenados mínimos, revisão do estatuto da previdência, revisão do estatuto dos organismos corporativos e situação dos trabalhadores portugueses ao serviço da Base das Lages.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Livraria-Papelaria de M. Paulo — OLHÃO

SOLDADOS MORTOS EM COMBATE

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu, em combate na Província da Guiné o 1.º Cabo n.º 101019/72, José Francisco Dias Rabaço, natural de Galveias; o soldado n.º 064717/72 Vitor Manuel da Silva Coelho, natural de Vila Nova de Ourique, filho de Francisco Coelho e de Josefina da Silva e no Estado de Moçambique o 1.º cabo pára-quedista n.º 895/70 António Luís Peres Louro, natural de Monforte da Beira, Castelo Branco, filho de Joaquim Maria Nunes Louro e de Adriana Pires e o 1.º cabo pára-quedista 781/71 Francisco José Rosa Carvalho natural de Viana do Alentejo, filho de António Joaquim Carvalho e de Maria do Rosário Rosa.

Fábrica de Texlom na Matola produz tecido em Algodão de e para Moçambique

O governador-geral de Moçambique, eng.º Pimentel dos Santos, inaugura, no próximo dia 28 do corrente, na Matola, distrito de Lourenço Marques, uma moderna fábrica de fiação, tecelagem e acabamento de tecidos de algodão, que utilizará, exclusivamente, matéria-prima do Estado de Moçambique, que absorverá pelo menos inicialmente, toda a produção.

A Textil Lourenço Marques (Texlom) S.A.R.L., com o capital de 80 000 contos em laboração experimental desde Janeiro passado, produzirá 16,5 milhões de metros de tecido por ano, podendo atingir vendas no montante de 193 000 contos, no mesmo espaço de tempo.

O produto ascendeu a cerca de 300 000 contos e a nova unidade fabril foi integralmente montada e equipada pela Sociedade francesa S.G.E. — Société Générale d'Entreprises tendo o respectivo contrato sido assinado em 30 de Dezembro de 1970.

A fim de obter assistência técnica para a fase de montagem e de arranque, incluindo o recrutamento e preparação de pessoal, foi assinado um contrato com a firma francesa Schaeffer Engineering S.A. (Mulhouse), assistência que se verificará até ao fim da fase de arranque.

Fazem parte da sociedade proprietária da Texlom, cujos contratos de fornecimento e financiamento externo foram avaliados pela Sociedade Financeira Portuguesa, algumas das maiores empresas do Estado de Moçambique.

DIVULGADORES/AS

PRETENDEMOS:
- VONTADE DE TRABALHAR
- FACILIDADE DE EXPRESSÃO
- BOA PRESENÇA E NÍVEL MÉDIO DE CULTURA
- GOSTO PELA MÚSICA

OFERECEMOS:
LEVANTAMENTO MENSAL
COMISSÕES ALTAS
PRÉMIOS SEMESTRAIS
BOM AMBIENTE DE TRABALHO
CONTACTE CONNOSCO PELO TELEF.: 77 89 89

SINDICATO NACIONAL DOS ENGENHEIROS AUXILIARES, AGENTES TÉCNICOS DE ENGENHARIA E CONDUTORES

Realiza-se na próxima sexta-feira, dia 25, pelas 21,30 horas, na Sede do Sindicato, na Rua do Jardim do Regedor, 37-2.º, uma palestra subordinada ao tema «FORMAÇÃO SÓCIO-ECONÓMICA DO TÉCNICO» que será proferida pelo Snr. Agente Técnico de Engenharia Alberto Camacho.

Só 3 pessoas em cada 100 adivinham a resposta à

NOITE SEM FIM

DA OBRA DE

AGATHA CHRISTIE

HAYLEY MILLS \ HYWEL BENNET
BRITT EKLAND
GEORGE SANDERS PER OSCARSSON

Uma obra prima de suspense e também curiosamente... Uma história de amor

GRUPO D 18 ANOS

AMANHÃ

Estreia às 21.30 no IMPÉRIO

Este filme foi extraído do romance de Agatha Christie «NOITE SEM FIM» que se encontra publicado em Portugal pela Editora LIVROS DO BRASIL, na colecção «Vampiro».

«NA ESTREIA FARÁ UMA CURTA INTRODUÇÃO A ESTE FILME O «INSPECTOR» VARATOJO»

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

O filme de

JEAN-LUC GODARD

masculino feminino

(masculin féminin)

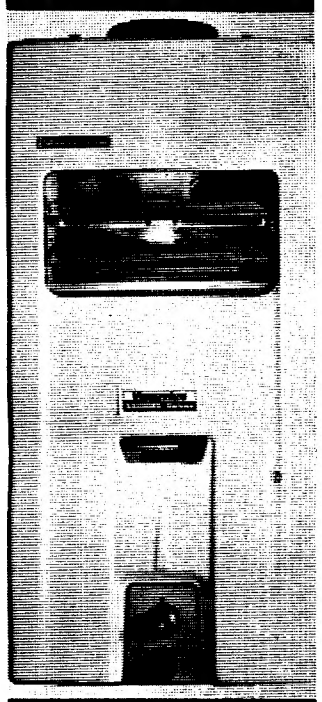
com

JEAN-PIERRE LÉAUD MARLÈNE JOBERT
CHANTAL GOYA

GRUPO D - 18 ANOS

2.ª semana estúdio 444

esquentador
Vesuvius
SAUNIER DUVAL



Vesuvius
SAUNIER DUVAL
abriu
correu
aqueceu
NA COZINHA
sempre que é preciso
agua quente
PARA O BANHO
sempre que é preciso
agua quente
instantaneamente
agua quente!
Vesuvius
SAUNIER DUVAL
com
GARANTIA
OCL
OLAVO CRUZ LDA

DL/NACIONAL

Ora diga-nos...

Como passa os seus tempos livres?

Nem so de trabalho vive o homem. E nos tempos actuais, tolhidos pelos mais diversos problemas e em que a máquina domina a quase totalidade das actividades humanas, os chamados tempos livres» desempenham papel de fundamental importância, para o equilíbrio físico e mental do indivíduo. Esquecer por momentos a actividade profissional, recrear o espírito, cultivar-nos, eis o que, embora parecendo a alguns um luxo, é necessário de primeira ordem: sobretudo porque so assim se pode progredir, ser saudável, culto e eficiente naquilo que se faz.

Tema de grande actualidade, os tempos livres têm merecido ultimamente a maior atenção de um dos semanários da capital. Mas essas horas de lazer (para aqueles que as têm) nem sempre são utilizadas como deviam. E assim, em lugar de constituirem um factor de valorização pessoal, nada mais são do que momentos para descansar, «para queimar», longe de qualquer manifestação cultural, de qualquer iniciativa que possa elevar o indivíduo nos seus anseios espirituais. Factor determinante para este estado de coisas, entre outros, podem apontar-se, a exiguidade de recursos e a falta de instrução.

— **«Tempos livres? A minha vida é isto: trabalhar, sempre trabalhar...»** — Foi assim que um dos nossos inquiridos (que mal nos escutou), reagiu à nossa pergunta. Recusou identificar-se e seguiu o seu caminho, de pasta na mão e passo apressado, talvez indignado pela **«despropositada»** interrogação.

José Viana, de 30 anos, empregado de mesa, nos tempos de folga lê **«tudo o que aparece»** e por vezes vai ao cinema, pois que nos hoje em dia « **o dinheiro para pouco chega»**

António Alves Marins, de 63 anos, 1.º sargento da reserva da Armada, diz-nos:

— **O dinheiro não dá para andar na borga. E nem vale a pena pensar nisso. Meto-me comigo mesmo, fico em casa Leio o jornalzito para acompanhar a evolução dos tempos e pouco mais que isso: talvez um passeiozito de vez em quando...**

José Viana: «Leio tudo o que aparece...»

Alves Martins: «O dinheiro não dá para andar na borga».

Maria da Graça: «Por vezes venho a Lisboa...»

Rubi Ávila: «Leio, vou ao cinema, à praia...»

Para Maria da Graça, doméstica, moradora em Vila Franca de Xira, tempos livres são exíguos: **Tenho de tratar da casa, da filha e trabalhar para comer. Bem, por vezes venho a Lisboa dar um passeio.**

«Leio vou ao cinema, no Verão vou à praia: e trato também da minha colecção de moedas» — eis como Rubi Avila, de 36 anos, operador de Emissora Nacional, utiliza as suas horas de lazer.

«Não tenho tempos livres» resposta peremptória de Amélia Belchior, de 45 anos, doméstica, que acrescentou: **«A vida é dura. Tenho que estar sempre a trabalhar, para poder comer».** E seguiu o seu destino, apressada.

João Núncio: 50 anos de alternativa

A homenagem que a João Núncio vai ser prestada no Campo Pequeno é devida ao brilho dos seus cinquenta anos de grande cavaleiro tauromáquico e ao que ele permitiu à sua geração e à actual. Foi João Núncio quem impôs a lide de touros não corridos, que foram causa das dificuldades da geração antecedente, tantas vezes forçada a garupas e outros recursos. E grandes cavaleiros conhecemos antes, como mestre Vitorino Froes, o fino Joaquim Alves, o valente José Bento d'Araújo, o desventurado Fernando d'Oliveira, rival de Manuel Casimiro, pai do vibrante José e avô de outros, Manuel e José, e tantos mais que ainda lutaram com o absurdo do touro corrido.

A João Núncio opusemos algumas vezes outro cavaleiro digno dele, Simão da Veiga, filho do que foi inovador no seu tempo, e fizemo-lo pela necessidade da competição indispensável no toureio como na bola, Sporting-Benfica, etc., motivos de discussões, de entusiasmo. E de cavaleiros. Para tal dispomos agora, desde o potente e infalível Manuel Conde, até aos mais modernos, cujos méritos deixamos ao gosto e preferência dos que hão-de constituir os indispensáveis partidos de que a festa de touros carece. Têm agora o touro virgem de lide que trouxe o cavaleiro que no Campo Pqueno vai ser homenageado e recordado na lápida que ali vai ser colocada para memória das gerações.

«EL T.P.»

Dizem os leitores

Rescaldo duma peregrinação

O leitor Manuel Oliveira Rapóseiro, de Faro, enviou-nos a seguinte carta:

«Sobre a C. P. quereria frisar um facto. No passado dia 13, os peregrinos de Fátima que quiseram tomar ligações á estação de Fátima, com destino a Lisboa e ao Porto, só conseguiram chegar à gare por volta das 15 horas (os primeiros). Mas acontece que a ligação que tinhamos para Lisboa às 14 e 31 já tinha saído às 14 e 50, isto é com 19 minutos de atraso mas sem esperar pelo público proveniente do Santuário da Cova da Iria. Por infelicidade também fora suprimida a paragem do foguete na referida estação, o que dificultou ainda mais.

Procurando depois informações sobre os próximos comboios, a resposta dada a mim e aos outros procedentes, na maioria, de meios rurais atrasados, é simples e categórica: «Não sei...» Ao dirigir-me a um «guichet» sou finalmente informado que o próximo comboio seria às 20 horas e 26. (A informação é-me dada por volta das 15 horas!...) O porteiro da estação por sua vez informa que havia um comboio especial às 16 e 30 — sabia mais o porteiro do que os outros agentes dos «guichets» e daí levantam-se discussões.

Depois disto tudo vem o tal comboio especial mas que acaba por fazer apenas o percurso de 24 km até ao Entroncamento, ficando estagnada a ligação para Lisboa. Isto a 13 de Maio! E eu que queria regressar ao Algarve! No Entroncamento tinha o foguete às 17 e 28 mas que chegava a Lisboa, por coincidência, à mesma hora em que partia o outro comboio para o Algarve...

Esperei pois no Entroncamento das 16 e 54 até às 19 e 37 (2 horas e 43 minutos de espera), tomando uma ligação proveniente da Guarda e outra de Badajoz que chegou a Lisboa às 21 e 30. Resultado: só consegui ligação para o Algarve às 23 e 35, devido ao facto do comboio especial não prolongar a sua marcha até Lisboa.

E agora pergunto eu: quando estará a C. P. ao serviço do público — dos seus interesses? Quando termina a sonolência, a paralisia, a cegueira e surdez, duma companhia que já festejou as bodas de diamante? Na Via Norte que faz serviço internacional, só melhorou o estado da via, com remodelação, com novo apetrechamento de material e nada mais. Não se compreende!

Vai decorrer em Dublin o 23º Congresso da I.A.A.

Decorre em Dublin, na Irlanda, de 6 a 8 de Junho próximo, o 23.º Congresso Mundial da I. A. A. (International Advertising Association), cujas sessões de trabalho terão como tema base «As variações das zonas de influência no Mundo». Problemas como o consumidorismo, o feminismo, a ética publicitária e o futuro dos «mass media» serão igualmente abordados.

À margem das sessões de trabalho, foi organizado um programa social para as senhoras e crianças acompanhantes dos congressistas, constituindo mais um motivo de atracção de reunião. Está assegurada a presença de figuras de prestígio e competência mundialmente reconhecidos nas matérias a debater. Nos nossos meios publicitários e económicos, está a crescer o interesse pela iniciativa, cuja 22.ª edição (em 1971) decorreu no Estoril.

À semelhança do que aconteceu entre nós, o congresso será precedido da reunião dos membros do conselho de administração da I. A. A.

SOCIEDADE MÉDICA

Na sala de conferências do Hospital de D. Estefânia efectua-se no dia 28, às 11 horas e 30, uma sessão de trabalho promovida pela Sociedade Médica dos Hospitais Civis de Lisboa, durante a qual serão apresentadas duas comunicações, sobre «Sindroma de Conn por adenoma — cura cirúrgica», pelos drs. J. Barreto Fragoso, A. Matos Ferreira e Adolfo Coelho, e «Feocromocitoma duplo, suprarrenal e paraganglionar», da autoria dos drs. Arlindo Baptista, A. Matos Ferreira e Ribeiro Santos.

Jornadas de Informática

Integrada nas Jornadas de Informática que estão a decorrer na Sociedade de Língua Portuguesa, por iniciativa da Associação Portuguesa de Mecanografia, efectua-se esta noite, na sede daquela instituição, uma reunião em que será debatido o tema «Memória virtual, conceito e utilização», sendo orientadores o dr. Casa Nova e João Estarreja.

O ESCRITOR BRASILEIRO
MILLOR FERNANDES
autor do livro
COMPUTA COMPUTADOR
COMPUTA
autografa o seu livro na sexta-feira, dia 25, pelas 21 h., na livraria **APOLO 70.**

Stentofon
Sistemas de intercomunicação
Lisboa 42124 713470 — Porto 483598 — Faro 24338 — Portimão 22954

COLÓQUIO SOBRE A CEGUEIRA

Há que dar ao cego uma integração realista

O Museu Nacional de Arte Antiga está a acolher algumas iniciativas interessantes — isto para que não se diga que um museu, qualquer que ele seja, não pode albergar coisas vivas, dinâmicas e bem actuais. Ha semanas houve uma exposição para cegos. Ontem, anunciava-se uma mesa-redonda destinada à discussão de problemas relacionados com a participação do Museu na recuperação de deficientes visuais. Na realidade, a mesa-redonda não chegou a efectuar-se. Houve que transformá-la numa assembleia, pois as pessoas que ali acorreram eram tantas que uma simples mesa, mesmo muito grande, não chegaria. O colóquio teve a orientá-lo a dr.ª Ana Bénard da Costa, prof.ª Nair Moreno, escultora Maria Francisca Diniz e pintora Madalena Cabral.

Um aspecto do colóquio, com a mesa orientadora ao fundo.

Foi moderador o dr. José Luís Porfírio e entre a assistência, numerosa, como já dissemos, viam-se muitos interessados na profilaxia da cegueira e mesmo professores de alguns dos centros de recuperação para invisuais de Lisboa.

O primeiro tema abordado e, por assim dizer, o fundo da discussão estabelecida, foi o da integração social do cego. Uma integração que requer ser total, como diria a dr.ª Bénard da Costa, pois terá de dar ao cego uma perfeita igualdade no trabalho, na política, no campo das ideias, na realidade do país em que vive. Foram apontadas as várias dificuldades dessa integração, mormente o facto de a grande maioria das pessoas olhar o cego como um indivíduo à parte, inaceitável, pela sua deficiência, por uma sociedade que se quer perfeita, sem se lembrar que essa recusa traz o estigma de um erro, de uma perfeição inqualificável. Falou-se, por exemplo, na resistência das empresas à aceitação de cegos ou meios deficientes, o que é, segundo as orientadoras do colóquio, não só desumanidade, como uma forma pouco digna de nos alhearmos de um problema do qual todos devemos tomar parte integral. Tais dificuldades e incompreensões em torno do problema dos cegos, leva as pessoas e o próprio cego a desistir de um programa da integração que, hoje, dado o aumento do número de deficientes visuais, se transformou num problema ingente e prioritário.

Seguiu-se o colóquio, durante o qual as pessoas ali presentes demonstraram uma adesão ao problema e um conhecimento do mesmo, que demonstrou estar aberto o caminho para uma participação activa na integração real e realista dos invisuais.

Repressão contra o comércio especulativo

Na sua actividade de repressão ao comércio especulativo, a Inspecção-Geral das Actividades Económicas instaurou no mês passado 437 processos, a maioria dos quais por falta de afixação dos preços, e apreendeu elevado número de mercadorias alvo de comércio irregular — 58.850 litros de vinho 3 000 litros de melaço, 32 quilos de açúcar, 645 litros de oleo, 11.880 ovos e 14.513 pães. Foram ainda presos dois talhantes em flagrante delito, sendo a um deles exigida uma fiança de 5.000$00 e ao outro termo de identificação. Entre as infracções punidas contam-se, nomeadamente, as de destilação clandestina, ocultação de produtos, venda de carne imprópria para consumo, falsificação de produtos, especulação, falta de higiene, etc.

PEDITÓRIO DA CRUZ VERMELHA

Efectua-se no dia 31 do corrente o peditório nacional da Cruz Vermelha, instituição que vive quase exclusivamente da boa vontade e compreensão de todos. A assistência por ela prestada abrange todos os seres humanos carecidos de cuidados e auxílio, independentemente das idades.

O Crédito Predial Português em 1972

Aumentaram os empréstimos para habitação própria

O aumento dos empréstimos para habitação própria, cujo volume subiu de 127 por cento, é assinalado no relatório do Conselho de Administração do Crédito Predial Português relativo a 1972 — instituição esta, como se sabe, especializada em empréstimos para fomento da habitação e da construção. Tal aumento, segundo os administradores, «demonstra quanto eram reais e imperiosas as necessidades sociais que nos propunhamos satisfazer com esta iniciativa».

O relatório afirma, baseando-se nas contas apresentadas, que, naquele ano, as actividades da instituição continuaram a expandir-se ao rítmo dos últimos exercícios, tendo-se conseguido aumentos consideráveis nos sectores mais significativos do activo (crédito concedido) e do passivo (depósitos recebidos).

No que se refere à criação das bases para um desenvolvimento acelerado do CPP, merece o devido destaque o facto de, no último ano, terem sido abertas duas novas dependências urbanas em Lisboa e oito agências em diversos locais do País, o que traduz uma expansão geográfica de assinalar, tanto mais que algumas dessas agências — como é o caso das de Montalegre, Lagoa e Avis — foram instaladas em áreas onde não existia nenhuma outra agência bancária.

Também no intuito de assegurar a expansão futura da instituição, foram tomadas pela administração diversas importantes medidas, tais como a reestruturação e criação de serviços, reorganização da rede de correspondentes estrangeiros e celebração de acordos de colaboração com instituições de crédito estrangeiras, de forma a poder fornecer aos clientes determinados serviços de que virão a necessitar nos mercados externos, devido à progressiva integração económica europeia e ao agravamento da concorrência estrangeira, etc..

O relatório em análise salienta ainda: «Atendendo aos planos de investimento da instituição e à natureza, importância, prazo e rentabilidade demorada de alguns deles, considerámos necessário o aumento do nosso capital social de 400 000 contos para 550 000 contos, o que, após deliberação favorável da Assembleia Geral de 15 de Junho, foi levado a efeito com a oferta ao público de 100 000 acções, oferta esta que foi coberta mais de 7 vezes».

Assinala-se também que o saldo da conta de resultados, após as amortizações fiscalmente permitidas e as provisões consideradas necessárias, se elevou a 52 044 638$13, sendo a maior parte deste montante — 40 mil contos —, segundo proposta da administração, destinada para distribuição de um dividendo de 10 por cento ao capital de 400 000 contos.

A missão austríaca visita o Porto com o apoio do Banco Pinto de Magalhães

..Chegou ontem ao Porto a Missão Comercial Austríaca de visita ao nosso País.

O BANCO PINTO DE MAGALHÃES, de acordo aliás com outras iniciativas do mesmo carácter já levadas a cabo, , apoia e colabora nessa visita, tendo promovido deslocações a algumas unidades industriais do Porto, onde a Missão, acompanhada dos representantes do Banco, foi recebida pelas Administrações dessas empresas.

O interesse demonstrado pelos membros daquela Missão relativamente aos sectores contactados, faz prever um sucesso assinalável para as entrevistas a realizar hoje no Palácio da Bolsa.

Ontem a noite, a Administração do BANCO PINTO DE MAGALHÃES, ofereceu um jantar aos membros da Missão, onde estiveram presentes os mais qualificados representantes das actividades económicas do Norte do País.

No decorrer desta recepção, foi referido o decisivo contributo da Banca Portuguesa para o incremento das relações comerciais com o Estrangeiro e no qual o BANCO PINTO DE MAGALHÃES tem tido posição destacada de apoio e colaboração.

CRUZEIROS NO "FUNCHAL"

• TOTALMENTE REMODELADO!
• CLASSE ÚNICA A BORDO!
• SERVIÇO DE 1.ª CLASSE!

MADEIRA - AÇORES
MARROCOS - CANÁRIAS

A MAIOR SÉRIE DE CRUZEIROS NO MELHOR PAQUETE PORTUGUÊS

Partidas de LISBOA:
19/6 - 3, 17 e 31 7 - 14 e 28 8
11 e 25/9 - 9 e 23 10

9 DIAS DESDE 6550$

Programas e Inscrições
abreu
FUNDADA EM 1940

LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27011 27012

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA

A Ourivesaria da GUIA

FUNDADA EM 1870

EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

MONTEPIO GERAL
ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS

MONTEPIO GERAL

COMUNICA QUE O SERVIÇO DE

— SÓCIOS
— PENSIONISTAS
— RENDISTAS

PASSA A FUNCIONAR NA

RUA DE S. JOSÉ, 213 (Estação Metropolitano — Avenida)

A PARTIR DE 28 DO CORRENTE

DL/ESTRANGEIRO

CONSELHO MINISTERIAL DA OUA: VAIADA A PROPOSTA LÍBIA

ADDIS ABEBA, 24 (R.) — A delegação da Líbia abandonou ostensivamente o conselho ministerial da organização de unidade africana depois do seu chefe, o ministro interino dos Negócios Estrangeiros, Abu Zeid, ter sido vaiado quando propunha que a sede da organização fosse transferida desta cidade para outra capital africana.

Quando o ministro líbio sugeriu que a conferência cimeira africana marcada para sábado se ocupasse dessa questão, os delegados presentes na sala começaram a gritar «não, não» e a vaiá-lo. O barulho era tal que as palavras de Abu Zeid deixaram de se ouvir e ele desistiu de acabar o seu discurso, abandonando a sala, acompanhado pelos outros membros da delegação líbia.

Este incidente foi um dos mais desagradáveis registados num conselho ministerial da OUA desde a fundação do organismo há dez anos e parece ter isolado ainda mais a Líbia dos restantes países africanos.

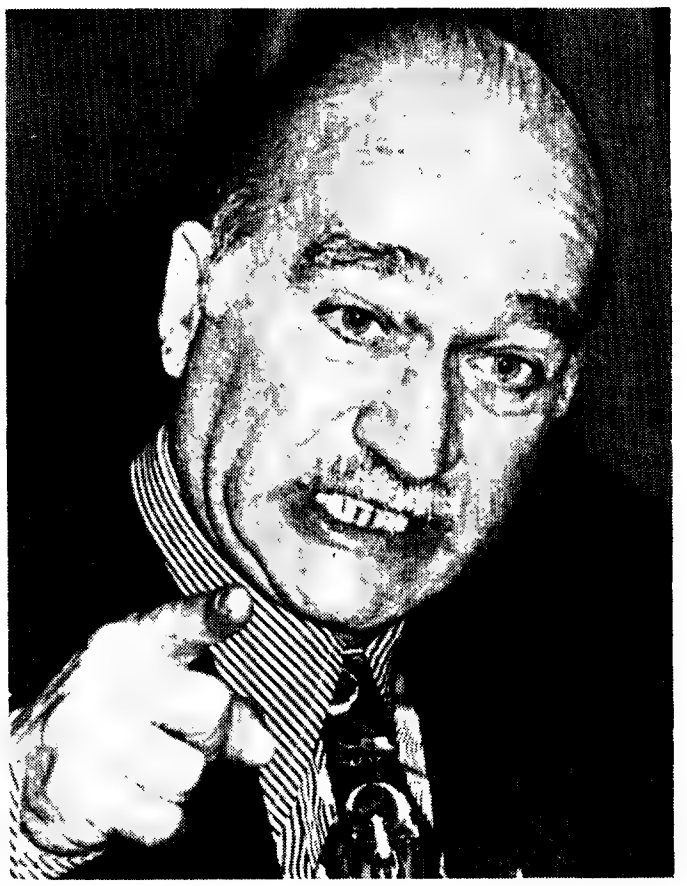
Inicialmente o coronel Gaddafi tinha começado por anunciar que boicotaria a conferência em Addis Abeba como protesto contra o facto da Etiópia manter relações diplomáticas com Israel, mas a delegação líbia acabou por vir a Addis Abeba, embora atrazada, aparentemente com o único objectivo de propor a transferência da sede da OUA para outro país.

Anteriormente, durante a longa sessão do conselho ministerial que durou quase nove horas e só terminou ao romper do dia, tinha sido rejeitada igualmente uma proposta da Somália para que fosse incluída na agenda a solução da disputa territorial com a Etiópia.

A primeira parte desta sessão final do conselho ministerial foi dedicada à aprovação de uma declaração de política geral, assinalando os dez anos de existência da OUA, a qual será submetida à ratificação da conferência cimeira africana no sábado.

O texto final aprovado inclui a promessa dos países membros da OUA «apoiarem de forma activa» os países árabes até à libertação total dos territórios ocupados por Israel em Junho de 1967.

Uma conferência à possibilidade de medidas colectivas africanas contra Israel foi eliminada do texto.



Giorgio Almirante, secretário nacional do Movimento Social-Italiano, que é alvo do pedido de levantamento da imunidade parlamentar, sob acusação de tentar reconstruir o partido fascista. A Câmara dos Deputados italianos começou ontem a examinar o pedido e o Almirante declarou, num discurso de 140 minutos, que ele próprio votaria a favor do levantamento da imunidade mas que o seu grupo votava contra, «de acordo com a vontade e o sentimento de três milhões de eleitores». Se o Almirante for julgado e considerado culpado, pode ser condenado a uma pena de prisão que irá de três a dez anos. O chefe do MSI defende a constitucionalidade do partido neo fascista e recordou à democracia cristã o apoio que sempre tinha recebido da direita em outras ocasiões. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

O novo caso Profumo poderá envolver mais personalidades

LONDRES, 24 (R.) — O primeiro-ministro Edward Heath vai falar hoje no Parlamento sobre as questões de segurança relacionadas com o escândalo Lambton, ao mesmo tempo que se afirma que outras figuras destacadas parecem estar envolvidas no caso.

O Governo conservador britânico viu-se ontem perante o segundo escândalo deste género nos últimos dez anos — depois do célebre caso Profumo — quando ontem «lord» Lambton admitiu publicamente que se tinha demitido do cargo de subsecretário da Defesa para a Aeronáutica por ter estado envolvido com uma prostituta junto da qual foi fotografado sem saber.

«Lord» Lambton tinha acesso a importantes segredos militares e o caso provocou grande emoção em toda a Grã-Bretanha, afirmando-se com insistência, no entanto, que o primeiro-ministro vai anunciar a demissão de outro membro do Governo, ainda mais importante do que o antigo subsecretário.

A confissão de «lord» Lambton de que era ele a pessoa visada por um artigo publicado há dias pela revista alemã «Stern» fez surgir o receio de que os segredos de Estado britânicos possam ter sido ameaçados, mas o antigo membro do Governo garantiu nunca ter sido submetido a qualquer chantagem com as fotografias comprometedoras que, aparentemente, teriam sido vendidas a jornais.

«Lord» Lambton, que tem 50 anos, é casado e tem cinco filhas e um filho, foi ontem à noite acusado de ter drogas em seu poder, mas declarou-se inocente. Segundo ele as anfetaminas que a Polícia encontrou em sua casa tinham sido receitadas pelo médico e os cigarros de «cannabis» tinham sido confiscados por ele a um amigo há vários meses para o impedir de os fumar.

O «Daily Express» publica hoje na primeira página uma entrevista com «lord» Lambton em que ele afirma nunca ter discutido questões oficiais ou secretas com Nora, a jovem com quem manteve relações.

«Ela não se interessava por esses assuntos, mas o problema está em que qualquer homem que tenha acesso a segredos oficiais e tenha relações com uma mulher é sempre encarado como um risco de segurança».

Na sua declaração ontem distribuída à Imprensa, «lord» Lambton afirmava categoricamente que nunca tinha sido submetido a qualquer chantagem nem nunca pusera em risco a segurança do país.

O «Daily Mail» afirma hoje que outros moradores do prédio onde Nora vivia já tinham suspeitado qual era a sua profissão antes mesmo do escândalo rebentar, «mas o que ninguém desconfiava era que no seu luxuoso quarto de cama, forrado a espelhos havia uma máquina fotográfica escondida para fotografar os clientes».

A rapariga em questão desapareceu com o seu companheiro habitual, abandonando o apartamento num elegante bairro londrino — o mesmo aliás onde reside «lord» Lambton.

Revolta da marinha frustrada na Grécia

ATENAS, 24 (R.) — O Governo de Atenas, apoiado pelo Exército, fez gorar na quarta-feira uma revolta a bordo de três navios da Marinha grega, segundo revelou hoje nesta capital um informador governamental.

O subsecretário para a Imprensa e da Informação, Byron Stamatopoulos, declarou que dois contra-almirantes reformados e alguns oficiais da Marinha no serviço activo foram presos, após a intentona.

Stamatopoulos revelou que o plano dos conspiradores era levar os três navios da baía de Salamis, perto de Atenas, e logo que se encontrassem no mar alto transmitir uma mensagem ao povo grego e enviar um ultimato ao actual Governo para que se demitisse.

Os oficiais envolvidos na conjura ordenaram às tripulações dos três barcos para ficarem a bordo na noite de terça para quarta-feira.

«Como razão disseram aos tripulantes que na quarta-feira, de manhã, haveria uma inspecção e que partiriam para manobras» continuou o subsecretário.

Disse que os tripulantes e oficiais dos navios ficaram convencidos de que se tratava de um caso de uma ordem normal e legal e cumpriram-na.

«Os oficiais que deram as ordens ficaram nas suas casas e foram presos por agentes dos serviços de segurança» — acrescentou Stamatopoulos.

Todos os oficiais foram presos antes de poderem pôr em prática os seus planos, acrescentou Stamatopoulos numa conferência de Imprensa convocada apressadamente para hoje.

Polícias amotinados

LUCKOW (ÍNDIA), 24 — (R) — Unidades da Polícia provincial armada, que se amotinaram na terça-feira quando o exército indiano recebeu ordem de ocupar oa arsenais dessa força em todo o grande estado, encontram-se entricheiradas em, pelo menos, três centros e rejeitaram ultimatos dos militares para se renderem.

Destacamentos da força de segurança da fronteira, que patrulha normalmente as raias do país, e da polícia para-militar da reserva central seguiam hoje de avião para UTTAR Pradesh.

Funcionários de Lucknow disseram que todas as diligências para persuadir os amotinados a deporem as armas e a renderem-se falharam e que o exército estava a cercar a cidade.

Sem contratempos, um comboio pode ir de Lisboa à Covilhã em 7 horas. Logo, ida e volta, 14 horas. Mais a fadiga.

Em velocidade prudente, um automóvel cobre estes 311 quilómetros em 4 horas e 30 minutos. Portanto, 9 horas para ir e voltar. Mais a fadiga.

É aí que os TAC aparecem.

Os seus aviões bimotores, mantidos e conduzidos em padrões profissionais, engolem a distância Lisboa-Covilhã em 1 hora e 5 minutos. Menos a fadiga. **São cinco voos por semana.** Em horários que fazem a sua viagem render muito mais.

Preços? Bem, pense quanto gastaria em hotéis, refeições, táxis, gorgetas, gasolina, óleo, pneus... e tempo.

Antes da sua próxima viagem à Covilhã lembre-se de tudo isso.

E à despedida diga «até já».

Consulte o seu Agente de Viagens, os escritórios da TAP ou os TAC — Telefones em Lisboa: 71 61 02-72 91 81; em Faro 23538, no Porto: 28371

TRANSPORTES AÉREOS CONTINENTAIS

TAC

Fretamentos servindo 28 localidades de Norte a Sul do País, Europa Ocidental e Marrocos.

CHAPAS DE AÇO
perfuradas
— todas as indústrias —
CASA CHAVES
C A M I N H A
Avenida Rio de Janeiro, 19-B
Lisboa — Tel. 725163

CALEIDOSCÓPIO

LINCHAMENTOS — Foram linchadas ou espancadas até à morte, pelo menos, 11 pessoas durante os últimos dias na Bengala Ocidental sob suspeita de serem caçadores de cabeças, raptores de crianças ou sugadores de sangue humano — segundo se afirma num comunicado difundido em Calcutá pelo Governo do Estado. No estado vizinho do Bihar, atoardas semelhantes tiveram como resultado uma onda bizarra de linchamentos, em consequência da qual perderam a vida 36 pessoas nos últimos 15 dias. (R).

ACORDO PETROLÍFERO — A Pérsia e o consórcio petrolífero ocidental assinaram hoje um acordo por 25 anos que garante o fluxo de petróleo persa aos mercados mundiais e dá ao país o controle da sua própria indústria petrolífera. O acordo foi assinado depois de vários meses de negociações entre a Companhia Persa de Petróleo MIOC e as firmas inglesas, holandesas, norte-americanas e francesas que compõem o Consórcio. (UPI e ANI).

KISSINGER VOLTARÁ A PARIS — Antes de partir para Washington, Henry Kissinger, o emissário do presidente Nixon, declarou em Paris que a nova série de conversações com o representante do Governo de Hanói, Le Duc Tho, tinha dado resultados positivos mas que a tarefa terminara iniciando-se, por isso, uma nova série de encontros a partir de 6 de Junho. (FP).

GOVERNO PROCESSADO — Dois representantes democratas da Califórnia intentaram ontem acções contra o Governo para o obrigarem a por termo aos bombardeamentos no Camboja. (FP).

FREI: CHEFE DO PODER LEGISLATIVO — O antigo presidente da República Chilena, Eduardo Frei, dirigente do Partido Democrata Cristão (oposição centrista) foi eleito ontem para presidente do Senado, posto equivalente ao de chefe do Poder Legislativo. (FP).

Argentina: último dia dos militares no poder

BUENOS AIRES, 24 (R/EFE/ANI) — Os militantes argentinos parecem estar hoje empenhados numa luta azeda com guerrilheiros urbanos, justamente no último dia em que ocupam o Poder, que vão entregar a um Governo civil.

Numa medida dramática os chefes militantes, terminados quase sete anos de Governo, interromperam a noite passada negociações secretas destinadas a trocar guerrilheiros presos por dois oficiais de alta patente, mantidos como reféns.

Essa medida coincidiu com uma comunicação da filial nesta capital da Ford Motor Company de que pagaria um milhão de dólares (cerca de 25 000 contos) em materiais e serviços, conforme foi exigido pelo Exército Revolucionário Popular, à força de guerrilheiros mais activa da Argentina.

O ERP tem atacado duramente os militantes nos últimos meses, com uma série de raptos e de assassínios.

Os militantes libertaram já cerca de 50 presos, após levantarem ontem o estado de excepção em Buenos Aires, mas a última ameaça de rapto do ERP tornou quase impossíveis negociações quanto a novas concessões afirmaram observadores.

A Junta impôs este mês a lei marcial na maior parte do país, prevendo condenações à pena capital, mas após ela ser levantada, assim como o estado de sítio, havia poucos indícios de que guerrilheiros activos tinham deposto as armas.

Assim, quando delegados e chefes de Estado estrangeiros chegavam para assistir à investidura de sexta-feiar, parecia que ficava a cargo do presidente-leito dr. Hector Campora decidir como enfrentar a ameaça dos guerrilheiros.

O dr. Campora não fez ainda qualquer declaração oficial sobre o âmbito da amnistia que o seu Governo se propõe a decretar, mas tendo garantida uma trégua com os principais partidos da oposição, o presidente estará claramente disposto a acabar com a violência terrorista.

Entretanto, é provável que o dr. Campora tencione levar os guerrilheiros a uma forma de «trégua» quando proferir o seu discurso de aceitação perante o Congresso, na sexta-feira, disseram observadores políticos.

Por outro lado, delegações de onze países chegaram ao aeroporto metropolitano de Buenos Aires, para assistir à cerimónia de transmissão do poder presidencial a Hector Campora. Entre as delegações, conta-se a de Portugal chefiada pelo dr. Supico Pinto, presidente da Câmara Corporativa.

O secretário de Estado norte-americano, William Rogers, que chegou a noite passada a esta capital, vindo do Brasil, avistar-se-á hoje com o presidente Alejandro Lanusse, que ocupa pelo último dia o Poder.

A partir de ontem ficou sem efeito a interdição dos bens do antigo presidente argentino Juan Domingo Peron e de outras personagens do regime peronista deposto em 1955 — segundo uma lei que foi publicada no boletim oficial, requisito necessário para que entre em vigor.

Banquete espetacular na Casa Branca

WASHINGTON, 24 — (R.) — O presidente Nixon programou para hoje o maior e mais espectacular acontecimento de gala na história da Casa Branca, a fim de festejar a chegada à pátria de 600 prisioneiros americanos da guerra do Vietname.

Uma tenda com faixas vermelhas e amarelas, maior e mais vasta do que a própria Casa Branca, foi erguida nos terrenos do palácio presidencial para acomodar cerca de 1.300 antigos prisioneiros e convidados.

A tenda foi erigida devido ao salão dos banquetes oficiais da Casa Branca ser demasiado para nele caberem todos.

No interior a tenda parece-se com uma sala de banquetes, com três grandes candelabros dourados suspensos do tecto e 22 mais pequenos presos nos posters que a sustentam.

O presidente e a senhora Nixon planeiam cumprimentar os ex-prisioneiros e suas mulheres na tenda e juntaram-se a eles num banquete, que será seguido por um espectáculo dado pela maior galaxia de astros já vista na Casa Branca.

Deverão actuar no espectáculo de uma hora muitos dos que trabalharam, sem receber um centavo, para soldados americanos no Vietname. Entre eles encontram-se Bob Hope, que será o mestre de cerimónias, John Wayne, Sammy Davis Junior, James Stewart, o conjunto New Christy Minstrels e a Orquestra de Les Brown.

Uma minúscula e improvisada bandeira americana, hasteada à noite, às escondidas, sobre o denominado Hanoi Hilton, será levada com todo o cerimonial para a tenda.

Essa bandeira foi feita no cativeiro com um lenço de linho branco pelo tenente-coronel da Força Aérea John Dramesi, de Blackwood, Nova Jersey.

Para as faixas vermelhas da bandeira utilizou-se roupa interior dos prisioneiros, as brancas e as estrelas foram feitas com tecido de embalagens da cruz vermelha e o azul do fundo com fios tirados de casacos.

Foi pedido a todos os ex-prisioneiros para trazerem um convidado, na maior parte dos casos suas mulheres. Aos prisioneiros envolvidos actualmente em processos de divórcios foi solicitado para levarem um membro da família em vez das namoradas.

Um dos poucos que será acompanhado pela namorada será o capitão da Força Aérea, Galand Kramer, do Oklahoma, cuja mulher se divorciou dele quando era prisioneiro de guerra. Virá com o modelo Miki Garcia, que recentemente posou nua para a revista.

"Comboio flutuante"

NOVA YORQUE, 24 — (UPI-ANI) — Um «Comboio Flutuante» vai ser construído na zona sul de Manhattan, uma das mais congestionadas na cidade de Nova Iorque, para resolver o problema do trânsito citadino — segundo um projecto agora divulgado pela Comissão de Planeamento e pelo Gabinete de Transportes da cidade.

No projecto recomenda-se a construção de um comboio flutuante, ou elevado, o qual teria as carruagens com rodas de borracha para diminuir os ruidos e as vibrações nas vias erguidas sobre as ruas da cidade.

DUZENTOS E UM PICASSOS NO FESTIVAL DE AVINHÃO

AVINHÃO (FRANÇA), 24 — (UPI e ANI) — Duzentos e um quadros, pintados entre Setembro de 1970 e um de Junho de 1972, formam a exposição em homenagem do pintor espanhol Pablo Ruiz Picasso, que serviu para inaugurar ontem o Festival de Avinhão, na França.

«Picasso, obras de 1970 até 1972» é o título do certame, instalado na capela do palácio dos papas de Avinhão e totalmente consagrado aos estudos e retratos do corpo humano — com a excepção de uma pequena paisagem de Mougins — do pintor malaguenho, que faleceu no mês passado, com noventa e um anos.

A selecção dos quadros foi feita em parte pelo próprio Picasso, que tinha revelado inclusive que podia assistir à inauguração da exposição, cujo cartaz anunciador é um menino pintor, com ares de auto-retrato, ao qual o artista espanhol colocou um grande chapéu, semelhante àquele que costumava usar, bem como uma paleta e um pincel na mão.

As características da exposição resumem-se à diversidade e à fidelidade que o pintor, já nonagenário, manteve até à sua última obra.

A temática, conceito utilizado pelos organizadores para a colocação das duas centenas de quadros, mostra até que ponto Pablo Ruiz Picasso se manteve ligado às personagens tauromáquicas, ao flautista, às maternidades, aos pares e aos nus reclinados, com reminiscências goyescas.

Os críticos destacam unanimemente uma série de quadros chamados «mulheres de verde», por causa da cor utilizada, assim como outra consagrada a retratos de crianças.

Picasso mostra, em todas as suas obras, um pouco mais do que o traçado ligeiro de outras épocas, através de uma pintura meditada, com o peso da experiência de noventa anos, mascom a mesma agilidade e agudeza dos seus períodos iniciais.

IMPORTANTE

LEILÃO

DE EXCEPCIONAL CONJUNTO DE PINTURAS

HOJE, DAS 21 ÀS 24 HORAS:

ÓLEOS, AGUARELAS, DESENHOS E GRAVURAS DOS SEGUINTES AUTORES: (por ordem alfabética)

ABEL MANTA — ABEL SALAZAR — ACÁCIO LINO — ADOLFO BENARUS — ADRIANO COSTA — ALBERTO SOUSA — ALBINO CUNHA — ALDA MACHADO SANTOS — ALFREDO KEIL — ALFREDO MORAES — TORQUATO PINHEIRO — ALICE JORGE — ALVES CARDOSO — ALVES DE SÁ — AMÉRICO TABORDA — ANTÓNIO ABREU — ANTÓNIO CARNEIRO — ARMANDO LUCENA — ARPAD SZENES — ARTUR BUAL — ARTUR CASAIS — AUGUSTO BÉRTOLO — AURÉLIO CÉSAR SOBRAL — AURÉLIA DE SOUSA — BARTOLOMEU CID — CÂNDIDO CUNHA — CARLOS RAMOS — C. RUANO LLOPIS — COLUMBANO — DÓRDIO — DORITA — EDUARDA LAPA — EDWARD TUCKER — EMILE MATHON — EMÍLIA MATTOS — EMMANUEL NOTERMAN — ESTELA MARQUES — ESTRELA FARIA — F. NARDI — D. FERNANDO — FIGUEIREDO SOBRAL — FORTUNATO ANJOS — FREDERICO AYRES — GUANDALINI — GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO — HELENA R. GAMEIRO — HILÁRIO TEIXEIRA LOPES — ISABEL GANDARA — J. J. RAMOS — J. B. POISOT — JOÃO REIS — JOE — JOAQUIM LOPES — JORGE BARRADAS — JOSÉ BASALISA — JOSÉ CAMPAS — JOSÉ CAVADAS — JOSÉ CONTENTE — JOSÉ D. SANCHES — JOSÉ MALHOA (um desenho e 2 óleos EXCEPCIONAIS) — JÚLIO POMAR — MANUEL CARGALEIRO — M. A. LIMA CRUZ — MÁRIO COSTA — MÁRIO ELOY — MÁRIO SILVA — PAULINO GONÇALVES — POLIAKOFF — PORTELA J.or — RAPHAEL RODRIGUES — RAQUEL — RIBEIRO CRISTHINO — RICARDO HOGAN — ROQUE GAMEIRO — RUI TEIXEIRA BASTOS — SILVA LINO — SILVA PORTO — SOUSA LOPES — SOUSA PINTO — STUART — TOMAZ DE MELLO — JÚLIO VICTORINO — VIEIRA DA SILVA e de outros autores, bem como de escolas francesa, inglesa e italiana. NUM TOTAL DE 200 OBRAS SELECCIONADAS.

O CATÁLOGO ILUSTRADO DESTE CONJUNTO, ENCONTRA-SE EM DISTRIBUIÇÃO NO LOCAL DO LEILÃO E NOS NOSSOS ESCRITÓRIOS

AMANHÃ, 6.a-FEIRA DAS 21 ÀS 24 HORAS:

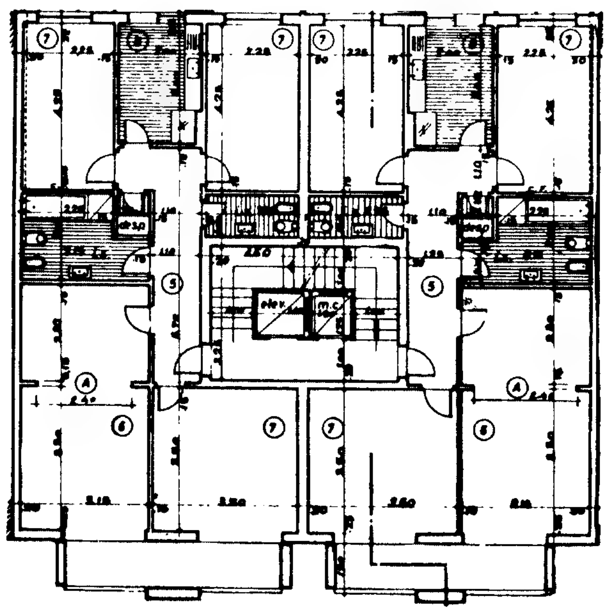
— COLECÇÃO DE ARMAS BRANCAS E DE FOGO, MUITAS DELAS RARAS E VALIOSAS (150 LOTES) DAS MAIS VARIADAS ORIGENS. CATÁLOGO EM DISTRIBUIÇÃO NO LOCAL DO LEILÃO E NOS NOSSOS ESCRITÓRIOS.

— PRATAS E JÓIAS (partilhas e inventário obrigatório) com avaliação oficial e para as quais chamamos a atenção dos comerciantes.

EXPOSIÇÃO: HOJE e AMANHÃ das 15 às 19 e 21 às 24 h.

SOC. DE LEILÕES AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº1 Telfs. P.P.C. (9 Linhas) 532929 51478 532446 AFRA FILHOS, Lda

ANDARES VEMDEM-SE EM LISBOA Travessa Escola Araújo (à Estefânia)



4 CASAS ASS. COM GOLA POR 1200 CONTOS

BOM INVESTIMENTO DE CAPITAL

VENDE NUNO SALVAÇÃO BARRÉTO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.R.L.

Escritório: RUA BERNARDO LIMA, 45-4.º-LISBOA

TELEFONES: 40332 / 536473

ÁUSTRIA - HUNGRIA

Viagem de avião + autopullman Zurich, Viena, Budapest, e Lago Balaton

8 DIAS — 11.550$00

programa detalhado

Dia: 24 Maio 25 Julho

"Atlântica"

Rua Capelo, 4-A, Lisboa Tel 36 92 81 (10 linhas)

ENGENHEIROS DE MÁQUINAS

e/ou

AGENTES TÉCNICOS DE ELECTRICIDADE E MÁQUINAS

Admite organismo oficial para funções de estudo e programação, a tempo inteiro, com experiência comprovada em qualquer uma das seguintes especialidades:

— desenho de máquinas, serralharia, mecânica, serralharia civil, bate-chapas, moldes metálicos, cunhos e cortantes, mecânica de precisão, circuitos hidráulicos e pneumáticos e preparação de trabalho.

Resposta a este jornal ao n.º **813**, com indicação do «curriculum vitae», vencimento pretendido e especialidade a que se candidata.

ENGENHEIROS ELECTROTÉCNICOS

OU

AGENTES TÉCNICOS DE ENGENHARIA DE ELECTRICIDADE E MÁQUINAS

Admite organismo oficial para funções de estudos e programação com experiência profissional comprovada num dos seguintes domínios: Electrónica e Electricidade Automóvel.

Resposta a este jornal ao n.º 815, com indicação de «curriculum vitae» e vencimento pretendido.

DIRECTOR DE PESSOAL

Procura-se para empresa com ligações internacionais nos arredores de Lisboa. Prefere-se candidato com experiência, bom conhecimento de inglês e de legislação de trabalho. Carta com «curriculum vitae», experiência e ordenado pretendido.

Resposta a este jornal ao n.º 816

ENGENHEIROS CIVIS

e/ou

AGENTES TÉCNICOS DE ENGENHARIA CIVIL E MINAS

Admite organismo oficial, a tempo inteiro, para funções de estudo e programação, com prática de construção civil em geral e experiência comprovada em qualquer dos seguintes domínios: toscos, acabamentos, orientação e execução de projectos de construção civil, medições e orçamentos, canalizações e topografia.

Resposta a este jornal ao n.º **814**, com indicação do «curriculum vitae», vencimento pretendido e domínio a que se candidata.

DL/GERAL

O MINISTRO RUI SANCHES ESTARÁ DOIS DIAS NO DISTRITO DA GUARDA

..O ministro das Obras Públicas e Comunicações inicia, amanhã, uma viagem de trabalho de dois dias ao distrito da Guarda, para tomar contacto com empreendimentos em curso e apreciar, com entidades regionais, pretensões cuja execução está afecta aos seus dois departamentos. Acompanhá-lo-ão, além do seu secretário, dr. França Martins, directores-gerais e de serviço do seu ministério e outras individualidades.

No primeiro dia de trabalhos, o ministro Rui Sanches terá na parte de manhã duas sessões: uma nos Paços do Concelho de Fornos de Algodres e outra na Câmara Municipal de Trancoso. Após um almoço no salão do Grémio da Lavoura aquele membro do Governo efectuará visitas em Vila Franca das Neves e, em Aguiar da Beira, presidirá a uma sessão de trabalhos, seguindo depois para Guarda onde pernoitará.

No sábado de manhã, o ministro Rui Sanches presidirá a uma sessão de trabalhos no Município de Vila Nova de Foz Côa, onde, depois de terminadas várias visitas, seguirá para Meda, em cujos Paços do Concelho irá presidir a uma nova sessão de trabalho. Finalmente, efectuar-se-ão visitas às termas de Logroida e, em Marialva, à Civitas Aravorum, após o que o ministro e a sua comitiva, regressarão a Lisboa.

FESTAS DA CIDADE

O CONCURSO DE MONTRAS COMEÇA A 10 DE JUNHO

A partir do dia 10 de Junho, as montras dos principais estabelecimentos lisboetas vão novamente colaborar nas Festas da Cidade de Lisboa de 1973, participando no Concurso de Montras, organizado pela União dos Grémios dos Lojistas, com o patrocínio da Câmara Municipal. É já tradicional o bom gosto e a originalidade que os proprietários desses estabelecimentos põem na montagem e apresentação das suas montras. Os motivos populares ou de qualquer modo ligados à cidade são aproveitados como inspiração para o arranjo dos trabalhos concorrentes e que disputarão várias taças, incluindo aquelas que se destinam a premiar o bom gosto, a originalidade, o sentido comercial, o sabor popular, a propaganda de produtos nacionais, bem como a cor, o movimento e a iluminação. Haverá, ainda, prémios pecuniários destinados aos autores das melhores montras.

CONTABILISTAS

Admite organismo oficial, a tempo inteiro, funções de estudo e programação, mediante prestação de provas.

CONDIÇÕES:

— Curso dos Institutos Comerciais.

— Prática de movimento de escritório, especialmente contabilidade.

Resposta a este jornal, ao n.º 811, com indicação do «curriculum vitae» e vencimento pretendido.

CONSTRUTORES CIVIS

Admite organismo oficial, a tempo inteiro, para funções de estudo e programação, com prática de construção civil em geral e experiência comprovada em qualquer dos seguintes domínios: toscos, acabamentos, canalizações e condução de obras.

Resposta a este jornal ao n.º 812, com indicação do «curriculum vitae», vencimento pretendido e o domínio a que se candidata.

Evolução da loucura em Portugal

Conclusões do Congresso Nacional de Psiquiatria

Foram agora tornadas públicas as conclusões do II Congresso Nacional de Psiquiatria, promovido pela Secção de Psiquiatria Social, e realizado no Porto com mais de 500 participantes, que se debruçaram sobre o tema «**Resistência à Mudança do Sistema Psiquiátrico Nacional**».

Como ontem, chamávamos a atenção no artigo sobre «A Evolução da Loucura em Portugal — os Psiquiatras e os Manicómios», este Congresso que, nas conclusões agora expostas, não põe em causa a existência dos nossos manicómios, nem o estatuto dos psiquiatras, nem o estatuto dos loucos (definidos pela posição social em relação ao Poder), aparece integrado nos movimentos de renovação de prática psiquiátrica tradicional. Publicamos a seguir o texto das conclusões.

PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE

1 — A participação da comunidade na promoção da sua própria saúde mental, encontra de momento sérias dificuldades no contexto socio-cultural português, mas que representa irresistivelmente um extraordinário papel na Psiquiatria do futuro.

2 — Uma equipa médico-social organizada e suficientemente coesa pode já começar a fazer sentir a sua acção neste campo, o que supõe ter já ultrapassado multiplas resistências iniciais.

3 Que até ao momento a equipa médico-social e a comunidade têm constituído 2 blocos quase separados, com deficiente conhecimento mútuo e integração bastante má.

4 Que se impõe uma vasta informação do Sector, à semelhança do que se fez na tuberculogia, para que com a devida valorização, se possa de algum modo proceder à prevenção primária.

5 Para isso é necessário discutir largamente o problema com as autoridades administrativas, médicas, sociais e outras da comunidade, procurando tomadas de consciência colectivas promotoras da participação.

6 — A equipa médico-social para além da sua actuação directa, sobre o doente e eventualmente sobre o meio, terá de futuro uma acção indirecta não consultiva, através de médicos, professores, pedagogos, etc., por ela informados em reuniões.

7 As mudanças de opinião e atitude tem de ser progressiva, pacífica e racionais para se tornarem estáveis.

8 Todas estas conclusões são provisórias porque se trata de matéria nova para este País, onde não há experiência local.

PSIQUIATIRA ANTI-PSIQUIATRIA PSICANALISE GRUPANÁLISE

O moderador desta mesa, disse que dado o tema sobre que se debruçaram, não era possível apresentarem conclusões. Mas, os componentes da mesa vão fazer uma publicação conjunta com o objectivo de abrir caminho para uma discussão mais ampla dos temas abordados.

PSICOTERAPIA FAMILIAR

A aplicação da psicoterapia familiar em Portugal, dadas as características sociológicas da família e da actual organização psiquiátrica portuguesa, deve ser criteriosamente ponderada.

É no campo da Psiquiatria infantil que encontramos maior motivação e permeabilidade para uma abordagem deste tipo.

Há que iniciar, desde já, uma sensibilização quer nos técnicos quer do meio, a uma perspectiva de Psiquiatria familiar.

Entretanto o terapeuta deve definir muito duramente a sua filiação teórico-prática neste campo, com o objectivo de, dentro da ambiguidade das correntes actuais, poder adquirir uma sólida formação, que lhe permita acompanhar em maleabilidade os condicionamentos sociológicos a que a evolução da família está sujeita.

NOVAS PERSPECTIVAS DA DINÂMICA HOSPITALAR

1 Urgência de estabelecer uma legislação que fundamente a Psiquiatria de Sector.

2 — Necessidade de se criarem meios de acção para a concretização da Psiquiatria Comunitária.

3 Necessidade de uma política geral psiquiátrica, que implica uma planificação ao nível do conjunto por parte do I.A.P.

4 Importância de uma formação adequada dos técnicos em Psiquiatria Comunitária.

5 Necessidade de formação de Centros com várias equipas multiprofissionais harmónicas e coerentes, e portanto com um número restrito de elementos.

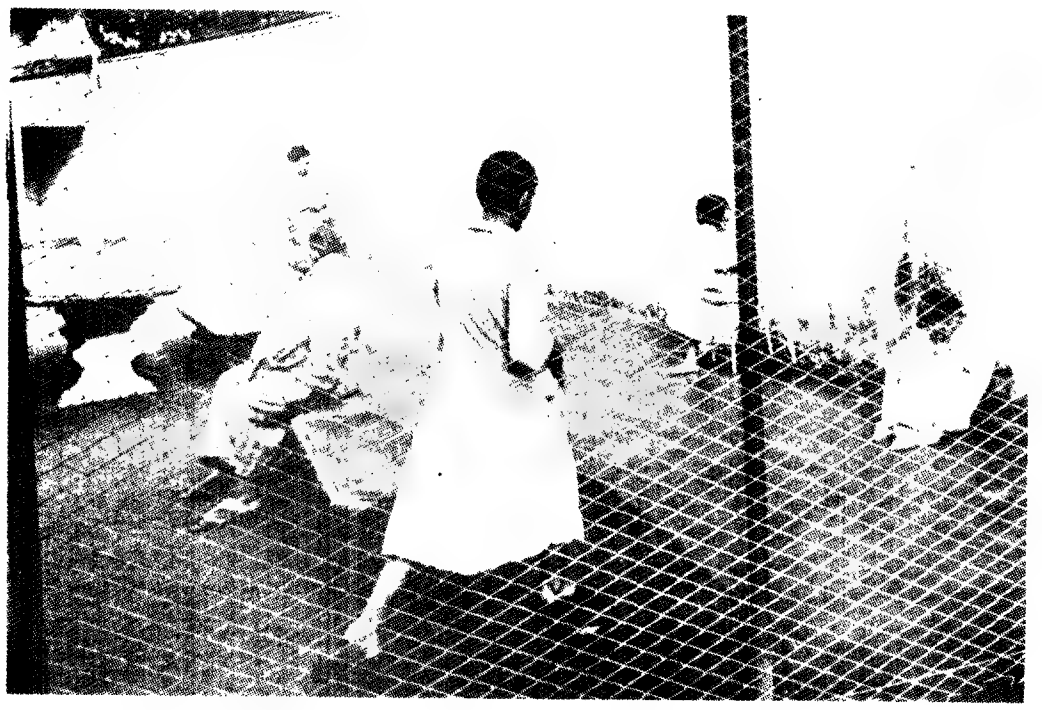
6 Dentro de cada unidade assistencial, como dentro de cada equipa, como dentro de cada Centro, deve existir uma acção planificada com áreas de actuação definidas, e que se deve basear no consenso da equipa.

7 A autonomia técnica das equipas não é suficiente nem existe, sem autonomia administrativa e financeira e implica igual autonomia para os Centros.

8 As unidades hospitalares devem organizar-se numa perspectiva de Comunidades Terapêuticas, ou qualquer outra, afim de permitir um tratamento e recuperação mais rápido dos doentes mentais, procurando assim evitar-se a sua cronização e deterioração.

9 Este tratamento e recuperação implica, no entanto, uma acção na Comunidade que é complementar daquele, e implica uma legislação adequada.

10 Qualquer modificação da estrutura hospitalar actual deverá atender às necessidades e à rede simbólica pré-existente, com consequente reestruturação de papéis.



... Pessoas internadas em manicómios com condições de vida muito pouco humanas

NOVAS PERSPECTIVAS DA RELAÇÃO TERAPEUTICA

Concluiu-se da necessidade de estudo de novos caminhos na relação terapêutica com vista a uma maior intervenção das equipas terapêuticas no sector onde os participantes do «painel» exercem as suas funções técnicas.

As dras Maria Amália Salvini, e Maria Júlia Mira Coelho e a A.S. Maria de Fátima Lourenço, revelaram com o seu trabalho de prospecção primária, numa das instituições do Sector algumas possibilidades de dinamização psicológica profunda, útil na mobilização do doente e na sua reintegração social, como caminho em favor de uma progressiva desalienação.

A dr.ª Margarida Rato e a A.S. Maria Henriqueta de Almeida representando toda uma equipa de Neuro-Psiquiatria Infantil, que exerce a sua actividade técnica no Hospital Magalhães de Lemos, encontraram numa prospecção secundária efectuada no sector institucional em relação com a sua actividade técnica, resultados positivos, em relação à dinamização do sector encetado pela mesma equipa há cerca de 4 anos. Descreveram como se estabelece a relação Equipa-Instituição como caminho para uma consciencialização de uma dada zona social em relação aos problemas da criança, sendo bem explícitos nos frutos de um contacto multidisciplinar e de uma aferição permanente, resultante do contacto inter-técnicos.

Finalmente, os resultados positivos, quer no aspecto de investigação psicológica, quer terapêuticos, de um trabalho já com alguns anos de experiência, efectuado com grupos de crianças, foram descritos por Manuela Malpique, que nessa actividade tem vindo a colaborar com o dr. Jorge Mira Coelho, utilizando uma técnica onirroterapêutica, através das Inter-imagens.

No final a mesa concluiu, que actuando quer no grupo restrito quer no grupo mais amplo, a aferição constante das múltiplas experiências, a consciencialização progressiva a ainda toda a dinamização consequente, constituirão um dos novos caminhos na evolução da relação terapêutica.

«GESTÃO E EQUIPAS TERAPÊUTICAS»

1 — A estrutura socio-económica e cultural portuguesa, condiciona a organização dos serviços de saúde mental em Portugal, e a sua articulação com outros serviços de organização social da medicina.

2 Tendo em conta as soluções achadas no plano internacional, consideramos que o objectivo primordial da gestão psiquiátrica, será encontrar o modelo ou modelos organizacionais que se adaptem à realidade portuguesa.

3 A direcção dos serviços de saúde mental das equipas forda por técnicos de saúde mental com formação específica em gestão psiquiátrica.

4 Na situação de mudança organizacional que defrontamos e que não tem sido gerida, impõem-se um esforço de informação e formação dos técnicos de saúde mental das equipes formais no sentido de as transformar em terapêuticas.

em 3 linhas

Foram reforçadas em 19.748.302$70 verbas das das tabelas de despesa e receita do orçamento privativo das forças terrestres ultramarinas de Moçambique.

///

Por decreto, pelo Ministério do Ultramar, no «Diário do Governo» (1.ª série, n.º 120) são adoptadas providências de carácter administrativo relativas às províncias ultramarinas.

///

Foram autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério das Obras Públicas, que ascendem a 30.814.280$00.

///

Foi aumentado o quadro dos oficiais de justiça dos Tribunais do Trabalho de Lisboa, Porto, Aveiro e Viseu.

///

O orçamento suplementar, de receita e despesa para 1973 de Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar totaliza 1.800.000$00.

///

O dr. Carlos Fuzeta da Ponte foi provido definitivamente no cargo de delegado do quadro das delegações do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência.

///

Foi reconduzido no cargo de presidente do conselho de administração da Empresa Insular de Electricidade (Ponta Delgada), S. A. R. L. o eng. Deodato Chaves de Magalhães Sousa.

///

Renovada a nomeação de rev. António Alves de Campos no cargo de assistente nacional da Mocidade Portuguesa.

///

Foi concedida autorização para o guarda Domingos Vieira Lopes Júnior, do comando distrital da P. S. P. de Faro ser demandado criminalmente nos autos de corpo de delito que contra ele pendem no Tribunal Judicial da Comarca de Silves.

///

Foi prorrogado até 12 de Junho, às 13 e 30, o prazo para entrega das propostas do concurso público para adjudicação da empreitada de construção da Ponte de Pau, em Aveiro, para cujo Município devem ser enviadas as propostas referidas.

///

O dr. António Monteiro Alves foi contratado, por cinco anos, para exercer o cargo de professor, auxiliar, além do quadro, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

///

Foi nomeado o coronel, na reserva, Manuel Pereira dos Santos para desempenhar as funções de director do Centro Nacional de Ensaios de Munições de Armas Portáteis.

///

Foi fixado o perímetro de protecção da Ponte de D. Goimil no lugar de Esposende, do concelho de Matosinhos, classificada como imóvel de interesse público e cuja planta vem anexa à respectiva portaria no «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 121).

///

O vice-presidente do Município da Covilhã, sr. Jorge Craveiro de Sousa foi nomeado para o cargo de presidente.

///

Está constituída a sociedade Editorial Teorema, Ld.ª, com sede em S. João do Estoril e cujo objectivo é a divulgação de obras científicas, literárias ou artísticas, a edição de publicações não periódicas e o exercício do comércio livreiro em geral.

///

O dr. João Manuel Delgado Gonzalez foi contratado, por conveniência urgente de serviço, como assistente eventual, além do quadro, do Instituto Superior de Economia.

///

Foi tornada extensiva às piscinas anexas ao Hotel D. João II, construído na Praia de Alvor, no Barlavento do Algarve, a declaração de utilidade turística prévia.

///

Concedido à Sociedade E. I. S. — Estabelecimento de Ensino Infante de Sagres, S. A. R. L. alvará para funcionamento de um estabelecimento de ensino particular-primário elementar, ciclo preparatório do ensino secundário e liceal (curso geral) — denominado Externato Infante de Sagres e instalado em Avelar, concelho de Ansião (Leiria).

///

Está aberto concurso público para a empreitada de construção de um edifício escolar com quatro salas de aula e cantina no núcleo de São Martinho do Porto, na base de licitação de 1.795.734$00.

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços técnicos da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritórios: R. Conde de Redondo, 64, 2.º, dt.º Tel. 5 92 88.

ORÇAMENTOS GRÁTIS

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Vicente P. Ferreira. R. Luís de Camões, 31 SERPA

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91 A
Rua Angelina Vidal, 63 | Lisboa

DL/DESPORTOS

REGISTO

MARIALVAS

No Estádio Municipal de Cantanhede jogam, no próximo domingo, o Marialvas e o F. C. Porto.

Este encontro particular está a despertar grande interesse, devido ao elevado número de adeptos do F. C. Porto na região.

TOTOBOLA

Os serviços de organização dos boletins do Totobola já elaboraram a lista dos 13 jogos a constar do concurso de 10 de Junho, correspondendo à última jornada do Campeonato da Primeira Divisão. São os seguintes: Belenenses-Barreirense, Setúbal-Sporting, F. C. Porto-União de Coimbra, União de Tomar-Beira Mar, Fakense-Boavista, Guimarães-Leixões, Benfica-Montijo, Cuf-Atlético, Marítimo-Facavenense, Odivelas-Tramagal, Aves-Feirense, Tirsense-Penafiel e Itália-Brasil.

DIÁRIO DE LISBOA

Está provado que de Totobola percebemos nós. De tal modo que no concurso n.º 37, referente a 20 de Maio, ganhámos o prémio dos Órgãos da Informação, com 11 (onze!) resultados certos no nosso prognóstico semanal. Com os mesmos resultados apenas mais dois jornais: «Notícias de Évora» e «O Concelho de Estarreja», pelo que o prémio deve dar para um almocinho da rapaziada!

BILHETES

Preço dos bilhetes para o torneio de competência entre os clubes da 1.ª e 2.ª divisões: bancada central, 62$50; bancada lateral, 45$00; superior, 32$50; geral, 20$00. Quanto aos jogos entre clubes da 2.ª e 3.ª divisões, temos: bancada central, 35$00; bancada lateral, 25$00; superior, 20$00, e geral, 15$00.

FUTEBOL BANCÁRIO

Terminou a prova de futebol designada por Torneio da Primavera-73 que, com o patrocínio do Banco Nacional Ultramarino, o Grupo Desportivo e Cultural dos Empregados da filial daquele Banco em Barcelos promoveram, e que contou com a presença dos grupos das dependências do Porto, Braga, Viana do Castelo, Guimarães, Famalicão e Barcelos.

A prova, que decorreu com muito interesse e serviu para estreitar laços de amizade e camaradagem entre os funcionários das diversas filiais e seus familiares, teve como vencedora a equipa representativa da dependência do Porto. A classificação final foi a seguinte: Porto, 10 pontos; Guimarães, 6; Viana, 6; Braga, 5; Barcelos, 3; Famalicão, 0.

PROF. REIS PINTO

Efectua-se no próximo domingo, na Floresta do Ginjal, em Cacilhas, o jantar de homenagem aos prof. Reis Pinto, pelos seus 25 anos de actividade ao serviço da educação física. Organizam esta festa os clubes onde o categorizado professor dá aulas de ginástica (Ginásio Clube do Sul, Sporting e Ateneu Comercial), onde podem ser feitas as inscrições.

NATAÇÃO

O Festival de Maio, em natação, está marcado para a manhã do próximo domingo, na piscina do Sport Algés e Dafundo. As provas principiam às 10 horas, concorrendo nadadores infantis e das idades de 8/9 anos. Neste último escalão etário podem inscrever-se nadadores das escolas e clubes filiados.

BASQUETEBOL

Na final do festival mundial de basquetebol (Taça William Jones, reservada a homens), Cuba bateu os Estados Unidos por 90-81, com 43-40 ao intervalo.

PUGILISMO

O pugilista inglês John Conteh manteve o título europeu de meios-pesados e ganhou os títulos britânico e da Comunidade, ao vencer aos pontos o seu compatriota Chris Finnegan, num combate de quinze assaltos.

O árbitro Sid Nathan atribuiu 74 1/4 pontos a Conteh e 73 1/2 a Finnegan, que perdeu os seus títulos.

Conteh, que faz 22 anos na próxima semana, obteve o título europeu em 13 de Março deste ano, ao bater o alemão ocidental Rudi Schmidtke no mesmo «ring». Finnegan perdeu o título continental ao ser batido pelo alemão, em 1 de Novembro do ano passado.

Finnegan, que ganhara os títulos nacional e da comunidade britânica em Janeiro de 1971 contra o galês Eddie Avoth, pesou 78,2 quilos, contra 79,1 de Conteh.

A toda a extensão do braço: Este é um precioso documento do estilo correctíssimo do pugilista inglês John Conteh e refere-se ao combate com Finnegan

MAIA

Na reunião da Câmara Municipal da Maia foi deliberado abrir concurso público para a obra de construção do pavilhão gimnodesportivo e anexos na sede do concelho — 2.ª fase (conclusão), na base de licitação de 3.379.540$00, e apreciado o estudo prévio da obra de construção de um complexo de piscinas, integrado no parque desportivo do concelho, cuja estimativa atinge a importância de 3.822.000$00.

DESORDENS

No estádio de Sczzecin, na Polónia, registaram-se, no passado domingo, violentas desordens que levaram a Polícia a intervir contra uma parte dos espectadores descontentes com o empate verificado no encontro da primeira divisão disputado entre a equipa local e a do Lodz.

A Imprensa polaca, que transmitiu esta informação, indica que ao terminar a partida um «grupo de jovens transviados» entrou no relvado com o visível propósito de agredir o árbitro, que aos 70 minutos anulara um golo à equipa do Sczzecin. Nos choques entre os espectadores exaltados e a milícia que procurou restabelecer a ordem, ficaram feridos quatro agentes.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 38 DE 27 DE MAIO DE 1973

Bondiazinho — 21x 111 xx1 2111; Brado Africano Desporto — 1x1 121 1x1 2x1x; Brado Africano Ronga — x2x 121 x21 2x1x; Cabine 2 Domingo — 122 121 11x 211x; Cabine 2 Semana — 122 1x1 x11 1x12; Cidade 73 — 221 xx2 211 x121; Domingo Alegre — 221 xx1 22x 1111; Passatempo — 2x1 212 112 211x; Rádio Desporto — 122 121 x1x x111; Revista Desportiva — 122 121 1xx 111x; Roteiro Sonoro — x21 xx2 1x2 1111; Terceiro Programa — 221 x11 x22 111x; 20 Ponto D — 221 x21 11x 2111; O Alcoa — 2xx 121 11x 1111; O Algarve — x11 121 1x1 x212; Beira Baixa — 2x2 121 111 1112; Boa Nova — 2x2 121 1xx x1x1; Cavalgada do Ritmo — x2x 121 11x x111; Comércio de Portimão — 221 xx1 111 x212; Correio dos Açores — x21 121 111 2x11; Correio de Coimbra — 122 121 x11 2x12; Correio do Vouga — 221 121 111 1111; A Defesa — x21 1x1 121 2112; Desportivo das Beiras — 1xx 1x2 x2x 1212; Eco de Estremoz — x21 121 1x1 x2x1; Ecos do Desporto — 221 121 1x1 xx11; Epoca — 221 1x1 1x1 2211; Estrela da Manhã — 221 12x 11x 2112; Eu Sei Tudo — 12x 1x1 1x1 2xx2; Folha do Domingo — 11x 121 111 111x; Imagens Piedenses — 1x1 2xx 1x1 2xx2; Jornal das Aves — 221 x2x x21 x21x; O Jornal de Felgueiras — x21 121 1xx 1x11; Jornal do Fundão — x21 121 1xx 121x; Jornal de Santo Tirso — x22 121 xx2 x112; Jornal de Viseu — 22x 121 x2x x111; Noticias de Chaves — 22x 12x 11x 1221; Notícias de Felgueiras — x2x 121 x11 x11x; Notícias de Guimarães — 122 121 1x1 1x11; Peça que não maça 222 111 111 111x; Povo Algarvio — 121 12x 111 1212; A Rabeca — 22x 121 111 xx12; Rádio Oceano — 222 1x1 111 xx1x; Reconquista — 121 121 1x1 x2x1; Renovação — x22 121 xx1 211x; República — 221 121 11x 2211; Revista de Som — 212 x12 x22 112x; O Telégrafo — x21 121 11x x111; O Templário — 221 121 111 1111; A Voz Desportiva — x22 121 x1x 2111; A Voz do Domingo — 2x1 121 111 x111; Voz de Lamego — 222 121 2x1 1212; Açores — 12x 121 1xx 2x11; Auto Rádio — 2x1 1x1 x11 2111; Brados do Alentejo — 221 x21 2x1 xx21; A Comarca de Arganil — 221 121 111 2111; O Comércio de Leixões — 22x 121 112 xx1x; O Concelho de Estarreja — 221 111 111 1111; Correio do Minho — xx1 121 x11 xx11; Às 10 Espere por nós — xx2 1x1 xxx x21x; Diário de Coimbra — 211 121 1x1 x111; Diário do Minho — 222 121 1x1 1x11; Ecos de Cacia 222 1x1 111 2111; Estúdio 64 — x11 121 111 x111; Dos Fracos Não Reza a História — 1xx x2x 1x1 2xxx; A Ilha — xx2 121 x1x 2211; Jornal da Graça — 111 111 111 1111; O Jornal da Lixa — 221 x21 1x2 112x; Jornal de Noticias — x21 121 xx1 2x11; Jornal de Sintra — 2xx 121 111 x112; O Mensageiro — x22 121 111 xx12; Litoral — 221 1x1 11x 211x; Manchete Desportiva — x21 121 111 1111; Maria da Fonte — 221 121 121 x212; Mosaico — 221 x21 12x 12x1; Mundo Desportivo — 22x 121 xx1 2x1x; Noticias do Douro — xx2 121 1x1 x11x; Noticias de Gouveia — 221 21x 21x 21xx; Penalti — 121 121 111 1111; Placard Desportivo — 1xx 1x1 x11 2111; Placard Desportivo Açores — x22 x21 111 x111; Programa Sem Nome — 1x1 1x1 111 211x; Quadrante Desportivo — 22x 121 11x 11x2; Quadrante Norte — xx1 112 11x 21x2; Rádio Altitude — xx2 121 1x1 x112; Rádio Placard — 211 211 111 1111; Repórter do Dia Angola — 221 121 1x1 1x11; Resenha Desportiva — 221 121 111 x111; O Sorriso da Hora do Almoço — 1x1 121 x11 1112; A Voz dos Ridiculos — 222 121 112 2212; Rádio Desporto — 212 111 112 1221; Noticias do Totobola — xx1 121 1xx xx1x; A Nossa Chave — x21 121 1x1 x211; Apostolado — 222 121 1x2 x11x; Ultimo Palpite — 21x 11x 211 x22x; Boletim Desportivo 221 2xx x21 111x; Clube do Ar 221 121 11x 2x11; Diário do Porto — 221 121 11x 1x11; Miscelânea Musical xx1 211 1x1 1111; Montra do Êxito — x11 121 121 2111; Música e Desporto — 22x x11 xx1 x22x; O Primeiro de Janeiro — 221 121 1x1 x21x; Programa da Manhã x11 122 111 1x11; Rádio Sports — 111 xx1 111 1111; Ritmo e Amizade — x2x 12x 11x x11x; Só Rádio — x21 x11 11x 2111; Diário de Lisboa 222 121 1xx xx1x; Noticias de Evora 22x 121 11x x211; Voz do Casa Pia — 221 121 111 x111; O Comércio do Porto — 121 121 12x x212; Diário do Alentejo — 1x1 1x1 11x 211x.

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS 1	BOLAS X	BOLAS 2	(a)
1. CUF-SPORTING	23	32	56	2	4	6	
2. FARENSE-SETÚBAL	13	23	75	2	2	8	
3. CASTELLÓN-VALENCIA	62	22	27	7	2	3	
4. BÉTIS-BURGOS	89	16	6	9	2	1	
5. GIJÓN-REAL MADRID	15	20	76	2	2	8	
6. ATLÉTICO BILBAU-OVIEDO	94	10	7	10	1	1	
7. MÁLAGA-CELTA	81	24	6	8	3	1	
8. SABADELL-SANTANDER	61	37	13	7	4	1	
9. HÉRCULES-CÁDIS	67	34	10	7	4	1	
10. TARRAGONA-SEVILHA	36	41	34	4	4	4	
11. PONTEVEDRA-ELCHE	60	27	24	7	3	2	
12. URSS-FRANÇA	93	10	8	10	1	1	
13. ROMÉNIA-ALEMANHA ORIENTAL	56	32	23	6	4	2	

a) Nos termos do Artº. 109º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:

221 121 111 x111

FUTEBOL — DL/DESPORTOS

Moura com um pé no Sporting enquanto João Rocha aceita

Enquanto o financeiro João Rocha aceitou, em princípio, o convite que oficialmente lhe foi formulado para presidir aos destinos do Sporting, o Departamento de Futebol encetou diligências para as necessárias contratações e renovações de contratos. Assim, a primeira grande novidade: Moura, do Boavista (um avançado de bons recursos) está com um pé no Sporting. O avançado centro «axadrezado» termina este ano o seu contrato e ainda não chegou a acordo com o clube de xadrez. Entretanto, as negociações com o Sporting avançaram e falta apenas acertar o quantitativo em dinheiro e as condições a ajustar com o Boavista.

A Comissão de cinco membros encarregada de resolver a sucessão no Sporting avistou-se já com João Rocha tendo este pedido um prazo de espera para medir a situação e elaborar um relatório para o «Conselho Leonino», tal como informámos em primeira mão. Posteriormente realizar-se-á a Assembleia Geral da eleição, estando previstas as datas de 5 ou 22 de Junho.

MADEIRA

Imbróglio madeirense entre o Marítimo e o Sporting local: com a entrada do primeiro clube na «liguilha», a outra colectividade é afectada por não poder utilizar o estádio «Marcelio Caetano» para os jogos que tiver de realizar no mesmo dia.

GUIMARÃES

Esta tarde (18 e 30) no Municipal de Guimarães, disputa-se o jogo particular entre o Vitória e os irlandeses do Limerick.

BEIRA-MAR

A 20 e 21 de Junho, o Beira-Mar estará presente em Orense (Espanha) na disputa do troféu «Corpus Christi», em que também estão o Orense, o Salamanca e o Oviedo.

AMÉRICA

Na primeira «mão» da Taça dos Libertadores da América, Independiente (Argentina) e Colo-Colo (Chile) empataram a um golo.

COIMBRA

Confirmada a notícia dada em primeira mão pelo nosso jornal: Coqueiro Figueira, que deixa no fim deste mês o cargo de Albano, é o novo orientador técnico do União de Coimbra.

CASTIGOS

A Federação publicou hoje em Lisboa os castigos da 2.ª Divisão. O lafonense Esteves foi suspenso por um jogo. Na divisão secundária: Coletti (Olhanense) foi punido com 3 jogos de paragem, enquanto que Avelino (Lamas) fica parado 2 jogos e o trio Freitas (Riopele), Almeida (Sanjoanense) e Teixeira (Portimonense) queda-se na bancada uma jornada

PROTESTO

O Sporting de Braga confirmou, na Federação, o protesto há semanas tornado público a respeito da actuação do varzinista Serrão no jogo com o Gil Vicente, a 22 de Abril último. Recorda-se que o problema reside na falta de prévio exame no Centro de Medicina Desportiva do jogador da Póvoa

FARO

António Teixeira desmente, publicamente, qualquer ligação com o Farense, afirmando (até) que pretende acompanhar o Leixões à Pérsia, em Junho.

LEIRIA

Outra «despedida» Bertal, que dirigia a turma doqUnião de Leiria, foi avisado da sua dispensa epla direcção da colectividade.

INTERDIÇÃO

O campo do Amiense foi interditado por cinco jogos.

PORTO

Foram necessários cinco desafios para se encontrar o campeão regional de juniores da Associação de Futebol do Porto: 440 minutos, para que portistas e leixonenses dessem por terminada esta questão.

Ontem, no Bessa (que estava emoldurado de uma enorme e ruidosa assistência) os rapazes de Matosinhos e das Antas, lá se voltaram a defrontar, desta feita para que os segundos ganhassem por margem que não deixa dúvidas, já que foram eles os mais esclarecidos no terreno e aqueles que disfrutaram de um maior número de oportunidades para fazer funcionar o marcador.

Contra uma equipa que actuou muito desgarradamente, que nunca soube impor o seu jogo e que teimou em praticar um futebol de pontapé para a frente, os portistas acabaram por ganhar ascendente na zona do meio-campo e a partir daqui tudo foi fácil para a conquista do título regional. O Leixões foi mais voluntarioso (não podia mesmo ter pela frente uma equipa sem cabeça, tronco e membros, pois veio a colher o melhor resultado

A arbitragem [illegible] jogo que foi dirigido com muito correcção [illegible] equipas: F.C. Porto — [illegible]; Marques, Alcino, Guedes e Simões; Cadete, Mascarenhas e Teborda; Carlos Machado, Gomes (Juvenil) e Neves. **Leixões** — Lúcio; Martinho, Armando, Valdemar e Ferreira; Franco, Arlindo e Regufe; Rachão (Jaime), Carlos Alberto (Vítor)e Serrano.

ESPANHA

O Espanhol eliminou o Atlético de Madrid da «Taça da Espanha», ao vencer ontem à oite por 2-0 na segunda «mão» da quinta eliminatória. Na primeira «mão», em Madrid, o Atlético vencera por 1-0.

TAÇA U.E.F.A.

O Borussia de Moenchenglabach, da Alemanha Federal, não obstante ter vencido o Liverpool (da Inglaterra) por 2-0, no jogo da Segunda «mão» da final da Taça «UEFA», realizado no Estádio de Boelberg, perante 34 500 espectadores, não conseguiu ficar em posse do troféu, pois a equipa inglesa ganhara o desafio da primeira «mão» por três tentos esm resposta. O Liverpool venceu a antiga «Taça das Feiras», (hoje a Taça da U.E.F.A.) com o resultado conjunto de 3-2.

No jogo de ontem a equipa alemã já vencia por 2-0 antes do intervalo, com dois tentos marcados pelo «internacional» Jupp Heynckes, aos 30 e aos 39 minutos. Contudo, o Liverpool fechou-se muito bem após o reatamento e não concedeu qualquer outro tento.

O jogo foi realizado sob a ameaça de chuva e fez relembrar o desafio da primeira «mão», em Liverpool, que teve de ser adiado um dia devido à grande chuvada que tornara impraticável o terreno. As equipas alinharam da seguinte maneira:

No restaurante do antigo jogador Cordeiro, a equipa de futebol do Oriental foi homenageada com um jantar-convívio, pela sua classificação para a Liguilha. A festa teve carácter privado, apenas se associando as pessoas mais ligadas à secção, e valeu, sobretudo, pelo seu tom despretencioso, principiando logo após o treino e prosseguindo em boa camaradagem pela noite dentro.

Boeussia de Moenchengladbach — Kleff; Danner, Surau, Vogts, Bonhof, Kulik, Jensen, Wimmer, Rupp, Netzer, e Heynckes.

Liverpool — Clemende; Lawler, Lindsay, Smith, Lloyd, Hughes, Keegan, Cormack, Toshack, Heighway e Callaghan.

Arbitrou (muito bem) Pavel Karazov, da Rússia

CAMPEONATO DO MUNDO

A Suécia agarrou-se à sua última oportunidade para conseguir um lugar na fase final do Campeonato Mundial de Futebol a realizar na Alemanha Federal em 1974, ao derrotar a Austria por 3-2 num encontro crucial de qualificação. Ao intervalo, a Suécia vencia por 1-0.

GRUPO ASIÁTICO

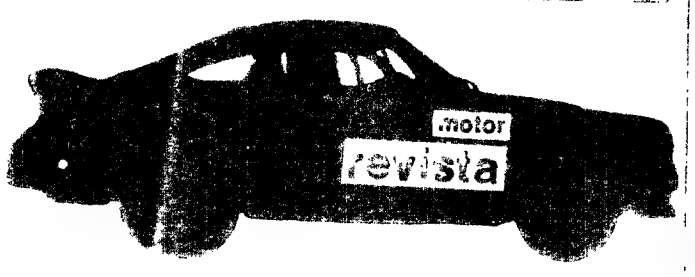
Israel e a Coreia do Sul passaram às meias-finais do torneio preliminar asiático do Campeonato do Mundo de Futebol. As duas equipas empataram sem golos num encontro do Grupo «B». Anteriormente, no mesmo grupo, a Malásia tinha derrotado a Tailândia por 2-0.Israel ficou no primeiro lugar do Grupo «B» com duas vitórias e um empate e a Coreia do Sul no segundo com uma vitória e dois empates.A Malásia foi eliminada ocm uma vitória um empate e uma derrota, o mesmo acontecendo à Tailândia com três derrotas.

Parece provável que Israel defronte o Japão e a Coreia do Sul nas meias-finais que se iniciam sábado. Hong-Kong (que venceu o Japão por 1-0) é o favorito do encontro que disputa hoje com o Veitname do Sul para o primeiro lugar do Grupo «A».

KOL
MAPLES
AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO,
87, R/C., E - 1.º—
LISBOA

3
PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE
Arroz «TREVO»
Arroz «MOÇAMBIQUE»
Especiarias «TREVO»

MERCADO DA PRIMAVERA
MOBLAS
Visite o nosso stand
Tel. 32187 LISBOA



Naia
Rua do Carmo, 45 — Av. de Roma, 17-A
Rossio, 118 — Av. de Roma, 17-A
Primar
Rossio, 115 — Av. de Roma, 17-A
M MAISON LOUVRE
Rossio, 106

Informam os seus clientes e o público em geral da alteração do horario dos seus estabelecimentos a partir de 1 de Junho próximo.

ABERTURA: 9,30 h — ENCERRAMENTO: 19.30 h

«Não fecha para almoço»

Nos meses Julho e Agosto encerram aos sábados às 13 h e nos restantes meses do ano, excepto Dezembro, abrem às segundas-feiras as 15 h. para prolongamento do descanso semanal dos seus empregados.

FESTIVAL DE CANNES

Por JOSÉ GABRIEL VIEGAS

OS NUS E OS OUTROS

CANNES, 24 — Enquanto decorria a conferência de Imprensa de Ylia Averbakh, realizador de «Um Monólogo», o único filme soviético em competição, a 900 quilómetros daqui, em Paris, tinha lugar uma discussão bem mais animada, onde o cinema ocupava um lugar de destaque. Tratava-se de um debate na Assembleia Nacional, com as respostas de Maurice Druon, ministro da Cultura, a várias questões orais. Como a sessão era transmitida em directo pela televisão, como se falava bastante de cinema, imagina-se facilmente que os diversos televisores espalhados pelas salas do Palácio do Festival reuniam à sua volta um número de jornalistas superior ao que ouvia até ao fim da conferência soviética. Não vale a pena transcrever os comentários que ouvi, nos diversos grupos que escutavam a intervenção ministerial. Diga-se apenas que se as declarações de Maurice Druon divertiram por momentos os assistentes, não deixam também de os inquietar um pouco.

A acreditar nas declarações de hoje, que confirmam as que foram feitas há tempos a uma agência de Imprensa, a legítima preocupação de Maurice Druon em lutar contra a violência e a pornografia, tem certos limites. Não se trata, por exemplo, dos westerns italianos, de certas séries policiais, onde assassinato e sadismo são propostos do modo mais atraente e sedutor sem restrições ou problemas de exibição de espécie alguma. Ou dos filmes ditos pornográficos, desde que não saiam das salas especialisadas.

Não, o que parece sobretudo inquietar o ministro é um outro tipo de cinema, que ele designa claramente, quando fala «daqueles que sob pretexto de arte pretendem promover e exaltar» esses valores imorais que tanto o chocam. Diz não ter nada contra a violência, quando se trata da nobre, da resistência — com letra grande e à francesa, bem entendido — como nada tem contra o sexo, quando é do antigo e à maneira dos gregos.

O problema, para Maurice Druon, que pretende deixar uma grande recordação da sua passagem, é que os gregos de hoje têm outras ideias sobre a questão. Entre outros, e no cinema, chamam-se Buñuel, Bergman, Fellini, Charol ou Carmelo Benne. E muitos mais, sem contar os jovens que começam a mostrar os dentes e a morder por sua vez nessas convenções que se julgavam já há muito mortas e enterradas e que agora pretendem ressuscitar. O movimento é irreversível, é-o, nomeadamente, em França, onde surge agora uma jovem geração de cineastas dinâmica e insolente, como Jean Eustache, que apresentou, sem dúvida o melhor filme em competição e que não seria certamente seleccionado se o sr. Druon tivesse participado na escolha.

Tal como não teria sido apresentado o filme de Marco Ferreri, «La Grande Bouffe», ou o «Amleto», de Carmelo Benne, ou «Gritos e Sussuros», de Bergman, ou ... Quantos filmes poderiam ser finalmente exibidos, quantos filmes absolutamente puros, apolíticos, não subversivos, castos?

Há alguns, sem dúvida. E não necessariamente maus ou desinteressantes. E num momento de reacção à repressão, em que se tornou quase obrigatório introduzir de qualquer modo cenas de sexo ou violência num filme para o fazer vender, pode ser muito agradável encontrar também a ausência de tais elementos. Simplesmente, um não impede o outro, sobretudo um não exclui o outro.

Um exemplo de filme casto, «Monólogo», de Ylia Averbakh. Podia ser um excelente filme, o seu começo leva-nos mesmo a crer nisso, esta história de um cientista de nomeada que através das suas relações com três gerações de mulheres — a esposa, a filha e a neta — se vai dando conta do fracasso da sua vida pessoal. Cinema intimista, quase amaneirado à força de delicadeza, contém no entanto um certo número de aberturas para o exterior. Simplesmente, é pena que de cada vez o realizador não faça senão tocar muito ao leve as coisas, que se afaste delas rapidamente, preferindo dar maior relevo aos sentimentos que procura comunicar ao público, sobretudo pelo jogo do excelente actor que é Mikhail Glousseki.

O que se percebe menos é porque é que o realizador, depois de conseguir, pela simplicidade do tratamento inicial, dar uma certa consistência às personagens e situações, se entrega a uma utilização dos focos e de relação entre objectos e actores em planos diversos puramente gratuita. E repetida, só no fim regressa à simplicidade inicial.

«Monólogo» surpreendeu-nos pelo seu estilo, bastante diferente das produções pomposas com que o cinema soviético se faz habitualmente representar em festivais. É um filme dos estúdios de Leninegrado, onde existe uma famosa escola de cinema.

Deixei para o fim o filme de Paul Newman. «The Effect of Gamma Rays on Man-In-Moon-Marigolds» ou «O Efeito dos Raios Gama no Comportamento das Margaridas». Porque é de facto pena que este filme passe na altura em que se começa já a sentir uma certa fadiga no Festival, depois dos grandes momentos de sensação.

Indo buscar o seu argumento a uma peça que tinha feito bastante sensação, com um assunto que frisa o melodrama, Newman tinha escolhido a dificuldade. Um passo em falso, uma insistência ou um erro de direcção de actores e o filme tornar-se-ia insuportável.

Mas não é impunemente que se é um bom actor e se fez a quantidade de filmes que Newman já interpretou. Todo o filme existe em função dele, em torno dele, tornando-se a técnica apenas um veículo «The Effect of Gamma Rays ... » inscreve-se perfeitamente numa certa tradição de factura do cinema americano, sendo mesmo do melhor que esse mesmo tipo de cinema tem actualmente a propor. Neste Festival, é, sem dúvida, o melhor dos filmes americanos em competição. Também o que menos recorre a artifícios e efeitos de sedução.

Do mesmo modo, o tema do filme participa de uma certa tradição americana: o do fracasso individual, o da solidão. Solidão de Beatrice Hunsdorfer, viúva com duas filhas adolescentes que sobrevive com uma magra pensão e alugando quartos a pessoas idosas. Uma mulher ainda nova, que foi bela, um pouco fantástica e que ainda acredita que um dia sairá do beco onde se encontra. Que a imagem do caixeiro viajante da peça de Arthur Miller, investe o que lhe resta de esperanças em projectos longínquos e inconsistentes. E que não só consegue dialogar com os outros, como acaba por se cortar dos dois seres que lhe são mais próximos, as suas duas filhas.

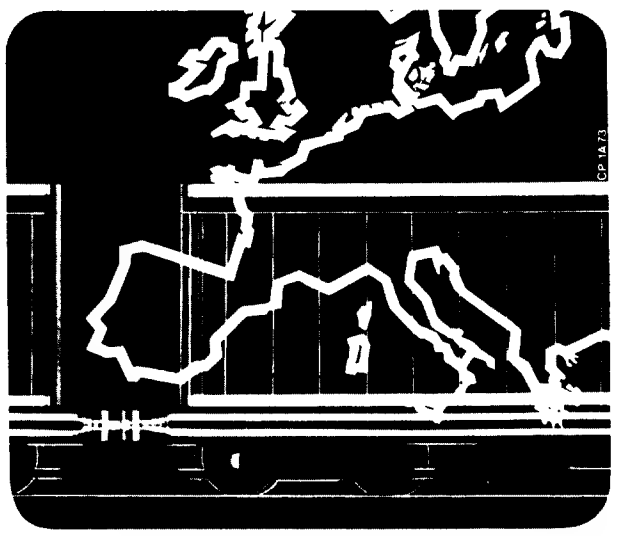
Tudo isto podia dar um horrível melodrama. Dá um filme inteligente, subtil, graças à seriedade de Newman e ao modo como soube dirigir os seus actores. Que são Joanne Woodward, com quem é casado, e duas jovens, Nell Potts, que é a sua própria filha, e Roberta Wallach. Joanne Woodward: fala-se dela como um possível prémio de interpretação feminina.

«Monólogo» e «The Effect of Gamma Rays ... », dois filmes no Festival. Dois filmes sentimentais, e ninguém protestou. O problema nunca foi o de usar ou não usar chapéu, mas apenas o de só o usar quando é preciso ou fica bem.

Cinema no Clube Atlético de Alvalade

O Clube Atlético de Alvalade, instituto de educação física, promove amanhã, pelas 21 horas e 45, na sede do clube, Rua Acácio Paiva, 20 mais uma sessão de cinema com filmes alemães, cedidos pelo Instituto Alemão de Lisboa. Serão exibidos a curta metragem «A Olimpíada das Crianças» e o filme de Kurt Hoffmann «Prodígio económico» produzido em 1958.

Para o transporte internacional de grandes contentores, toda a rede ferroviária europeia está ao seu dispor através da INTERCONTAINER



Consulte o seu Transitário ou os **Caminhos de Ferro Portugueses**

Lisboa Rua Vitor Cordon, n.º 45 Telef 36 69 35, 36 72 36
Porto Estação de S Bento Telef 22 7 55

televisão

MADEIRA SIEMENS
ISTAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Vária
13.15 Por favor não comam os malmequeres
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 Um dia com.
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV Educativa, educação musical (crianças)
19.30 Telejornal 2.ª edicão
19.45 50 anos de alternativa de João Nuncio
20.10 Sangue na estrada
20.45 Há só uma terra
20.55 Presença do passado
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Noite de teatro «Prémio Nobel»
0.05 Telejornal 4.ª edição
0.10 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Um dia com.
21.00 Por favor não comam os malmequeres
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Foi êxito na TV «Os Aldrabões»
22.50 Encontro com o passado, A Pérsia-Persépolis
23.20 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados, Abbot e Costello
13.00 Feminino singular
13.20 Os meus genros e eu
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite
14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV Educativa, Física moderna
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 TV Palco
20.15 Cartaz TV
20.30 25.º aniversário da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil
20.55 Cinemateca
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Os Homens de Shiloh «Uma Luta Desigual»
23.45 Telejornal 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vária
21.00 Os meus genros e eu
21.30 Telejornal 3.ª edicão
20.55 Suite Domova, as canções e as danças populares checas
22.45 Encontro com o mundo, «A Infancia-Anos de Encanto»
23.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6222

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado em algumas regiões e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	16.º
P. DOURADAS	7.º
COIMBRA	15.º
PORTALEGRE	14.º
LISBOA	14.º
FARO	18.º
FUNCHAL	19.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima **22,2.º**
PENHAS DA SAÚDE
Mínima **1,2.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar	16,5.º
Atmosfera	14,8.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.52	3,1 m	2.12	1,4 m
21.01	3,3 m	14.29	1,5 m
Dia 25			
9.53	3,1 m	3.16	1,4 m
22.13	3,3 m	15.38	1,5 m
Dia 26			
10.58	3,1 m	4.22	1,4 m
23.17	3,3 m	16.47	1,5 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco; agravamento do estado de tempo a partir da madrugada com aumento progressivo de neblusidade; vento moderado de sudoeste por vezes com rajadas fortes

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.17
OCASO ÀS 20.50

rádio

1.º Programa

16.00 Noticiario
1605 Ao encontro da melodia
16.30 Convivio — Programa da Juventude
18.05 O convidado de hoje Neil Young
18.20 Espectaculo-Teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Musica portuguesa
19.10 Opereta «A Corte de Faraó» (Lleo)
20.00 Diario sonoro — O conjunto Bee Gees
20.30 13.º episódio do folhetim «Iaia Garcia»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música, só música
21.50 Dia a dia com a ciência pelo dr. Marques da Costa
22.10 Guitarradas pelo conjunto de António Luis Gomes
22.30 Ritmos de todo o Mundo
23.05 De um dia para o outro por Armando Correia
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada por Júlia Maria
02.00 Fecho

PROGRAMA EM MF 1 DE LISBOA

23.00 Radio Universidade
00.00 Junção com o 1.º Programa

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir
18.00 Musica portuguesa
20.00 Diário sonoro
20.30 Musica de câmara
21.00 Trechos de óperas de Granados e Chabrier
21.20 Tempo literário
21.45 Abertura «Mar Calmo e Viagem Feliz» (Mendelsshon) pela Orquestra Filarmónica de Berlim, dir de Fritz Lehmann
22.00 Teatro de todos os tempos pelo dr Eurico Lisboa (Filho)
22.37 Concerto em fá maior para fagote e orquestra (Weber) Orquestra «L'Oiseau-Lyre», dir de Louis de Froment
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO MF 2

21.00 Musica ligeira variada
22.00 Oratória de Natal (Bach) por Gundula Janowitz (soprano) Christa Ludwig (contralto) Fritz Wunderlich (tenor) Franz Crass (baixo). Côro e Orq.ª «Bach» de Munique, dir de Kurt Richter
00.45 O pianista Gyorgy Sandor
01.00 Fecho

RADIO CLUBE

Onda Média

16.00 Noticiário.
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa «Movimento»
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.03 Antiquario
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens biblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequencia

16.00 Noticiario
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à gô-gô
23.00 Noticiario, programa à gô-gô (continuação
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal
Das 6.00 às 10 00 e das 22 00 às 2 00
Rádio Voz de Lisboa
Das 10.00 às 12.00 e das 19 30 às 22.00
Rádio Peninsular
Das 12.00 às 14.30
Rádio Graça
Das 14 30 às 19 30

LISBOA

TURNO A-1

(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Moura, T Memória, 55 (T. 630944)
ALVALADE
S. João de Deus, R. Pedro Ivo, -A (T. 72' ?)
ANJOS
Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (T. 321653)
AREEIRO
Garantia, Av. P Manuel da Nóbrega, 5-A (T 727300)
AV. NOVAS
Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (T. 773043); **Dalva,** Av. Duque de Ávila, 125 (T. 45225)
BAIRRO ALTO
Barreto, R. do Loreto, 30 (T. 227284)
BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B, 75-A (T. 683694)
BAIXA
Oliveira, R. da Prata, 240 (T. 321415)
BENFICA
União, E. de Benfica, 592 (T. 700092)
CAMPO DE OURIQUE
Lobel, R. Infantaria 16, 98-B (T. 688807)
CASTELO
Zilar, R. de S. Tomé, 54 (T. 862835)
CHILE
Veral, R. Morais Soares, 109 (T. 821732)
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Inf Santo, 66-B (T. 666971)
LUMIAR
Central do Lumiar, R. do Lumiar, 75 (T. 790480)
OLIVAIS
Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237)
PICHELEIRA
Luzmar, R. Nascimento Costa, 16-A (T. 728395/720703)
POÇO DO BISPO
Freitas, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237)
REGO
Baptista, R. Francisco Tomás da Costa, 3-C (T. 771873)
SANTO AMARO
Correia de Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625)
SÃO BENTO
Castro, R. de S. Bento, 199-A (T. 660513)

TURNO A-2

(TODA A NOITE)

ALCÂNTARA
Beirão, R. Prior do Crato, 25 (T. 661321)
ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (T. 711780); **Roma,** Av. de Roma, 85-B (T. 772466)
AMOREIRAS
Britânica, T. da Légua da Póvoa, 5-B (T. 689250)
ANJOS
Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A (T. 831504)
AREEIRO
Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 726860)
AV. NOVAS
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, P. do Norte, 11 (T. 311216)
BAIXA
Teixeira Lopes, R. Áurea, 154 (T. 3248160)
BENFICA
Alegira, E. de Benfica, 180-A (T. 780511); **Lavinha,** R. eng. Paulo de Barros, à R. Casquinha, 28-A (T. 708242)
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, R. da Cruz de S. Apolónia, 90 (T. 847019)
CAMPO DE OURIQUE
União, R. Saraiva de Carvalho, 145-F (T. 663643)
CAMPOLIDE
Pinto, R. de Cmapolide, 11 (T. 682610)
CHELAS
Banha, E. de Chelas, 173 (T. 382241)
ENTRECAMPOS
Alcântara, Av. da República, 74-A (T. 771379)

ESTEFÂNIA
Mundial, L. D Estefânia, 10 (T. 45578)
LAPA
Paiva da Costa, R da Lapa, 105 (T 664414)
LUMIAR
Douro, Al. Linhas de Torres, 93-A (T 791131)
PICOAS
Sousa Martins, R. Sousa Martins, 25 (T. 553468).
SANTA APOLÓNIA
(ver Caminhos de Ferro)
SANTA MARTA
Fernandes, R. de S José, 187 (T. 326476)
SANTO AMARO
Biotifar, R D. João de Castro, 27 B (T. 638824)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, L. de S. Sebastião da Pedreira, 1 (T. 48642)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Telef. 935518)
Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28 (Telef. 933303)
Helénica, R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613)
S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Telef 938703)
DAMAIA
Lemos R. de Goa, 21-A (Telef 971121)
QUELUZ
Gil Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117)
Simões Lopes- Av. Elias Garcia, 51 (Telef.950123)
CACÉM
Araújo e Sá
MEM MARTINS
Quimia Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Marrazes L. Afonso de Albuquerque (Telef. 980058)
COLARES
Abreja (Telef 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes Av. Comb G. Guerra, 166 (Telef. 213953)
CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)
OEIRAS
Alcântara Guerreiro P Residencial dr. Agusto de Castro-Lote 10 (Telef. 2430691)
PAREDE
Grincho Av Da República, 87 (Telef. 2471204)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Telef. 261186)
ESTORIL
Marques dos Santos R. Ferreira, J. A. 15 (Telef 260116)
CASCAIS
Marginal Av. Marginal (Telef. 280078)
A. Costa R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão R. Cândido dos Reis, 30 (Telef 224020)
ALMADA
Macedo Henriques R. Bernardo Francisco da Costa, Lote 1 (Telef. 271297)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)
BARREIRO
Santa Marta R. dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (Telef. 2072141)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso P 5 de Outubro, 18 (Telef. 270254)
MOITA
Silva Rocha P. da República, 16 (Telef. 239029)

MONTIJO
Higiene R. José Joaquim Marques, 142 (Telef 230370)
SESIMBRA
Leão Av Salazar (Telef 229471)
SETÚBAL
Rosado Pinto (Telef. 22484)
Nova R. General Gomes Freire (Telef. 22052)
SEIXAL
Grincho Av da República lef 2218580)

PORTO

7.º TURNO

SUB-TURNO A

Alírio de Barros, Suc., R. de Costa Cabral, 240. **Central,** R. Santo António, 203. **Gomes Carneiro,** Rua de Cedofeita, 348. **Magalhães,** R. de Serralves, 566. **Nova de Monsanto,** Rua de Monsanto. **Ribeiro Júnior, Suca,** R. Firmeza, 99 A

SUB-TURNO B

Correia, P. M. de Albuquerque, 50. **Corujeira (da),** R.S. Roque Lameira, 1473. **Couto,** L.S. Domingos, 106. **Lapa (da),** R. Antero Quental, 211. **Luso-Francesa,** R. Sá da Bandeira, 140

COIMBRA

TURNO C

M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (Tel. 23033; **Figueiredo,** R. da Sofia, 107-109 (Tel. 22837);

•cinemas•

CINEARTE (Tel. 660446)
15.00 - 21.00 Grupo D (18 anos) DRÁCULA 72 c/ Christopher Lee e Peter Cushing
CARNE DA MINHA CARNE c/ Tony Donahne e Connie Stevens

BERNA (Telef 776098)
15 15, 18 30 e 21.45
4.ª Semana. Eastmancolor. Grupo D (18 anos) Um filme de Jean Pierre Melvile «CAI A NOITE SOBRE A CIDADE« C/ Alain Delon e Catherine Deneuve

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16 30 - 18.45 e 21 45 Grupo D (18 anos) colorido Óscar da Academia para o melhor filme estrangeiro 1973 O filme de Luis Buñuel «O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA
Snack-bar - Pub «The Flag» o melhor encontro gastronómico

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00-17 00-19.00-21.45-3.ª Semana
Grupo D (18 anos) Massimo Ranieri, Ottavia Piccolo
BUBU DE MONTPARNASSE um filme de Mauro Boloquini. Estacionamento Parque Castil

APOLO 70 (Tel 763319)
Hoje estreia Grupo B (10 anos) Technicolor um filme saudável com vitamina! FERRY ENFERMEIRO SEM DIPLOMA com Jerry Lewis
Hoje às 24.00 Grupo D (18 anos) Clássicos à Meia-Noite REPULSA de Roman Polansky

MONUMENTAL (Tel. 55131)
Às 15.15 - 21.30 Grupo D (18 anos) O LADRÃO QUE VEIO PARA JANTAR com Ryan O'Neal, Jacqueline Bisset Quinzenas do Bom Cinema Ingmar Bergman. Amanhã às 18.30 PAIXÃO Grupo D (18 anos)

S. JORGE (Plateia - 54153 . Balcão - 54154)
Hoje às 21.30 Grupo D (18 anos) Estreia DESFORRA APACHE com Charles Bronson e Jack Polance Às 15.15 - 18.15 últimas exibições PARIS MANICÓMIO DO AMOR

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
Às 15.15 - 21.30 Grupo C (14 anos) 2.ª Semana - Technicolor com Paul Newman e Lee Mervin DINHEIRO TROCADO
(Metro: Alameda)

ROMA (Tel 727778)
15 30 e 21 45
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor «OS JOVENS TIGRES» Com Helmut Berger e Luca della Porta

MUNDIAL (Telef. 538743)
15 15, 18.30 e 21.45
4.ª Semana. (Grupo C-14 anos)
Panavision-Color «O JOVEM LEÃO» Robert Shaw, Annie Brancroft, Simon Ward

RESTELO (Tel 610375)
21 30
(Grupo B-10 anos)
Jerry Lewis em O HOMEM DAS MULHERES», com Katherine Freeman e Hoje Holiday

AVIZ (Tel 47163)
15 30 e 21 45
(Grupo B - 10 anos) 17.ª Semana «CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ» Terence Hill e Bud Spencer.

EUROPA (Tel. 661016)
Às 15 15 e 21.30 Grupo D (18 anos) 3.ª Semana «O LOIRO DO SAPATO PRETO com Pierre Richard, Mireille Darc Realização de Yves Robert (Eastmancolor)

ALVALADE (Tel 717480)
15 15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
«CASAS SEM FRONTEIRAS», Geraldine Chaplin e Tony Isbert

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21 30
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
Afredo Landa (o Delicadinho) e Conchita Velasco em «EMPRESTA-MA.. POR QUINZE DIAS» Mais audácia nunca se viu em fazer rir com um marido... a mulher.. e o noivo dela.

SATÉLITE (Tel. 555131)
Às 15.30 - 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos) um filme de António Pedro Vasconcelos PERDIDO POR CEM com José Cunha, Marta Leitão, Ana Maria Lucas e Nuno Martins 7.ª Semana
Amanhã e sábado sessões especiais às 00 15 H.

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
A alegria, a melodia, o luxo de Viena e de Johann Strauss - 7.ª Semana GRANDE VALSA c/ Harst Bucholz, Mary Costa, Nigel Patrick, Yvonne Michel e Rossano Brazzi

VOX (Telef. 720808)
15 15 18.30 e 21.45
4.ª Semana [illegible] (18 anos) Dustin Hoffman [illegible] «CÃES DE PALHA» [illegible] Sam Peckinpah

ESTUDIO [illegible]
15 30 - 18 30 - [illegible]
Grupo D (18 anos) [illegible] Color Um filme [illegible] «MULHER A DERIVA» [illegible] Milena Dravic (Metro: [illegible])

IMPERIAL (Tel. 321933)
15 00 e 21.00
(Grupo C-14 anos)
O INVENCÍVEL [illegible] O GENDARME CASA-SE [illegible] politano Arroios-P. do Chile)

ROYAL (Tel. 865037
Às 15.00 - 21.00 Grupo D (18 anos) O maior êxito do ano CABARET (Adeus Berlim) em complemento TRATAMENTO DE CHOQUE

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45 2.ª Semana Grupo D (18 anos) Eastmancolor A MÃO DE FERRO Realização de Cheng Chang Ho.

CASINO ESTORIL
17.00 - 21.30 Grupo D (18 anos) O GRANDE CONQUISTADOR Technicolor c/ Woody Allen e Diane Keaton

POLITEAMA (Tel 326303)
Estreia às 21.45 Grupo D (18 anos) CRIMES NA ESCURIDÃO Frankie Avalon, Jill Hawarth
Às 15.15 - 18.15 Grupo D (14 anos) A MORTE CHEGA A ASSOBIAR Ciclo Terror à Meia-Noite às 00.00 Grupo D (18 anos)
Amanhã: OS INCENDIÁRIOS
Sabado: O BARÃO DE FRANKENSTEIN

TIVOLI (Tel. 50595)
Às 15.15 - 21.45 2.ª Semana Grupo D (18 anos). Technicolor. Franckie Howerd em «A CHAVE DO CINTO DA CASTIDADE». Simplesmente atrevido.

ESTÚDIO 444 (Telef. 779095)
15.30, 18.30, 21.45 2.ª Semana Grupo D (18 anos). «MASCULINO FEMININO». Realização de Jean-Luc Godard com Marlène Jobert e Jean Pierre Léaud.
Amanhã e sábado às 00.30 Cinema Fora de Horas Grupo B (10 anos) DOM CAMILO E OS JOVENS DE HOJE

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Cá Vamos Pagando e Rindo»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«A Dança da morte em 12 assaltos»

LAURA ALVES
21 45 (14 anos)
«A Cama dos Comuns»

GIL VICENTE
22.00 (Adultos)
«Fuenteovejuna»

B.V.L.
R. Camilo Castelo Branco, 33)
21.45 (18 anos)
«A Comédia Moscheta» de Ruzarte.

VARIEDADES
21 45 (14 anos)
«O principe e a corista»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pró menino e prá menina»

CAPITÓLIO
21 45 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos britânicos»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21 00 (10 anos)
«O homem das mulheres»

RESTELO
21 30 (10 anos)
«O homem das mulheres»

OLÍMPIA
19 00 (18 anos)
«O pistoleiro esquecido»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Drácula 72»

JARDIM CINEMA
21.30 (10 anos)
«O Sargento Riker»

MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«A Aliança»

MAYER
21 00 (18 anos)
«Golpe de mestre»

PROMOTORA
21.30 (14 anos)
«Trinitá cowboy insolente»

SACAVÉM
S. José
21 00 (18 anos)
«Liberdades femininas»

ALHANDRA
Salvador Marques
21.15 (14 anos)
«Segue-me querido»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21 (10 anos)
«O Maior Espectáculo do Mundo»
PAREDE
Royal-Cine
21 15 (10 anos)
O Destino Marca a Hora»
ESTORIL
Casino
17 e 21 30 (18 anos)
«O Grande Conquistador»
Palácio
21.30 (10 anos)
«55 Dias em Pequim»
CASCAIS
S. José
21 30 (18 anos)
«Não Desejaras a Mulher do Delicadinho»
ESTORIL
Esplanada
21.30 (18 anos)
«Os Diamantes são Eternos»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21 30 (18 anos)
«Dulcima»

QUELUZ
Queluz Cinema
21 15 (14 anos)
«Os 7 Ladrões da Cidade»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Hannie Caulder»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«A Guerra entre Homens e Mulheres»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (14 anos)
«A Ultima Cruzada»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Um Príncipe nas Lonas»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21 30 (14 anos)
«Os Justiceiros»
AMORA
Operária Amorense
21.15 (14 anos)
«Reverendo Colt»

OUTRA BANDA —
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«O Zorro de Monteney»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
22.00 (18 anos)
«Vitimas do dever»

SÁ DA BANDEIRA
22.00 (14 anos)
«Sua Excelência o pendura»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«Bulevar do Rum» e «Pele de espião»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«A Conspiração»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Amor às 3 da tarde»

JULIO DINIZ
21 30 (14 anos)
«Não desejarás a mulher do delicadinho»

OLIMPIA
21 30 (14 anos)
A maior proeza do Oeste»

S. JOAO
21.30 (18 anos)
«Desencontro»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«O circo de vampiro»

VALE FORMOSO
21 30 (18 anos)
«A Estátua»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Um rato na ratoeira»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Fim-de-Semana alucinante»

BATALHA
21 30 (18 anos)
«A mão de ferro»

COIMBRA

GIL VICENTE
21 00 (14 anos)
«Os Clowns»

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Getaway» (Tiro de escape)

SOUSA BASTOS
21.30 (14 anos)
«A Grande Odisseia»

EXPOSIÇÕES

ACADEMIA MILITAR Cerâmicas d. Raquel Zagalo (das 17 às 19 h.)

ARCADAS DO PARQUE Pinturas de Quina e Figueiredo Sobral (das 10 às 22 h.)

BUCHHOLZ Desenhos de Henrique Manuel (das 10 às 12 e 30 e das 15 às 19 h.) Fecha aos domingos.

CASINO ESTORIL Pintura de Susana de Muro (das 15 às 3 h.)

CASA DE MACAU Pinturas de Maria d'Abreu (das 15 às 20 h.)

CENTRO Pinturas de Ana Maria Botelho (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

DIARIO DE NOTICIAS Aguarelas de Armindo Teixeira Lopes (das 14 30 às 19 h) Fecha aos domingos

DIPROVE - LISBOA .. Pintura de João Nascimento (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

ESCOLA DE BELAS-ARTES — Gravura-72.

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Barroco Brasileiro.

BARS BOITES

HIPOPÓTAMO — Com Heider Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

PRINCIPE NEGRO-Dancing com variedades. **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade de Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos. **Telef. 320164.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

NINA — **Dancing** com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167**

EL CIDE — **Dancing** com variedades Com o conjunto «X 4». **Rua Bernardo Lima, 18-A** (ao Conde Redondo» **Telef. 560538.**

CACO — **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FANTASMA-Dancing Caveau — com variedades. Maria Helena, Odete Maria. Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto **R. Gomes Freire, 145-b.** Aberto das 18 h. às 21 e das 22.30 h. às 05.00 h

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Ermida e José-Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. **Travessa da Queimada, 10. Telef. 362889.** Aberto todos os dias.

SAN-PAYO — Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422.** (Ar condicionado).

DL/NACIONAL

DL
RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

FACULDADE DE "LETRAS"

Sem aulas — até ao começo de exames haverá apenas pontos escritos e frequências — abriu esta manhã a Faculdade de Letras de Lisboa. Entretanto, um aviso afixado na porta principal e assinado pelo director reza assim:

«Para que os exames possam decorrer dentro do necessário ambiente de sossego, determino que dentro do edifício da Faculdade não se realizem quaisquer reuniões. Em caso de urgência devem ser requeridas autorizações para reuniões onde seja indicado expressamente o assunto a tratar; o requerimento deverá ser assinado por três responsáveis pela execução do que se quer. Mantem-se a identificação dos alunos à entrada».

Planeamento do Nordeste em estudo

Continuaçao da pag. 1

e assistência apontou a necessidade da ampliação do Hospital Regional de Mirandela, da criação de centros de saúde e postos da Previdência em todos os centros de apoio rural e, finalmente, considerou necessária a revisão e reorganização dos asilos para velhos, nos quatro centros urbanos principais.

Lembrou que a inevitável extinção das linhas férreas de via reduzida não poderia deixar de ser precedida pela construção de rodovias que as substituam. Como vias estruturantes, falou das estradas 206 (Bragança-Vila Pouca de Aguiar-Guimarães), da estrada 102 (de Lamaças de Podence a Celorico da Beira, incluindo a construção do troço entre o Sabor e o Douro) e da estrada 108 (entre Pinhel e Barca d'Alva).

Falando de ferróvias, acentuou que devera procurar-se o estabelecimento da linha férrea entre Vila Franca das Naves e o Pocinho e da possibilidade da sua continuação até Rebordelo. Convém, ainda, assegurar a navegalidade do Douro, não só pela construção da barragem de Crestuma, mas também pelo início das obras complementares, incluindo os portos fluviais.

Tem de programar-se a construção nos centros de apoio, de casas de habitação, em correlação com os empreendimentos lido-agrícolas, na proporção de 25/50 casas para cada quinhentos hectares de regadio, ou seja, de acordo com o programa destas obras, entre 2 e 3 mil habitações no primeiro triénio do próximo plano de fomento.

O orador referiu-se, ainda, aos entrepostos frigorificos, cujo programa, estudado na região, prevê a instalação de 22, nos primeiros três anos o Plano.

AGRICULTURA E TURISMO

No capítulo da indústria, falou de uma fábrica de material de guerra, unidades de fiação e tecelagem de lã, de confecções, tecidos de couro, de pré-esforçados, das possibilidades no que diz respeito a minérios e de um complexo florestal, este inteiramente voltado para os aglomerados, serração, resinas, granulados de cortiça, celulose, etc. No primeiro triénio deveria programar-se a instalação da indústria de material de guerra. Quanto ao sector mineiro, impõe-se a reestruturação das explorações, em termos de possibilitar aproveitamentos válidos e especialmente promover o arranque em grande escala da exploração de Moncorvo.

No que se refere às industrias alimentares, afirmou ser possível programar-se, para o primeiro triénio, a instalação, no complexo do Cachão, da produção de 25/30 toneladas/hora de rações, em relação com o plano de fomento da suinicultura e da ovinicultura, bem como a indústria de carnes e de pratos preparados, esta já em andamento.

A finalizar, abordou o problema da agricultura, referindo-se às áreas integradas e aos regadios possíveis, tendo dedicado uma referência especial à região duriense, afirmando impor-se a reconversão da vinha a um ritmo de mil hectares/ano, nos concelhos de Freixo de Espada à Cinta, Moncorvo, Alfândega da Fé, Vila Flor, Carrazeda de Ansiães e Mirandela, sob pena de se perder a imensa riqueza que, cada vez mais, representa a vinha do Douro. A concluir apontou a necessidade da constituição de uma sociedade de desenvolvimento do Nordeste, pois, o atraso da região é resultante da falta de técnicos e de técnica. Que se promovam estudos e projectos, pois há muito mais falta de iniciativas e de empresários do que de potencialidades naturais ou de capitais. Só a constituição de uma sociedade de desenvolvimento regional pode, pela concentração dos meios financeiros, criar os corpos técnicos que promovam os estudos e projectos indispensáveis e evitar o escândalo público que constitui a desnaturação das economias dos emigrantes, em benefício de outras localidades do país, como no desenvolvimento das zonas turísticas do litoral do continente, o que constitui uma dupla frustração do sacrifício desses emigrantes que partiram por não terem condições de vida na sua terra e a ela não poderem voltar se o fruto do seu trabalho duro não produzir o resultado que podia».

Seguiu-se debate, findo o qual os participantes visitaram algumas parcelas da área integrada aprovada para o distrito de Bragança e o complexo industrial do Cachão.

A visita prossegue hoje em Chaves e Braga.

"Pesca" rendosa nas águas dos Açores

ANGRA DO HEROÍSMO, 24 (L.) — A pesca submarina tem sido considerada, e com razão, um desporto, não apenas saudável, mas aliciante e, também e por isso mesmo, perigoso. Com todos os desportos, porém, tem anverso e reverso.

E é precisamente o reverso da pesca submarina que está a criar sérias preocupações, onde a pesca submarina deixou de ser desporto para ser pirataria, como é o caso dos Açores, mais propriamente Angra do Heroísmo, que é cemitério de muitos barcos que naufragaram aqui carregados de preciosidades.

Jazem nos fundos constituídos pelas plataformas da Ilha Terceira verdadeiros tesouros que constituem património nosso, cuja integridade devemos defender, mobilizando todos os meios técnicos necessários, contra certos «pescadores» que demandam as nossas costas para uma faina, pelos vistos muito rendosa.

Para se avaliar essa rentabilidade bastará dizer que um crucifixo de ouro «pescado» nas proximidades desta ilha foi vendido em Inglaterra por mil contos.

Cerca de uma dúzia de moedas também pescadas, no cais da Figueirinha, na baía das Aguas e na baía da Salga, têm um valor inestimável. «Dois escudos» de Filipe III, com data de 1616, cunhada em Madrid, constitui, segundo o catálogo Chavez, peça única e, portanto, preciosíssima.

Muitos têm sido os escafandristas estrangeiros que a coberto duma protecção turística se dedicam à prospecção e à pesca de verdadeiras preciosidades que as naus aqui arribadas ou naufragadas sepultaram por estas paragens.

Importa fiscalizar essa «pesca» e impedi-la, destacando para isso, se preciso fôr, como sugere a imprensa local, os fuzileiros navais em missão de soberania, pois também são património nacional as águas territoriais, donde a «pirataria» desportiva ou pseudo-desportiva deve ser banida.

Voo Porto Brasil

Um voo directo entre o Porto e as cidades brasileiras de Rio de Janeiro e S. Paulo foi inaugurado hoje pela Varig, companhia aérea brasileira. O novo voo irá ligar as cinco maiores cidades de lingua portuguesa: Porto, meio milhão de habitantes; Lisboa, um milhão; Recife, um milhão; Rio de Janeiro, seis milhões; S. Paulo, oito milhões, num total de 17 milhões de habitantes. O voo terá doze frequências semanais.

GLÓRIA
DO TOUREIO A CAVALO
JOÃO NÚNCIO
50 ANOS DE TOUREIRO
ORGANIZACAO DO REAL CLUB TAUROMÁQUICO PORTUGUES
A QUE SE DIGNA ASSISTIR O SR PRESIDENTE DA REPUBLICA
A FAVOR DO CENTRO DE MEDICINA DE REABILITACAO - ALCOITÃO
6 TOIROS DE MANUEL E CARLOS VEIGA 6
CAVALEIROS
JOÃO NÚNCIO
MANUEL CONDE
GASTON SANTOS
LUIS M. DA VEIGA
F. A. SALGUEIRO
JOSÉ JOÃO ZOIO
QUE RECEBE ALTERNATIVA
FORCADOS AMADORES DE SANTAREM
capitaneados por Jose Manuel Souto Barreiros
AMADORES DE LISBOA
capitaneados por Nuno Salvação Barreto
AMADORES DE MONTEMOR O-NOVO
capitaneados por Antonio Jose Zuzarte

Grupo A - maiores 6 anos
CAMPO PEQUENO
DOMINGO, 27 DE MAIO, ÀS 17.30 HORAS

1973 6.º CENTENARIO DA ALIANÇA LUSO-BRITÂNICA
VERÃO BRITÂNICO 73
VIAGENS EM GRUPO
LONDRES
INGLATERRA
E ESCÓCIA

De Julho a Setembro de 1973
Viagens de 4, 5, 6, 7 e 10 dias
PARTIDAS SEMANAIS
* Modernos aviões a jacto BAC III Serie 500 especialmente fretados
* Hoteis de 1 classe
* Todos os quartos com banho
* Viagens acompanhadas
PREÇOS A PARTIR DE
3.100$
bónus especial
TRATAMOS DE PASSAPORTES
VIAGENS RAWES
LISBOA [illegible] Tel. 3702 31
FARO — [illegible] Tel. 23195

UM EXTRAORDINÁRIO LIVRO DE POESIA DE
RUY BELO
•
TRANSPORTE NO TEMPO
•
«CÍRCULO DE POESIA»
MORÆS
EDITORES

Um morto e três feridos por despiste do automóvel

EVORA — O despiste de um automóvel próximo do Bairro da Garraia originou um morto e três feridos.

O carro era conduzido por Manuel Dias Baptista, de 66 anos, que se fazia acompanhar por sua esposa, Lucinda Trindade Maravanejo Baptista, de 50 anos, ambos naturais de Portalegre e residentes na Quinta do Muleninha, em Portalegre, seu sogro, Manuel Rodrigues Maravanejo, de 81 anos, proprietário, natural de Alegrete, e ainda a afilhada do casal, Maria da Conceição Caldeira de Melo, de 14 anos, estudante.

Por motivos ainda desconhecidos, o carro despistou-se e saíu da faixa de rodagem. Os feridos foram transportados para o Hospital Regional onde o octogenário viria a falecer. Os restantes, depois de tratados, foram transferidos para o Hospital de Portalegre.

paneuropa
VIAGENS EXCURSÕES CRUZEIROS
Braamcamp 11 Telef. 563401 Lisboa
EXTREMO ORIENTE
Japão — Formosa
Hong-Kong — Tailândia
Viagem acompanhada
de 5 a 25 de Julho
ESC.: 27.500$00
Programa, informações e inscrições pelos nossos telefones 563401

NOTAS POLÍTICAS

RUI SANCHES NA GUARDA

Em visita de trabalho, desloca-se amanhã ao distrito da Guarda, permanecendo ali até sábado, o ministro das Obras Públicas, eng.º Rui Sanches, que será acompanhado por funcionários superiores e técnicos do seu departamento.

O ministro presidirá, de manhã, a uma sessão de trabalho no Município de Fornos de Algodres, visitando depois o mercado municipal e o edifício do Ciclo Preparatório. Mais tarde, desloca-se a Trancoso, Vila Franca das Naves e Aguiar da Beira. No dia seguinte, o eng.º Rui Sanches estará de manhã em Vila Nova de Foz Côa, seguindo mais tarde para Meda, Termas de Longroiva e Marialva.

FEIRA NACIONAL DE AGRICULTURA

O prof. Marcello Caetano foi ontem convidado a deslocar-se a Santarém por ocasião da X Feira Nacional da Agricultura (XX Feira do Ribatejo). Os membros da comissão executiva da Feira foram ontem recebidos pelo Chefe do Governo, e após o convite deram-lhe conhecimento circunstanciado do programa deste ano, oferecendo no final a medalha comemorativa do certame de 1972.

Mais tarde, a comissão foi recebida pelo ministro das Finanças e da Economia e pelos secretários de Estado da Informação e Turismo, do Tesouro, do Orçamento e da Agricultura.

SILVA PINTO EM AVEIRO

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto, esteve ontem em Aveiro, onde presidiu a diversas reuniões destinadas a debater questões relacionadas com o seu departamento.

UMA MULHER VICE-PRESIDENTE DE UM MUNICÍPIO

Vai ser nomeada para o cargo de vice-presidente da Câmara Municipal de Gouveia a dr.ª Maria de Lourdes Fernandes Almeida, a primeira mulher a exercer funções de presidência num município. A nova vice-presidente exerce há trinta e seis anos as funções de notário em Gouveia, onde nasceu.

GOVERNADOR CIVIL

O dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa, visita, no domingo, às 17 horas, na freguesia de Nossa Senhora de Fátima, a sede do Grupo Excursionista «Os Económicos».

O chefe do distrito presidirá a uma sessão com a qual se encerram as comemorações do 35.º aniversário da colectividade.

FILOSOFIA PORTUGUESA

Na Sociedade de Língua Portuguesa, realiza-se hoje, às 18 e 30, uma conferência sobre «Filosofia Portuguesa Contemporânea», pelo investigador timorense dr. Fernando Sylvan.

DIÁLOGOS CONFIDENCIAIS

JOÃO ABEL MANTA

Ferreira de Castro.....
a Selva.....

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Folhetim-artístico de José-Augusto França

ELOGIO DA C.D.E.L.A.

A C.D.E.L.A. (Comissão de Direcção do Esquema do Litoral do Algarve) acaba de aprovar onze propostas das malfeitorias da urbanização e da poluição. Composta por representantes dos concelhos do distrito, das câmaras económicas regionais e das administrações centrais interessadas, a C.D.E.L.A. tem um papel importante a desempenhar e, pelo trabalho agora realizado, vê-se com que consciência o desempenha — a favor dos interesses do País, não só turísticos.

As onze propostas em questão serão em breve integradas no esquema de tratamento do tão cobiçado litoral e tornar-se-ão, nessa altura, imperativas.

Tudo começou, dizem os jornais, no dia 25 de Março de 1972, em Pontivia, quando os conselheiros-gerais dos municípios se reuniram para constatar a importância crescente das questões respeitantes ao «environement» e para tentar definir uma linha de conduta comum. Foi então tomada a decisão de preservar dos excessos de uma urbanização desordenada uma superfície de praias, de falésias, de rochas, de dunas iguais, pelo menos, a um terço do litoral.

Assim nasceu a ideia do «terço natural», destinada a constituir um critério, como disse, generalizável.

Não cabe aqui narrar a evolução dessa ideia através das várias instâncias burocráticas e administrativas; os jornais já o fizeram com a minúcia necessária para a boa informação dos meus prezados leitores. Porém vale a pena insistir nas proposições propriamente ditas, em número de onze — pois que, com o seu respeito se pode salvar muito do salvável. E, apesar de o Algarve ser o que está sendo, um engodo de capitais em propriedades variadamente horizontais, do bloco paralelepípedo ao zigurat e deste ao aldeamento regionalista, em saboroso jardim zoológico, do hotel grande, pequeno ou médio, aos conjuntos equipados e superdesenvolvidos, apesar disso é possível ainda deitar mão caridosa e preventiva a uma das riquezas do País — não só turísticas.

Não vive o homem só do pão, nem Portugal apenas do turismo; dizem os economistas que vive muito, também, dos nossos compatriotas que, lá fora, mourejando, não são turistas e constituem, salvo erro, na linguagem técnica dos referidos economistas os «invisíveis» pelas suas abençoadas «entradas».

Mas é dos «visíveis» estrangeiros que sobretudo tem importado cuidar, acolhendo-os bem, em parques hoteleiros e o mais que se segue, no que constituiu a rendosa indústria do turismo, em 1973. O que ela constituirá em 1983 ninguém sabe, é claro, e a sociologia dos «loisirs» que comanda as migrações turísticas não se pergunta ainda o que vai acontecer dentro de dez anos, no planeta tão descoberto, explorado e poluído. Tudo leva a crer, porém (tudo, isto é, o dinamicado contexto social do mesmo e único planeta), que as coisas poderão modificar-se, que o conceito de turismo se alterará, e a tal ponto que deixará de ser o que é, nesta altura — mutação imprevisível no seu sentido, mas assaz previsível na sua necessidade, ou fatalidade histórica. Nesta eventualidade, pensam uns que é preciso aproveitar a maré; e outros que é preciso prever o futuro, mesmo que ele não tenha (ou não tenha que ter) turistas. Pensam uns quantitativamente em linguagem estatística de computador, outros qualitativamente, em linguagem humana de imaginação.

Uma vista da Praia da Rocha, ou o domínio da C.D.E.L.A.

Que a «imaginação no poder» seja a conquista maior do nosso tempo e ao alcance dos povos de boa vontade e de bom senso, parece evidente, não há ciência sem ela, nem sociologia, nem vida. Nem, sequer, Algarve...

Por isso as onze proposições do C.D.E.L.A. parecem e são tão importantes.

Estabelecem elas um catálogo preciso que começa pela «cooperação concelhia para a elaboração dos planos de ocupação dos solos» — princípio de uniformização indispensável ao nível regional, primeiro, mais vastamente nacional depois. As tendências de urbanização, as actividades agrícolas e também as incidências financeiras que têm, para os municípios, os equipamentos infra-estruturais são estudados e planeados em comum sempre no intuito maior de defender as paisagens. «Delimitação das zonas a urbanizar» é o segundo ponto, que precisamente responde às ilusões do turismo e das suas aparentes necessidades, prejudicando **o viver local real**. Daí decorre a reserva de zonas para a agricultura, o que evitará o engodo da venda de terrenos, com alteração incoerente do habitat. Decorre daí também, a existência de «zonas protegidas» que uma expressão latina, provavelmente jurídica, diz serem zonas **non aedificandi**. Que o latim não seja gasto em vão — e que as zonas em questão possam ser, como preconiza a C.D.E.L.A., «vastas, coerentes, abertas sobre o interior» e a sua definição realizada por ecologistas e paisagistas (eu acrescentaria higienistas e psicólogos, e sociólogos — esperando que a C.D.E.L.A. considere esta sugestão).

«Agrupar o habitat» é o ponto n.º 5. Diz a proposição: «o habitat linear à beira-mar e ao longo das estradas degrada as paisagens»; por outro lado, o «habitat» disperso (...) pode acarretar o consumo abusivo de terras agrícolas». A solução seria «agrupar as casas em redor dos lugares povoados já existentes» — **solução orgânica** lhe poderemos chamar, com a vantagem de incorporação numa realidade que mantém a sua potência directiva. e assume (ou repele) os recém-vindos, como sempre urbanística e sociologicamente aconteceu, no pulsar dos processos de «habitat».

N.º 6: «Impedir a construção de estradas á beira-mar» — que é lugar de passeio e não de corrida automobilística. O automóvel não pode impor a sua presença poluidora a uma utência natural; é preciso esconder os automóveis e é preciso que as pessoas andem por si próprias — sem cair numa espécie de infantilismo (até cultural) que o automóvel favorece... Daqui que se privilegiam os caminhos de pé posto (os «caminhos da guarda fiscal», como dizem os franceses).

A «protecção das dunas» é o ponto seguinte, um tanto secundário no caso; já o «regulamentar o campismo» parece primordial e o «integrar o mais marinho» tanto como «velar pela salvaguarda das ilhas e ilhéus costeiros» (ponto n.º 10 e 11) são condição indispensável da protecção globalizante do litoral, sem a qual este se degrada, por debaixo ou por defronte. Assim se salva ou se ressalva o «terço natural».

Realizou uma obra notável a C.D.E.L.A. e não admira que os jornais lhe tenham oferecido considerável eco. Desta e obras como esta pode depender a definição não só geográfica, ou topográfica do País — mas a sua própria definição cultural, não só turística. Pelo efeito prático que tenha mas também (e isso especialmente me interessa), pelo seu significado social, cívico e de cultura.

... Não, não existirá a C.D.E.L.A., será folhetim — «fiction» esta prosa que se acabou de ler. É-o, infelizmente — e decalquei-a da C.D.E.L.B. (B. por Bretagne, na França). Mas aquilo que a Bretanha, tão ameaçada, entendeu dever fazer, **legalmente**, talvez ou com certeza o Algarve o possa ou deva fazer, enquanto lhe é ainda tempo.

Vent-Axia

RENOVA O AR QUE VOCÊ RESPIRA

NOS ESCRITÓRIOS, OFICINAS, CLUBES, BARES, LOJAS, RESTAURANTES, FÁBRICAS E HOTEIS, E EM SUA CASA UM ÓPTIMO INVESTIMENTO EM SAÚDE, CONFORTO, E EFICIÊNCIA.

☆ Milhares de exaustores "Vent-Axia" montados em Portugal comprovam as suas incomparaveis caracteristicas técnicas
☆ Pessoal técnico especializado
☆ Assistência assegurada

Representantes:
SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA
Av. dos Aliados, 168-A - PORTO
Rua Filipe Folque, 7-E - LISBOA

Revendedor autorizado:
SOMIL, LDA.
AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 59 — LISBOA

Carta da Holanda

"ESQUECI-ME DA CANETA"

Rembrandt gostava muito de desenhar ao ar livre, mas, como era muito distraído, às vezes esquecia-se da caneta (ver foto), outras vezes do papel, outras vezes dos sapatos (ver foto).

Um homem que morava no moinho de vento começou a ter sempre em casa canetas, lápis, borrachas e papel cavalinho e quando via que Rembrandt se tinha esquecido de novo de trazer caneta, lápis, borracha ou papel cavalinho, lá estava ele, ó sr. Rembrandt, faça favor, por quem é, não senhor, não custa nada, por amor de Deus (o moleiro era católico), nem pensar nisso, nós felizmente somos muito pobres, mas muito honrados e muito humildes. E era verdade.

Foi este moleiro que mandou construir em frente do moinho uma espécie de pedestal em pedra, onde o artista pudesse trabalhar mais confortavelmente (ver foto). Mandou mesmo gravar na pedra o nome do pintor, para que este (distraído como era) não se esquecesse de onde era o seu lugar de trabalho e para evitar que outros artistas fossem desenhar para o lugar de Rembrandt, que estava muito bem situado, virado para o Sul, com sol o dia inteiro e abrigado do vento (nesta zona da Holanda faz muito vento, o que explica a presença do moinho de vento). Este simples pedestal, mandado construir por um humilde moleiro, foi a origem da famosa controvérsia com Picasso que tão trágico desfecho viria a ter.

ARTUR VARELA

(Proximamente: «Picasso na Holanda, com provas da estada de Picasso na Holanda»)

FERREIRA DE CASTRO NO SEU 75.º ANIVERSÁRIO

SOU CONTRA TUDO O QUE É ESTAGNAÇÃO E CONTRA TODOS OS ACADEMISMOS

DECLARAÇÃO DO AUTOR DE "A SELVA"

«Ah, mas aqui houve índios?» «Houve e há. Você não sabia mesmo?» E ao gesto negativo de Alberto: «Lá em Todos-os-Santos, para onde nós vamos, ainda os cavalheiros vêm passear...» «São mansos?» «Mansos? Ui, minha gente! A estrada que você vai cortar era de Feliciano. O mês passado, os índios vieram ao centro e levaram a cabeça dele... É por isso que a estrada está sem freguês e você vai para ela. E aqui há uns quinze dias foi um estrago em Popunhas. Os parintintins chegaram e, como não tinham cabeça para cortar, foram à roça e quebraram tudo.

. Ante a estupefacção do «brabo», Firmino continuava a sorrir. Mas Alberto, presentindo em tanto perigo simples motejo à sua ignorância do meio, nada mais perguntou.

Erguia-se agora à margem do «varador», alta gruta de raízes, que uma só árvore lançava. Templo imaginário do povo que inspirasse a sua estética arquitectónica em bizarros monumentos orientais, oferecia a quem nele se recolhesse postigos inumeráveis, portas de linhas irregulares e salas onde seis homens podiam estender a toalha e almoçar, ou puxar de cartas para jogo que ludibriasse as horas, em dias de chuva.

Um retrato recente de Ferreira de Castro

Trata-se, naturalmente, de uma página de «A Selva», porventura o livro mais significativo de Ferreira de Castro ou, pelo menos, o livro que lhe abriu as portas da sua universalidade de escritor. Tirando esta maneira de o trazer até nós, não encontrámos outra forma de começar a falar de um autor que desde há cerca de cinquenta anos se deu a conhecer. Os seus livros «Emigrantes», «A Selva», «Eternidade», «Terra Fria», «Pequenos Mundos», «A Tempestade», «A Volta ao Mundo», «A Lã e a Neve», «A Curva da Estrada», «A Missão», etc. estão hoje traduzidos em, pelo menos, vinte idiomas. Fez, também, jornalismo como profissional durante muitos anos.

Ferreira de Castro completa hoje setenta e cinco anos de idade. Esta entrevista é, portanto, um pouco parte da homenagem que amigos e admiradores lhe vão prestar. E começou assim

Ferreira de Castro: está satisfeito com a sua obra?

São vivos, controversos, os setenta e cinco anos deste homem. Tem um gesto rápido de discordância, abana a cabeça, sorri-nos. Mas não responde logo. Talvez se esteja a relembrar destas palavras de «A Missão»: **Nenhum de nós, certamente, tem a pretensão de ser perfeito... Brissac falou apenas em teoria e duma maneira geral. Creio, porém, que estamos a afastar-nos do essencial. O essencial, se eu bem compreendo, é se devemos participar do destino dos homens...**

Agora responde-nos num jacto breve:

Não. Quando chego ao fim de um livro, penso sempre que poderia ir mais além. Para isso concorrem várias circunstâncias, entre as quais têm avultado os condicionalismos que sabemos.

Gostaria de ter sido um «outro» escritor? Quer dizer: gostaria de ter escrito os seus livros com uma outra linguagem. Um outro estilo, uma outra forma e um outro processo de recriar a realidade ou as realidades que viveu?

Os olhos de Ferreira de Castro mantém o brilho dos seus anos moços. Dos anos em que escreveu, por exemplo, «A Lã e a Neve», no ano já distante de 1946? Uns olhos de esperança rara? Como a do Marreta que diz, a página 195 de «A Lã e a Neve»: **«Nós nunca devemos perder as esperanças. O Mundo vai andando... Tem custado muito sangue, muito sacrifício, mas vai andando. Eu sou ainda do tempo em que se passava toda a semana metido na fábrica e só se saía ao domingo. Quando penso nisso, até me parece mentira! Os rapazes novos como tu não podem imaginar... Era o tempo bom para os patrões. Ganhavam dinheiro e não tinham preocupações connosco. Hoje, eles continuam a ganhar dinheiro, mas já não vivem tranquilos. Tu não deves pôr essa cara... Há muitos homens que estão pior do que tu...»**

. Mas não esqueçamos a resposta à nossa pergunta. Ferreira de Castro diz-nos:

. Eu fui sempre, literariamente, um insatisfeito. Por isso compreendo e defendo todas as audácias temáticas, formais e técnicas. Tive várias na minha juventude. Nos anos vinte existia, como agora, uma grande inquietação estética, quer nas artes, quer nas letras. Escrevi, então «As novelas de hipóteses», trabalhos que rompiam as normas habituais. Nisso coincidi com Kafka. Digo «coincidi» porque embora ele e eu tivéssemos escrito mais ou menos na mesma época, ignorando-nos completamente um ao outro, as minhas novelas foram publicadas imediatamente em jornais e revistas, enquanto as dele só apareceram anos depois. Não fui compreendido. Um camarada de então chegou a publicar uma crónica a rir-se das minhas tentativas. Na novela «A cave», que antecedeu «Emigrantes» e que é uma transição para o realismo, ainda há, sobretudo numa das personagens, um pouco do «estranho» que eu cultivava antes. Mas esses processos não se adaptavam satisfatoriamente aos temas sociais que me interessavam e por isso me tornei realista. Não se perdeu nada com isso. Se falo desses trabalhos, é apenas para salientar que eu sou por uma permanente renovação da Arte, quer literária, quer plástica e que sou contra toda a espécie de estagnação e contra todo o academismo. A arte deve ser uma constante pesquisa.

Não sei se daqui se infere que Ferreira de Castro, apesar de tudo, acabou por ser o escritor que talvez não tenha desejado ser. Como diria um personagem de «A Missão»: **«A vida é uma permanente série de limitações. Nunca fazemos tudo quanto desejamos, mesmo quando os nossos desejos são justos».**

Entretanto, surgira nova pergunta:

Pensou alguma vez no prémio Nobel?

. Recorde-se, antes que Ferreira de Castro nos responda, que ele foi um dos poucos autores portugueses propostos para tão alto galardão:

Sim, pensei afirma-nos o autor de «Emigrantes». **Pensei que não o merecia. E, por isso, sempre pedi aos amigos que pretenderam candidatar-me, que não o fizessem. Se a União dos Escritores Brasileiros apresentou, em conjunto, a candidatura de Jorge Amado e a minha, foi porque não tomei conhecimento prévio dessa iniciativa, que, aliás, muito me comoveu.**

O que julga o Ferreira de Castro que distingue os jovens escritores de hoje, dos escritores do tempo em que começou a escrever?

. Pouco ou mesmo nada. Apollinaire, Cendrars e muitos outros franceses e italianos, galvanizaram a minha geração, não só em Portugal, mas em toda a parte, com a inquietação estética a que já me referi. O estado de espírito dos jovens de então era o mesmo dos de hoje: ir para a frente, desdenhando o que se tornara cediço ou fácil. Esse sentimento vem de longe, mas floresceu mais do que nunca, nestes dois últimos séculos, em todas as expressões de Arte. E continuará, creio bem, a honrar o futuro na alma dos poetas, dos artistas e dos escritores.

Ferreira de Castro foi sempre um escritor de larga produção. Não tanto pelo número de livros que publicava, mas pela inúmera colaboração que sustentou nos jornais e revistas durante muitos anos. Ultimamente tem-se visto quase nada assinado pelo seu punho em publicações periódicas.

Ainda mantém um certo ritmo de produção indagámos ou agora escreve realmente pouco?

. Certamente que mantenho. Embora a minha saúde seja muito má, e a minha vida já muito curta, as minhas reservas não se esgotaram, penso eu. Tenho ainda várias ideias a expressar, sinto-me ainda capaz de as transmitir, mas sei que já não terei tempo suficiente para as escrever todas. E não é agradável pensar nisto. «Subiam mais, subiam sempre, engole, raizedos nus, galhuças ribeirinhas e estendendo-se por baixo das barracas dos cablocos. A terra encharcava então. O manto aluvial, descendente do bíblico, invadia lentamente, soturnamente, a selva arrepiada, era pela boca dos igarapés, pelas gretas das margens, sobe, sobe, avança, transborda, mil línguas que se bipartiam aqui para se unirem de novo além, numa surda persistência de extermínio. Hoje um palmo; um meiro, amanhã; um quilómetro depois e, por fim léguas sem conta toda a gleba traspassadinha, como se a selva não fosse mais que floresta submarina, trazida, por artes mágicas, à superfície de nunca visto oceano.

A água morta dos igapós, presa na brenha, durante o Verão, ressuscitava, tomando movimento e perdendo a sua cor de limo negro, ao contacto com a outra, que vinha ligar-se a ela e expandir-se por toda a parte.» (De «A Selva», página 170).

Ao escrever «A Selva», supôs alguma vez o enorme êxito que este livro viria a conquistar?

. Temi justamente o contrário. Como «Emigrantes» fora bem acolhido, não faltou quem afirmasse que se tratava «duma obra de acaso». Isto devia-se, sobretudo, a eu ser autodidacta e jornalista, pois algumas pessoas duvidam que um jornalista, embora publique livros, possa ser um escritor. Ora eu era jornalista para assegurar o meu pão e poder, assim, ir-me realizando literariamente. Além de que há uma injustiça naquela dúvida, como a própria história da literatura o prova. Se não por isso, pelas suas longas descrições, eu temia que «A Selva» fosse uma derrota. Quando o romance veio a público, viajava eu pelos Açores, a serviço de «O Século». E, ao regressar, vinha muito apreensivo. Esperava-me, porém, no cais, o velho Manuel dos Santos, chefe da delegação do «Primeiro de Janeiro» em Lisboa, que me tranquilizou: o livro fora bem recebido.

Zangou-se em alguma ocasião com a crítica?

Penso que não existe no Mundo um só escritor, poeta ou artista, que tenha estado sempre de acordo com a crítica. Mas eu sou pela liberdade de expressão e nunca refutei nenhum crítico.

Já o dissemos e sabem-no os leitores: Ferreira de Castro tem 75 anos de vida e cinquenta e tal de escritor. Muitas histórias para contar, recordações sem fim. Por isso lhe idagámos:

Lembra-se de alguém que o tenha estimulado de maneira muito especial no início da sua carreira?

Lembro-me do Rocha Martins. Eu colaborava intensamente na revista «A.B.C.» que ele dirigia. Sempre me estimulou. Foi ele quem me obteve, espontaneamente, o meu primeir editor. Até aí eu publicava os meus livros por conta do meu bolso, que era tão magro de dinheiro, como eles o eram de valor. Tímido e não acreditando que os editores me aceitassem nunca bati à porta de nenhum, para não ser humilhado com uma recusa que eu tinha por certa.

As limitações do eapaço em que vive e ao qual pertence, impuseram grandes dificuldades à sua vida de escritor?

«O Superior viu o foguete verbal de Brissac subir e cair. Cair junto da flecha que Mounier tinha lançado por entre as árvores perturbadas e em expectativa. Ele não ignorava que uma flecha, mesmo tombada, é muito diferente da cana dum foguete, embora as duas venham pelo ar e mostrem aparentemente algumas semelhanças físicais. Depois de haver distraído o silêncio do Céu e arrebatado a atenção da Terra, a cena desce desgovernada, ora em horizontal, ora em vertical e um pouco ao sabor do vento, se o há; desde morta, como se efectivamente, beça; e cai com um ar de pobre coisa inútil que cumpriu a sua missão e já não reviverá. A flecha, ao contrário, mesmo se não acertou no vosso corpo, continua viva, a fabricar medo para quem a vê entre as árvores da floresta onde jaz; a sua intenção continua intacta, o perigo que ela trazia persiste sob a força de quem a disparou; é uma vontade activa concentrada na haste imóvel e o superior sabia que não se podia levá-la para casa, atravessando a floresta com ela debaixo do braço, a assobiar despreocupadamente, como os garotos levam a cana dos foguetes. De «A Missão», página 37, edição de bolso Europa-América).

Entretanto Ferreira de Castro já respondeu à nossa anterior pergunta, com estas palavras.

. Imensas. E não só a mim, mas também à grande maioria dos nossos escritores.

Que gostaria que lhe acontecesse neste momento em que perfaz os seus setenta e cinco anos?

Ferreira de Castro pensa um instante. As rugas de uma vida vivida entre o sobressalto e a esperança, cavam-se um pouco mais fundas Depois diz simplesmente:

Que me viessem dizer que a injusta sociedade em que o Mundo tem vivido durante tantos milénios, se transformara de repente, como que por magia, numa sociedade de justiça para todos os homens e de fraternidade entre todos eles. E que a Ciência acabasse de desobrir a maneira de os homens com a minha idade viverem, pelo menos, o dobro do que já tinham vivido...

OPINIÕES CRÍTICAS

ENCONTROS DES ENCONTROS

ARNALDO SARAIVA

Permitam que de acordo com a fórmula «O Autor põe, o Crítico propõe e o Leitor dispõe», lhes chame a atenção para algumas passagens do ensaio chamado «Encontros Des Encontros ou da Entrevista e da Polémica», que antecede estes 27 textos de Arnaldo Saraiva. Assim: «Encontros Des Encontros é exactamente o que o seu título diz ou sugere: um livro de **encontros** sobre os quais pairou, depois, durante, antes, o fantasma da desistência ou da destruição. Sobre uns mais do que sobre outros, decerto; mas sempre o suficiente para garantir a verdade deles pág. 7). «Até porque não se devem entrevistar ou polemizar pessoas; devem entrevistar-se ou polemizar-se ideias, doutrinas, representações» (pág. 8 — cfr. pág. 19). «Não faltam no conteúdo deste livro sugestões relacionáveis com a proposta do seu título: pense-se não já nas discordâncias referidas em entrevistas, ou nas concordâncias referidas em polémicas, mas no facto de um mesmo escritor — de um mesmo **homem** — aparecer como entrevistado e como polemizado» (pág. 8). «Claro que todo o discurso é, a certo nível, dialógico: a sua simples existência implica sempre, sincronicamente, uma **exigência**, um apelo ou um convite ao outro (à palavra do outro) — ou até um diálogo entre o sujeito da enunciação e os indivíduos, ou grupos, ou sociedades implicáveis nas oposições que a cada momento o constituem: língua/fala, sintagma/paradigma, código/mensagem, sincronia/diacronia» (pág. 9). «As duas ou duzentas **pessoas** que num texto realmente escrito por duas ou por duzentas pessoas se dêem como suas autoras não são pessoas : são **personae**, personagens, actores, ou só pessoas de papel, tinta, letras» (pág. 11). «Adivinha-se, pois, o perigo em que incorrem os leitores que passam alegremente de um texto para a vida de um autor, como se tratasse de dois textos sobreponíveis e a cada momento comunicantes entre si e de modo controlável» (pág. 12). «Barthes abriu-nos talvez a pista para uma importante distinção entre a polémica e a entrevista enquanto esta parece situar-se essencialmente ao lado da **fala** (a verdadeira entrevista nunca é escrita, é sempre oral, só pode ser transcrita), a polémica situar-se-ia do lado da **língua**, pois é sempre escrita (quando oral, chama-se geralmente ataque, desafio, peleja ou debate)» (pág. 18) e, finalmente: «**estes Encontros Des Encontros** não o são apenas entre um e outros indivíduos; nem o são apenas entre os homens. São também **encontros des encontros** do **homem** (individual ou colectivo) com o **espírito** histórico, num certo espaço e num certo tempo (ocidentais) de tanta esperança como desilusão» págs. 21 e 22).

Talvez as transcrições pareçam demasiadas, mas considero-as bastante significativas para desde logo informarem o leitor acerca das linhas mestras do pensamento do autor, ao reunir neste livro de título muito bem conseguido 15 entrevistas, 2 inquéritos, 7 polémicas e 3 textos entre a polémica e a doutrina: «Requiem por uma língua dita viva», «A província fora do mapa», «Emigração e mistificação» (Entre estes últimos gostaria o crítico de ver publicado um artigo saído em «Colóquio-Letras» n.º 7 — Maio de 1972 que pelo seu desassombro e ironia muito bem caberia neste volume e estranha a sua não inclusão, até porque textos editados posteriormente a esse trabalho têm em «Encontros Des Encontros» o seu lugar.)

. . Impressiona esta obra pela verdade que transparece das várias partes que a constituem definidoras de um pensamento culturalmente bem informado, decidido ao diálogo, exemplarmente isento, coerente independente, afoito, sem que, contudo, estas qualidades conduzam à frieza, à teimosia, à demagogia, à grosseria que, infelizmente, tanto têm caracterizado certa crítica e certo ensaio. É na esteira dessa verdade, na perseguição dela que Arnaldo Saraiva analisa, estuda, observa física e literariamente os seus entrevistados, distingue literatura e vida, discorda ou concorda, aceita ou reage. Mas, chegado à polémica, não ataca pessoas, não usa do trocadilho fácil tão ao gosto de certa discussãozinha portuguesa, nem da caricatura barata tão mesquinhamente nacional, antes demonstra a pouca segurança de certos pontos de vista, antes luta contra dadas posições que lhe não parecem acertadas. De resto, a sua atitude perante a vida e a literatura, perante a nossa realidade em si mesma e a nossa tomada de posição perante o que nos interessa no mundo, não ressaltam apenas da polémica ou dos textos que situamos entre a polémica e a doutrina, ela vem à tona nas próprias entrevistas (Veja-se a este propósito o preâmbulo da entrevista a Jean Rousselot — pág. 166).

Para não se afastar da vulgar fama de nomenclador, não se impedirá o crítico de chamar vários nomes a este livro de Arnaldo Saraiva. 1.º nome: lúcido — palavrão usado, reusado e abusado de há vários anos para cá. Neste contexto, significa a capacidade de admirar sem que a admiração se torne cegueira, amén, intocabilidade, impunibilidade da ideia, doutrina, representação. 2.º nome: coerente, na medida em que o pensamento do autor se não deixa perturbar e permanece íntegro para aquém ou para além da discórdia ou da concórdia. 4.º nome: honesto, mesmo repetindo ideias frases transcrições e quando, na polémica não deixa de citar os textos que combate.

ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

MONÓLOGO 4

A manhã estendia-se na minha frente. O táxi atravessava a cidade e deixava para trás uma multidão de pessoas que se dirigiam lentamente para os empregos, de cabeças baixas, olhos desgastando uma tristeza fria que terminava não se sabe bem aonde, gestos incertos, inseguros, corações prontos a explodir à menor passagem do vento.

Eram oito horas de uma manhã cinzenta. Cada badalada desprendida monotonamente do relógio da Sé espraiava um som grave pelo coração da cidade. Os homens já não as ouviam de tão indiferentes, quando atravessavam as ruas e entravam descaradamente pelo interior das casas de janelas abertas numa espera angustiante...

Fechei os olhos. Por momentos experimentei uma vez mais esta sensação estranha de estar permanentemente só. Quando os abri deparei com um enorme engarrafamento e gente que se agatanhava. O «chauffer» que me transportava dizia para ninguém: «... olhem este desgraçado! Podia ter metido pela esquerda e vejam só o que ele ocasionou. Já ninguém consegue endireitar isto... Coitado é do motorista que anda aqui doze horas por dia agarrado a esta porcaria. Olhe, olhe, o senhor está a ver agora?

. Não vi, não senhor, porque entretanto o coração havia-se-me estalado de dor quando abri o jornal na página oito e deparei com esta notícia: na Irlanda dois indivíduos, ao passarem de carro por duas crianças que brincavam descontraidamente numa rua, dispararam duas rajadas de metralhadora e mataram num segundo dois seres, tenros de humanidade, no advento duma vida que nenhuma revolução, por mais legítima que seja, pode antever.

Deixei no táxi o motorista reivindicando o direito aos trocos que eu não tinha, e dirigi-me a uma garagem com uma nota de vinte escudos. Voltei segundos depois e paguei a despesa.

Estava no centro da cidade incapaz de fazer o que quer que fosse. Deambulei toda a manhã pelas ruas sentindo no corpo as lutas dos meus contemporâneos.

Encostei-me a uma parede e deixei-me escorregar por ela abaixo até encontrar o chão. Cravei os dedos nos olhos e, por momentos, ouvi o choro convulso duma criança.

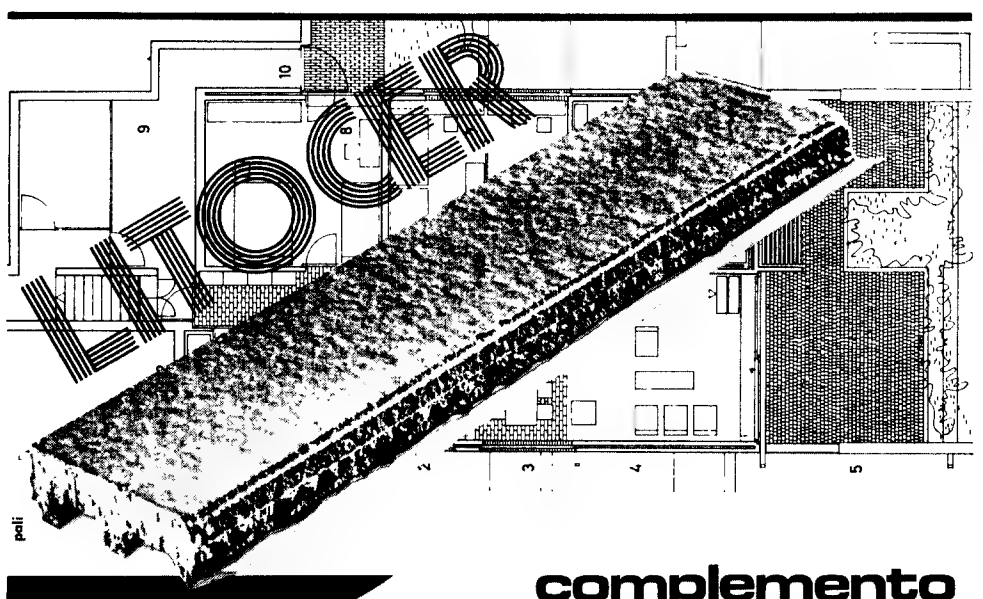
Regressei a casa e sentei-me à mesa. A minha volta falava-se de doenças, da carestia da vida, dos magros ordenados.

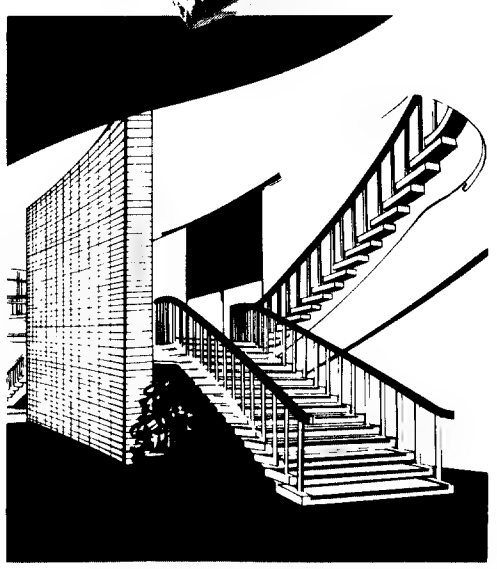
A rua era varrida de norte a sul por um vento muito forte. As árvores, indiferentes ao seu destino, estendiam as pernas de encontro ao corpo das casas. As ambulâncias atravessavam os quarteirões deixando no ar um lamento de morte, que se sobrepunha às buzinas dos carros.

Cansado de andar, encavalitei-me num «eléctrico» em andamento. O cobrador também não tinha trocos e obrigou-me a sair.

Um jardim muito triste, salpicado de bancos, estava na minha frente. Sentei-me, aconcheguei a gola do casaco, cruzei os braços, olhei os telhados das casas pobres, e assim fiquei até que a noite me envolveu com a cidade, a angústia das noites brancas e das almas penadas.

Ao olhar, ao longe, o Tejo, qualquer coisa me impelia para ele. Era uma imagem, uma recordação, um sentimento frio que pertence a este mundo.





complemento de beleza, e resistência.

(interiores, exteriores e pavimentos.)

Os elementos cerâmicos LITOCER são duríssimos, sem absorção, insensíveis ao gelo, aos choques térmicos e resistentes aos ácidos.
Apresentam-se com a superfície, à vista, esmaltada, em várias côres brilhantes e mates, lisas e em relevo, de belo efeito decorativo.
A extrusão no estado plástico permite obter no verso das peças, racionais «caudas de andorinha» para uma perfeita aderência.
Especialmente indicado para REVESTIMENTOS INTERIORES, EXTERIORES E PAVIMENTOS.

LITOCER

ELEMENTOS CERÂMICOS DE ALTA RESISTÊNCIA, NÃO ABSORVENTES

Um produto litocerâmica materiais de grés s.a.r.l

Albergaria-a-Velha Apartado, 15 — Telefs. 52331 52332

cuide de si enquanto goza as suas férias em

CALDELAS

ABERTAS DE 1 DE JUNHO A 10 DE OUTUBRO

FAMOSAS TERMAS HIDROLÓGICAS PARA O TRATAMENTO DAS DOENÇAS INTESTINAIS

GRANDE HOTEL DA BELA VISTA
GRANDE HOTEL DE CALDELAS

QUARTOS COM BANHO E TELEFONE * CAMPO DE TÉNIS * CAPELA
VELA E MOTONÁUTICA NAS BARRAGENS * PISCINA, ETC

GRANDE HOTEL DE CALDELAS
PREÇOS ESPECIAIS DE 1 DE JUNHO A 15 DE JULHO

ROMANCE DAS ORIGENS E ORIGENS DO ROMANCE

Da necessidade interior (**uterina?**) de compor (e impor?), de contar e contar-se (a si mesmo e aos outros uma fina filigrana de história, da **sua** pretensa (desejada) história. Assim poderia resumir-se o tema central do novo ensaio de Marthe Robert, autora entre outros de uma **Introdução à leitura de Kafka**, de um **Franz Kafka** (1), de **L'ancien et le nouveau** (2) e de **La révolution psychanalytique** (3). Aos quais não podemos deixar de acrescentar um estudo sobre o grande dramaturgo **Heinrich von Kleist** (4).

A interrogação primeira (e primordial) de Marthe Robert resume-se no «porquê» do romance e na necessidade manifestada pelo homem de criar, de recriar e de narrar histórias: a fábula e a imaginação de mãos dadas, num sentimento unânime de evasão necessária, ou de necessidade de evasão, de fuga, de carapaça protectora, anónima, transformadora das realidades individuais do homem. Pelo sonho e num mundo de sonho. Como uma medicina do espírito na qual buscasse a metamorfose do «ser» num «querer ser»: eterna ferida do inadaptado que procura modificar as coordenadas da sua existência e, quase sempre, das suas origens, numa recusa dos pais e da família. Numa insatisfação que o texto de Freud sobre o romance familiar dos nevróticos parece demonstrar através do desejo profundo da criança em forçar a ordem das coisas que a rodeiam dentro do casulo estreito (estrangeiro) da célula familial primeira etapa (ou introdução) ao universo psicológico que Marthe Robert se esforça por penetrar e esclarecer. Do terreno da teoria ao mundo do desejo romanesco pela exploração dos meandros psíquicos da imaginação: berço inconsciente de uma origem comum, produtora e reprodutora de D. Quixote e de José K., de Rastignac e de Gulliver, de Julien Sorel e de Karamazov.

O axioma freudiano de Marthe Robert, através do qual a ensaísta pretende dirigir a sua reflexão sobre uma teoria baseada no «romance das origens» como «origem do romance» surge, poderíamos dizê-lo, no contra-movimento das teorias recentemente defendidas por Gilles Deleuze e René Girard, ardentes adversários do triangular de Sigmund Freud, o primeiro, afinal de contas, a ousar reconhecer a insuficiência da sua pròpria argumentação. A propósito de Dostoievski, precisamente. **Alors...?**

. . **Alors...**, o romance é desejo e este encontra-se no centro do romance, personagem ao mesmo tempo psíquico e social, psicológico e sociológico. Numa coerência reflexiva que desencadeia os mecanismos da criação literária propriamente dita. Sem que a teoria de Marthe Robert (antinomia entre **Bastardos** e Enjeitados) pareça esclarecer as origens do fenómeno literário: do conto de fadas ao folhetim, do romance menor aos mais elevados testemunhos da actividade romanesca.

Mesmo se ela constitui um elemento predominante na função do romancista, a psique do criador não pode aspirar, de modo algum, a assumir uma definição exacta deste fenómeno, nem a situar-se como o elemento de valor determinante da criação literária, não obstante todas as subtilidades da tese de Marthe Robert. Reduzir, por outro lado, o vasto universo romanesco a duas simples categorias de escritores (os românticos e os realistas) revela uma sintomática superficialidade de análise que poderíamos identificar, sem dificuldade, à ligeireza do conto de fadas...

O narcisismo como teoria de um real psiquicamente infantil e não-evolutivo parece-nos, por consequência, carecer do rigor que um estudo sobre a evolução das ideias deveria considerar com mais cuidado (senão com maior tacto), alargando, se possível, os horizontes do «inquérito» edipiano para além de uma dupla «demonstração» do parricídio castigo e expiação do homem prisioneiro da sua importância de **bastardo** ou de **filho abandonado** (enjeitado).

A esta segunda categoria pertenceriam, segundo a sua tese sobre uma incurável megalomania infantil, Cervantes Cyrano de Bergerac, Defoe, Novalis, Melville, Nodier, etc. À dos **bastardos**, nada menos que Balzac, Victor Hugo, Eugène Sue, Léon Tolstoi, Marcel Proust e Charles Dickens entre outros de não menor envergadura. Todos eles profundamente marcados pelos problemas e conflitos familiares (**uterinamente**) ligados ao complexo de Édipo. Dois romances, duas categorias de romancistas, duas patologias (definidas por Freud em 1909) a que Marthe Robert reserva um lugar privilegiado (fundamental) na ilustração da sua tese: a megalomania genérica, a fábula biográfica inventada pela criança numa desesperada tentativa de explicar-se e explicar (anular) o inexplicável (a vergonha) das suas origens: **suspeitas**, ou incompatíveis (não conformes) com a sua interioridade (narcisismo, megalomania).

Posto isto, o ensaio de Marthe Robert merece uma leitura atenta, capaz de abrir caminhos na complexidade de uma análise que peca pelo desequilíbrio das respostas (excessivas) em relação ao número das interrogações (praticamente informuladas). Dignas de relevo, pela agudeza do seu espírito analítico, as suas perspicazes reflexões sobre Gustave Flaubert (a que não parecem alheias as recentes achegas de Jean-Paul Sartre) (5), e Franz Kafka, que fizera de **Educação Sentimental**, como se sabe, o seu livro de cabeceira.

Igualmente inteligente a linha medular comum aos **bastardos**, nomeadamente Cromwell (e as suas perspectivas individualistas, num esboço de **fascismo-anterior**) e Napoleão Bonaparte (aventureiro e oportunista, carcereiro da Grande Revolução) e as suas influências (forçosamente nefastas) sobre as obras e o pensamento de um Stendhal e de um Balzac, por exemplo. Confundindo o **poder de escrever** com o **poder de agir**. Neste contexto, Chateubriand parece-nos ter sido esquecido, ele que tantas provas nos deixou (uma obra toda!) da sua patológica, incurável megalomania genética.

«Enquanto Stendhal, escreve Marthe Robert, se satisfaz, e porventura se desforra da sua infância perdida, ao fazer reviver, sob o aspecto de Julien Sorel ou de Fabrice del Dongo, o adolescente que ele sabe ter sido na intimidade dos seus sonhos., Dickens supõe-se predestinado a reformar as leis e os costumes, Dostoievski ostenta a (arrogância) do profeta inspirado, Messias do povo russo, e Balzac exige, muito simplesmente, «o poder em França». «Émulo de Napoleão», prossegue a ensaista, «Bastardo fecundo», Balzac proclama-se, não o semelhante de Byron ou de Walter Scott, que admira porém, mas o igual dos homens de Estado, dois sábios e pensadores do seu tempo. «Quatro homens (sic) viveram uma vida imensa, diz Balzac: Napoleão, Cuvir, O'Connell. Eu serei o quarto»! E desta vez Marthe Robert apoia a sua argumentação nas apreciações de Proust sobre o autor da **Condição Humana** («toute une société dans ma tête!»): «La vulgarité de ses sentiments est si grand, diz Proust, que la vie n'a pu l'élever».

Assim vão os **bastardos** cativos da materialidade dos seus sonhos. Assim teorisa Marthe Robert: óptica freudiana assestada sobre um universo que exige mais, para se revelar, do que a sempiterna trilogia do pecado edipiano, agora presente neste **Roman des origines et origines du roman** (6).

1) Editions Gallimard Paris
2) Editions Grasset, Paris
3) Editions Payot, Paris
4) **L'Arche**
5) **L'Idiot de la famille** (ensaio sobre G. Flaubert); ed. Gallimard
6) Editions Grasset, Paris.

ALCIDES DE CAMPOS

DA VIOLÊNCIA

Continuação da pag seis

uma das suas incoerênncias mais comprometedoras. Provavelmente aí reside a razão de nos sentirmos **exteriores**, radicalmente exteriores, a tudo o que se passa na tela: a emoção é representada para nós, nunca chega a ser vivida em nós. E num filme deste tipo era disso que tudo dependia.

P. S. — **A semana incluiu ainda a anteestreia de A 10.ª vítima, de Elio Petri, no cinema Alvalade, e uma sugestiva** iniciativa do Pão de Açúcar, organizando a Semana do Cinema Brasileiro, onde pudemos ver uma vez mais **António das Mortes** de Glauber Rocha e um surpreendente **A grande cidade** de Carlos Diegues.

Superando o natural constrangimento de quem vem propagandear uma revista que inclui no seu corpo redactorial alguns excelentes amigos, não posso deixar de chamar a atenção dos meus leitores para o artigo «O santo guerreiro contra o dragão da maldade» publicado em **E etc**, com data de 30 de Abril de 1973, número 8.

EDUARDO PRADO COELHO

QUATRO POEMAS DE MANUEL AFONSO COSTA

Já te pintei na noite na sesta e
No baptismo o dia
Já te escrevi sob o sol sobre a chuva
E sob a neve mais fria
E já te esculpi no nevoeiro quando
Improvisei para os teus olhos dois
Raios de fogo e para os teus seios
Montanhas onde a erva parecia de
Seda.
Só não te decorei ainda porque te
Invento sempre com mais uma pétala
Ou com mais uma asa.

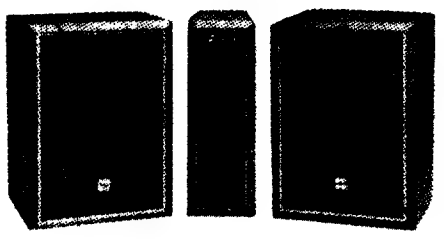
Do fundo erguendo a sua harpa fria
O vento orbita coeso e macio
O vento levanta e transporta das flores o
Seu cio a sua baba liberta
Ao longe a depõe num extenso campo
De lábios de trevos e de pedras
E volta de novo e sempre com os dedos
Viscosos e com ovos nas gueiras

É necessário arrastar para os
Grandes lagos as gramáticas e os
Dicionários
Começaremos do princípio na descoberta
Das palavras e na construção
Das frases
Assim teremos mais tempos os lábios
Ocupados

Há uma pedra suspensa sobre as
Margens onde animais de sombra devoram
Ruínas de cardos.
As águas crescem para as ruas e as
Casas. E trazem de volta os copos
Os pratos e os postigos. Então
Comemos os peixes vivos porque sempre
Sonhámos ser aquários.

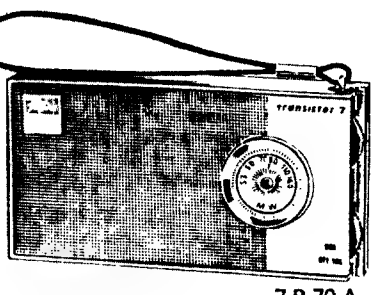
Toshiba vai consigo!

incomparável variedade de modelos



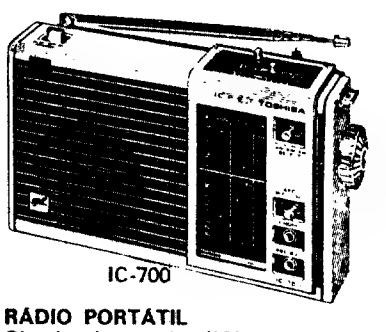
550 C

RÁDIO MESA ESTEREO
24 transistores e 14 diodos
AC (110/220 V)
MW/FM/FM estéreo
Potência de saída: 4 W
Dimensões: 89 × 259 × 175 mm



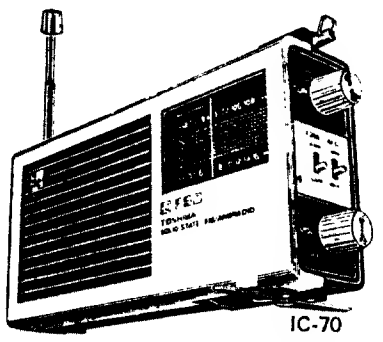
7 P-70 A

RÁDIO PORTÁTIL
Elegante rádio portátil de Ondas Médias com 7 transistores, som claro e amplo com duas tonalidades, de fácil regulação.



IC-700

RÁDIO PORTÁTIL
Circuito integrado (IC)
AC/DC (Pilhas, 6 V ou 110/220 V)
MW/FM/SW
Potência de saída: 700 mW
Peso: 1 Kg



IC-70

Super heterodino de 14 transistores para AM e FM, com circuito ultra compacto (IC) de alta sensibilidade. Antena telescópica para FM e antena de ferrite para AM. Poderoso altifalante de 9 × 6 cm. Controlo de tonalidade. Saídas para amplificador auxiliar e auscultadores. Peso, incluindo as pilhas, 500 g. Alimentação: DC: 6 V (4 × 1,5 V).

cada vez mais TOSHIBA

Toshiba QUALIDADE DESDE 1875 RÁDIOS

À venda em todos os bons estabelecimentos e nos Agentes Toshiba

CINEMA

DA VIOLÊNCIA

Título: TIRO DE ESCAPE («Getaway»)
Realizador: Sam Peckinpah
Intérpretes: Ali Mac Graw, Steve Mc Queen
Estreia no Monumental

Título: O ASSASSINO PELAS COSTAS («Duel»)
Realizador: Steve Spielberg
Intérpretes: Denis Weaver, Jacqueline Scott
Estreia no Apolo 70

São duas as palavras, e apenas, que sobre **Getaway** poderemos desejar dizer: vulgar e entediante. Assim, encontramos Peckinpah reduzido à sua verdadeira dimensão de frouxo ideólogo da violência, ou somente despudorado explorador dela. Ou, noutra perspectiva, assistimos ao modo como alguém suposto com talento retoma a lenda do casal à margem da sociedade, cossado, forçado à violência, lançando-se num aparente suicídio em fuga vertiginosa para a frente. O que falta: força, imaginação, capacidade de construir uma história com interesse; inserção histórico-social do conflito relatado; e ainda: sentido estético suficiente para encontrar a fórmula de certas sublimações líricas (as de Arthur Penn).

Vejamos **duel**. Filme polímico, portanto curioso; filme que divide as pessoas segundo o modo como elas engrenam ou não no programa que lhes é proposto; filme mais brilhante do que inteligente, embora mobilizando uma espantosa soma de recursos.

Tudo se enraiza na força da ideia: **extraordinária**. Ela, a ideia, é: colocar numa estrada um carro guiado por alguém o mais banal possível; pôr na mesma estrada um gigantesco camião cujo condutor não chega nunca a ser visto; iniciar, **sem quaisquer razões**, uma terrível perseguição do camião ao carro; manter todo o filme como desenvolvimento deste tema.

O elemento sublinhado («sem quaisquer razões») é a chave do fantástico; o filme insinua que a ameaça desce como um absurdo transcendente; chama-se a isto «fazer Kafka». Motivar o comportamento das personagens, ou mesmo personificar o condutor do camião, seria diluir a densidade do filme, o impacto da ideia.

Ao factor «sem quaisquer razões» acrescenta-se um segundo, determinante: o homem que viaja no carro perseguido ocupa um lugar **que poderia ser o de qualquer de nós**. Se há filmes em que os protagonistas ocupam lugares inacessíveis (e vivem por nós o que nós nunca viveremos); há outros filmes em que eles estão em lugares **disponíveis** (fazendo que a ameaça da tela transite insensivelmente para o quotidiano do espectador. É neste segundo grupo que **bduel** se insere.

Esta transitividade protagonista-espectador é reforçada pelo modo como o filme desliza duma situação comum (a ultrapassagem) para uma situação invulgar (a tentativa de assassínio), sem nunca haver um momento de corte, de ruptura, que indique o ponto exacto onde o fantástico começa: **e é assim que o fantástico se enraiza no quotidiano, transfigurando-o**, atribuindo-lhe a dimensão mítica que esse quotidiano merece. Spielberg tem como material mítico toda a aventura diária do trânsito nas estradas: a violência, o desespero, a concorrência, a brutalidade, o egoísmo brutal, a morte iminente. É na medida em que uma tentativa de assassínio se deduz de uma ultrapassagem que uma ultrapassagem conduz a uma tentativa de assassínio. Por outro lado, a estrada funciona como metáfora social: a competição na estrada reproduz a competição na vida, revelando-a na sua ferocidade intrínseca. O que transforma **Duel** em alegoria.

Esse processo de alegoria acentua-se também com o uso de certos paradigmas elementares: o que opõe o carro ao camião é algo que repete a oposição humano/animal (**o carro é anónimo, tentacular, obsessivo, monstro pré-histórico** que espreita entre as curvas da montanha, que se solta dum sono primitivo e desumano); a oposição psicológico/não-psicológico (condutor com rosto contra condutor sem rosto); a oposição técnica/violência (é um carro extremamente civilizado que é perseguido por qualquer coisa de primitivo e tosco). A tese do filme é mais ou menos esta: partindo destas dicotomias, é preciso neutralizá-las, demonstrando que o animal está no interior do humano (ou está **ainda**), que o não-psicológico trabalha no interior do psicológico, que a violência habita o mundo da técnica.

Quais as limitações do projecto de Spielberg? Quanto a mim, muitas. Todo o filme me aparece como um tema dado a um aluno brilhante para ele o executar de forma a obter a melhor nota possível. Daí que ele, o aluno Spielberg, se não poupe a esforços; daí também que o seu trabalho, **em muitos aspectos brilhante, não seja inteiramente convincente**. As duas principais dificuldades residiam em: 1) preencher o percurso da perseguição com episódios que a não dispersassem; 2) encontrar a linguagem adequada à expressão do fantástico proposto pelo argumento. Deste modo, Spielberg desenvolve a sua história em duas linhas: por um lado, há a história **na estrada**, que segue uma lógica de violência em escalada (sem excluir os necessários tempos mortos) perfeitamente previsível (nós sabemos sempre que na próxima curva o camião **está lá** é esse o pressuposto do filme); por outro lado, há as histórias marginais que ocorrem **na margem da estrada**, e que funcionam como regularizadores do tempo da narrativa (anunciando-retardando), e que introduzem personagens demasiado normais, de molde a estabelecer o confronto normal-fantástico e a defini-lo como a justaposição de dois universos **incomunicáveis** (recordemos a cena no café).

Ilustrando esta estrutura perfeitamente codificada duma narrativa, Spielberg utiliza **uma linguagem batoteira**, em que o fantástico se produz aritificalmente à custa do abuso de **múltiplos truques técnicos não justificáveis (ângulos insólitos, deformações, desfocagens, etc.). É neste ponto, sobretudo,** que o filme se mostra desagradavelmente **viciado**.

Há um aspecto extremamente curioso que merece a nossa atenção: como entender o tipo de personagem que surge como protagonista de **Duel**? Porque se trata, com efeito, de um indivíduo indeciso, emaranhado no seu comportamento, mesquinho nas suas relações com os outros, incapaz de concluir uma intenção, frustre e pouco simpático. Ora uma tal caracterização vem travar inesperadamente o processo de identificação que o filme exigia. É talvez essa

Continua na pag cinco

CARTA ABERTA

OU DA NECESSIDADE DE SA

ÂNGELO FÁCIO

Caro Angel:

Entre a entrevista que concedeste a este Suplemento (após a estreia de «A Casa de Bernarda Alba») e as palavras que leio no último número da revista «Rádio e Televisão», (1) numa entrevista conduzida por Lurdes Féria, há um abismo. Parece-me evidente que entre estas duas datas, um processo de desgaste destruiu (provisóriamente, esperemos), ao mesmo tempo, o teu senso de humor e o teu senso crítico.

Sublinhemos o que nestas tuas últimas declarações parece ser o reflexo de quem (inocentemente?) se deixou apanhar na ratoeira e esbraceja em vez de tentar descobrir o mecanismo que lhe permitiria escapar:

(1) A minha intenção era criar uma nova perspectiva de «ver» o teatro no TEP.

(2) Houve uma manobra e puseram-me, a mim e aos que estavam de acordo comigo, no olho da rua.

(3) O TEP, no fundo, não passa de um «hobby» para intelectuais de província. Querem fazer os seus Júlios Dinises e outros do género sem problemas...(2)

(4) Quando montei «Pela Boca Morre o Peixe», o meu propósito nao era o espectáculo em si, mas criar uma estrutura de funcionamento que permitisse um teatro auto-suficiente, capaz de recusar os subsídios. Fiz, assim, um espectáculo barato dentro de uma linha crítica e que estabelece certas formas de trabalho. Nem sequer pretendi construir uma coisa muito bem feitinha.

(5) No Porto, fomos vítimas de um boicote. O público que esteve no Sá da Bandeira não coincidia com o habitual público amante (sic) de teatro.

(6) Para cúmulo, os anúncios que pagamos para saírem em certo jornal que por acaso alberga vários dirigentes do TEP, foram publicados com as datas de estreia erradas.

(7) Quis fundar um grupo onde os actores se ocupassem das funções técnicas e administrativas. Em vez de se repartir o dinheiro por 40 pessoas mais valia que fosse distribuido por dez.

(8) Interessava fazer espectáculos sem grandes complicações técnicas, que se pudessem levar rapidamente a qualquer lado junto de um novo público.

(9) Recuso as aventuras estéticas (o caso da «Bernarda Alba») e defendo a sociologia teatral.

(10) Se os críticos não gostam do meu trabalho, estou-me nas tintas. A crítica teatral está nas mãos de uns senhores que não me dizem nada.

Vamos por partes:

Colocas de um lado «A Casa de Bernarda Alba» e do outro um espectáculo tipo «Pela Boca Morre o Peixe». Considero esta dicotomia altamente discutível mas, situando-me no campo das tuas opções, vou admiti-la. As perguntas que te vou pôr partem, pois, dessa verificação: (a) «A Casa de Bernarda Alba» limitou-se a ser como espectáculo uma **aventura estética**, ou, muito pelo contrário, continha implicações sociologicamente intervenientes? (b) Não foi esse espectáculo da tua inteira respon-

« A Casa de Berna

A ÂNGEL FÁCIO

ABER APANHAR PORRADA

sabilidade? (c) E a tua concepção não prejudicou irremediavelmente a possibilidade da sua deslocação, de tal forma que quando aquela se concretizou essa concepção foi destorcida em consequência dos materiais utilizados? (d) Não é verdade que o teu ingresso no TEP implicou a aceitação de determinadas circunstâncias e, entre elas, a da «submissão» aos subsídios? (e) Não é verdade que a organização do Grupo Independente integrado no CCT implica a aceitação por este de subsídios? (f) Não é verdade que a deslocação a Nancy e a Roma só foi possível graças a um desses subsídios? (g) Não é ainda verdade que a realização de «A Casa de Bernarda Alba» implicou pesados sacrifícios financeiros com prejuízo de outras criações (pela minha parte não acho que o facto seja de lamentar perante os resultados obtidos)?

Estas dúvidas têm inevitável conexão com afirmações que com elas se identificam: realizando o espectáculo com a peça de Lorca, o TEP, cuja direcção artística te competia, alienou, aliás desnecessariamente, a meu ver, a possibilidade de fazer um outro tipo de teatro aquele que agora te propões fazer no «António Pedro». Ora, na minha opinião, teria sido possível criar, a par de «A Casa de Bernarda Alba» (espectáculo cuja função secundária, mas importante, consistiu em captar as atenções para o TEP, que estava praticamente esquecido), teria sido possível, dizia, levantar um ou mais espectáculos que concretizassem uma política de teatro popular, a exemplo do que estão a fazer o Atlético de Campolide ou Os Bonecreiros e que, aliás, nada tem a ver com o espectáculo Mrozek que, como se diz mais ou menos no respectivo programa, se destina **a intelectuais estúpidos** ou de chacha.

Continuemos.

Conheces o Porto há muito pouco tempo. Pouco mais de um ano. (e desse tempo, a maior parte estiveste fora), é muito pouco para poderes conhecer as pessoas de uma cidade. Por uma estranha osmose, no entanto adquiriste hábitos que estão há muito enraizados não só lá como noutros sítios. Refiro-me em especial ao hábito de dizer mal sem bases sérias; de alfinetar o parceiro sem o nomear; de fazer afirmações puramente gratuitas.

Esta: (3) **O TEP, no fundo, não passa de um «hobby» para intelectuais de província. Querem fazer os seus Júlios Dinises e outros do género sem problemas...**

Nem tu conheces o Júlio Dinis (nem precisas) nem os intelectuais de província para quem o TEP é um «hobby» (a respeito de intelectuais provincianos temos conversado...)...Sabes, por exemplo, que através da obra de Júlio Dinis é possível fazer uma leitura crítica da burguesia portuense e rural do século XIX? Não sabes: essa tua frase é consequência do que ouviste dizer precisarei de acrescentar que o risco de ser desonesto se deve correr até ao fim? Bem como o risco de ser corajoso? E tu não tens a coragem de afirmar que os directores do TEP que são simultaneamente redactores do Jornal de Notícias porque não dás o nome aos bois, hombre? deturparam propositadamente a data da estreia do vosso espectáculo com o intuito de o sabotar. Ficas pela insinuaçãozinha que assume neste caso um carácter bastante feio.

Afirmas: (8) **Interessava fazer espectáculo sem grandes complicações técnicas, que se pudessem levar rapidamente a qualquer lado junto de um novo público.**

A essa afirmação, contraponho a seguinte interrogação: pensas que o espectáculo «Pela Boca Morre o Peixe» **(Espectáculo ambíguo para dar que falar aos percevejos politizados**, do programa) serve como proposta para o levantamento e dinamização de um novo público? Tens duas respostas para esta pergunta: era o espectáculo possível e era o que tinha preparado. Aqui verificamos uma das exigências para a concretização de um trabalho eficaz no campo do teatro: tentar ultrapassar o possível (o que tu proprio fizeste e «Os Bonecreiros» com «A Mosqueta»); obrigar-se cada um ao esforço que exige uma prática responsavel.

Não quero voltar ao problema da tua saída e do grupo do TEP. E insisto em que não interessa acusar pessoas (o que tu fazes com aparente prazer utilizando mesmo argumentos que me parecem especiosos: o TEP sustentaria de facto 40 pessoas como afirmas? Não é verdade que os directores não são remunerados e fazem sacrifícios para concretizar determinadas tarefas?). Continuo a pensar que teria sido possível conciliar as perspectivas em jogo e concretizar no TEP um plano de teatro independente eficaz.

Interessa agora verificar se, consumados os factos, não é possível passar à frente: o TEP pondo em prática um programa que é, aliás, estatutário: o «António Pedro» procurando criar as bases que lhe permitam manter-se a ampliar-se (mas, atenção: tentar soluções económicas teatro com lugares a oitenta e cinco dele não é coerente, pois não?)

Dois grupos de teatro no Porto (e no Norte) estão longe de ser grupo a mais. Para isso, estou certo , podeis contar (tu e o grupo) com a colaboração da crítica. Embora **não te diga nada** (esta linguagem de vedeta que se vê obrigada a meter o rabo entre as pernas não é própria de ti, Ângel, desculpa lá o tom paternalista), bem pode a crítica contribuir, embora com a debilidade que a caracteriza, para tornar possível essa realidade. Não seria a primeira vez, como sabes.

Conheces o Fernando Pessoa. Tem ele um poema que críticos e criticados deviam saber de cor. Lembro-te:

«Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.
Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um acto ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe todos eles príncipes na vida...
Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos?
Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?»

Ângel: se aceitas o jogo desta carta, compreendes que uma vez mais não são pessoas que estão em jogo tão somente a necessidade absoluta de não aceitar determinados jogos.

CARLOS PORTO

(1) Inexplicavelmente, a revista Rádio e Televisão tomou partido contra o TEP, sem ter em conta as circunstâncias na sua totalidade. Prova-os dos dois últimos espectáculos não mereceram qualquer referência nem ao delegado da revista no Porto nem à respectiva redacção.
(2) «Pela Boca Morre o Peixe» terá mais problemas do que «O Espertalhão» ou «Vítimas do Dever»? Só o problema da ineficacia (e o da ambiguidade). Quanto ao facto de não ser uma **coisinha bem feitinha** agora é assim que se faz auto-crítica?

ernarda Alba»

FICHAS NA MESA

2,1: (Perguntas) A cerveja inventou a sede da cerveja ou a sede da cerveja inventou a dita? A publicidade moderna **inventou a semiologia (vide 2,6) das mensagens visuais ou** a semiologia inventou a publicidade? O compositor, ao escrever uma partitura, faz obra de arte ou esta existe apenas a partir da prática da arte dos sons? Mais perguntas?, pergunto. Mais perguntas, mas mais pertinentes, mais importantes?

Perguntas. No fundo, não são tantos os que gostam delas, sobretudo se as perguntas tiverem de ficar por algum tempo sem resposta. As perguntas trazem consigo a inquietação, as ondas, o risco da reflexão, sem seguro; tudo pouco prático. É melhor a bicicleta: anda sempre em frente!

Apesar disso, ou por causa disso, as «Fichas na mesa» serão por vezes formuladas em perguntas, isto é, ainda não definitivas, nem prontas para arrumar no ficheiro. Fichas, pois, suspensas, indeferidas, paradas, à espera... Paciência! Mas, como se sabe, o ponto mais central da roda, mesmo em movimento vertiginoso, é também estático, parado, aparentemente sem função, fora de jogo; no entanto, sem ele, a roda não seria roda e não andaria... em frente.

2,2: (Gaspariana) Se algum historiador futuro, um dia, quisesse descobrir os núcleos culturais em Lisboa, nos primeiros anos da década de 70, o Instituto Alemão teria assegurado um importante lugar. Personifico e apresento: Curt Mayer Clason, o animador. Personagem com a rara faculdade de admirar as obras alheias, escolhendo com saber e instinto seguros a qualidade, ganhando truculência ao falar o seu português abrasileirado ou o brasileiro aportuguesado, de cara e de portas sempre abertas, os olhos também, ultra-azuis, de figura simpática entre o Tati e um boneco articulado. Ultimamente voltou de novo à carga com poesia (concreta) e teatro (abstracto). O seu convidado teatral foi o já nosso conhecido José Luiz Gomez, actor-encenador espanhol. Chegou com Kafka em repetição e mostrou de novo «O pupilo quer ser tutor», essa belíssima peça sem texto **o jovem Handke sobre o conflito Marx-Hegel, que vimos** aliás há algum tempo feito com mérito e com talento pelos portugueses da Companhia Nacional de Navegação; também o Grupo 4 fez a montagem do primeiro texto do mesmo autor, «Insulto ao público». Mas, em verdadeira estreia, José Luiz Gomez trouxe-nos uma outra peça de Handke, «Gaspar», uma da série de «gasparianas» da dramaturgia mundial (inspiradas no curioso destino de um tal Kasper Häuser), peça esta concebida como uma meditação filosófica sobre as teorias de Rousseau (lembram-se do filme de Truffaut «O menino selvagem»?), informada por Lévi-Strauss, mas também debruçada sobre a teoria da informação **tout court**. Todavia, a peça de Handke é profundamente teatral, de «convidativa liberdade» para um encenador, como lhe chamou um crítico lisboeta. Assim, os intelectuais, os amantes do teatro e os curiosos da capital, segundo me parece, estão em regra com Handke, do qual conhecem (conhecemos) mais de metade da produção, aliás vigorosamente apresentado.

Onde quero chegar? De Handke já sabemos bastante, talvez até mais do que, proporcionalmente, por equilíbrio perfeito, seria vantajoso. Há outros.

Mas agora vejo que condensei duas fichas numa só; isto é: Instituto Alemão, sim, obrigado. Handke, por agora breve suspensão em proveito das outras descobertas, obrigado.

2,3 (H. H.) Neste suplemento e noutros, há outros (poucos?) que falam dos livros como entendidos. Lêem para comunicar o que lêem, como lêem. Neste suplemento e noutros, há então outros que falam dos livros como críticos. Eu só leio. Li (reli) o primeiro volume das obras poéticas de Herberto Helder, com o título, já sabem, «Poesia toda». Poesia toda que é toda a poesia em todas as coisas de todos os caminhos durante todo o trajecto. Herberto Helder, corredor de maratona; daí, na literatura portuguesa, o seu **novo, longo e viril discurso, a respiração esplêndida, por** vezes o silêncio dos preparativos.

Mas prometi a mim próprio uma ficha lapidar, sem «derramar» palavras inúteis, por respeito para com o verbo do poeta de ouvido quase absoluto. Uma ficha lapidar ou então um estudo com tantas páginas que nem o Colóquio.

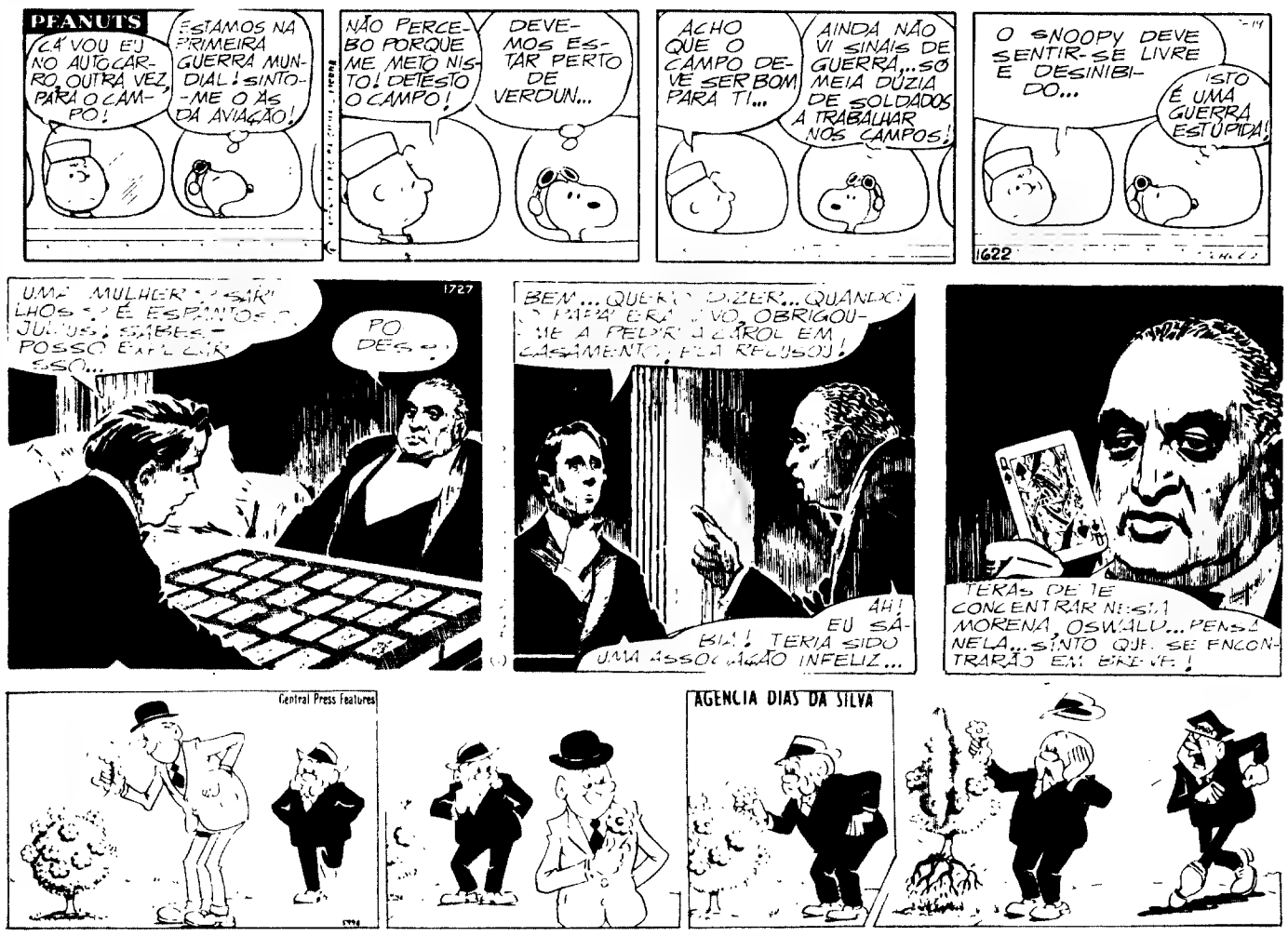
2,4 (Reciclagem visual) Falei há duas semanas numa **ficha** (1,4) **da reciclagem dos críticos literários que**, consumada a operação, se calaram. A um leitor que me perguntou o que significa a reciclagem do crítico, respondo com um **desenho, rogando ao João Abel Manta que não olhe**:

2,5: (Preparatória) A semiologia, como ontem o estruturalismo, como anteontem já não me lembro, surge como um novo termo-chave, e como tal **chave** promete abrir horizontes, balizá-los, ajudando a ver, a comprender, a reconhecer o terreno humano, a viver. Falo sem sombra de ironia. As promessas de essas e de outras noções são sérias, as propostas dignas de interesse, mas, quando feitas pelos neófitos, os novos cristãos da matéria, rapidamente podem ultrapassar o seu teor concreto e algo mais limitado, isto é, essas promessas são euforicamente messiânicas, ou então correspondem apenas à moda. Voltando atrás: a semiologia está hoje na berlinda, embora a sua elaboração já se processe há várias dezenas de anos, mais do que geralmente se supõe.

Para ver claro, aquém do messianismo e além da moda, eis um livro agora editado em português; autor Pierre Giraud, título «A Semiologia», tradução de Filipe C. M. Silva, cujo **original se lê na Colecção «Que Sais-Je?», o que é rótulo** de qualidade, de correcta vulgarização, de clareza. Aí está: sem aventura, sem pesquisa pessoal, sintético, informativo, cartesiano. Nem mais. Nem menos. 40 escudos. Quando acabarem de ler aquela centena e meia de páginas rápidas, **digam ou façam saber, f. f. Porquê? Para depois continuar** o que é hoje apenas uma ficha preliminar, preparando as outras possíveis.

JORGE LISTOPAD

David Walters, da Universidade de Buford, resolveu vestir-se de super-homem para a cerimónia da sua formatura

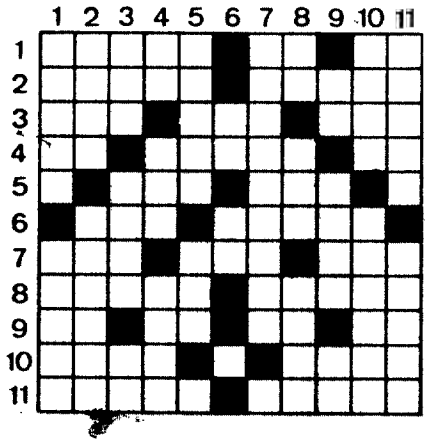


PASSATEMPOS CRUZADOS

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10436

HORIZONTAIS:

1 Nome de peixe. Artigo definido. Interjeição que exprime admiração
2 Avivar o lume. Engulo (pop)
3 Nome de homem. Rema para trás. Ruído
4 Tempo do verbo ir. Fadiga. Nota musical
5 Artigo definido. Região árida do Noroeste da Índia. Pronome demonstrativo.
6 A favor de. Animação (fig.).
7 Greda branca. Oceano. Bondoso
8 Ser humano. Espécie de ave de rapina que vive na África
9 Artigo definido. Prefixo de negação. Ruim. Hólmio (s.q.)
10 Undécimo mês do calendário arabe. Tempo do verbo ser. O mesmo
11 Sabor picante. Pontal de areia em frente de Setúbal.



VERTICAIS:

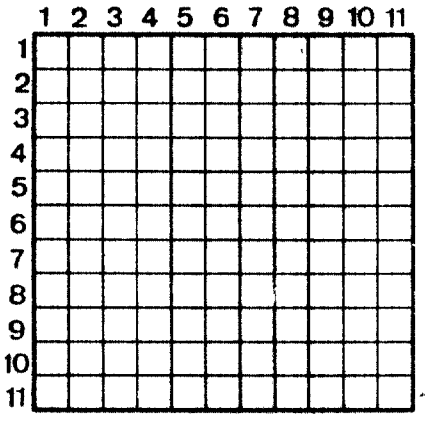
1 Idiota. O mesmo que planura
2 Trata por tu. Escrever em prosa
3 Monarca. Carruagem. Idem
4 Gálio (s.q.). Animal doméstico. Enguia
5 Avaliar. Três mil em romano
6 Prefixo de negação. Cálcio (s.q.)
7 Causar a magastamento a
8 Senhor. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Tombar
9 Campeão. Jogo popular. Contracção da preposição de com artigo definido
10 Grande afeição. Tapeçaria. Rotina
11 Varão. Freguesia do concelho de Sátão

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO ne e inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6593

HORIZONTAIS:

1 Capital da Bulgaria. Murchas
2 Parte do lombo dos bovinos entre a pá e o cachaço. Escarneço
3 Camareira. Trocar.
4 Cantigas. Serra de Portuga
5 Doença de pele contagiosa, acompanhada de grande prurido. Logro
6 Suspiros. Chefe etíope.
7 Ruim. Manuscrito. Antes do meio dia. Miriare (abrev.)
8 De entrada (o barco). Girar
9 Religião. Pronome possessivo. Composição poética.
10 Tecido finíssimo de Bengala. Samário (s.q.)
11 Bebida alcoólica da Índia. Tangia



VERTICAIS

1 Carumas. Mancha na pele dos animais
2 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Nome que os Egípcios davam ao Sol. Desmontar
3 Golpeara. Montão
4 Prefixo de negação. Valor. Antes de Cristo
5 Guarnecesses de asas
6 Letra grega. Interjeição de dor
7 Poisara no mar (o avião)
8 Preposição. Guarneço de arames. Solitário
9 Correias. Doméstica
10 Aguçar. Madeira (abrev.)
11 Trabalha ao serão. Delicada

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10435

HORIZONTAIS	VERTICAIS:
1 Auras. Togas	1 Agarra. Sapa
2 Grana. Arola	2 Ur. Todarias
3 Loa. Ler	3 Ralar. Agá.
4 Rias. Mato	4 Anos. Avara
5 Ró. TAL. Mor	5 Saa. Tiara
6 Ad. Airão. Rã	6 Bar. Fé.
7 Alva. Ger	7 TAL. Laçar
8 Sr. Armão. Ac	8 Orem. Oro. Ac
9 Alara. Adu	9 Goram. Amo.
10 PAGA. Amar	10 Al. Torradas
11 Asa. Descosa	11 Saloia. CURA

Proverbio: TAL PAGA, TAL CURA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6592

HORIZONTAIS.	VERTICAIS.
1 Acede. Lagar	1 Alapa. Clave.
2 Lage. Reli	2 Cadima. Oras
3 Ad. Com. Rim	3 Ugara. Unida
4 Piras. Oraso	4 Do. Aros. Air
5 Amara. Ratas	5 Coaras. Aá
6 Or. T	6 Po. Ab
7 Usa. Aio	7 Montar. Ga
8 Ion. Sai. Ure	8 Ar. Cal. Aer
9 Ária. Atue	9 Gerar. Outra
10 Vadia. Gerar	10 Alisar. Ruar
11 Asara. Arara	11 Rimos. Moera

os Kolans

LIVROS RECEBIDOS

EDIÇÕES 70

O OURO DOS ALQUIMISTAS
EJacques Sadoul
Tradução de Maria Teresa Poças
Colecção Esfinge .. n.º 3

EDITORES ASSOCIADOS

JUBIABÁ
Jorge Amado
Colecção Livros Unibolso .. n.º 8

EDITORIAL ESTAMPA

OS DEMÓNIOS DE RANDOLPH CARTER
EH. P. Lovecraft
Tradução de Jorge Silva Melo
Colecção Livro B n.º 17

EDITORIAL FUTURA

COMPUTA, COMPUTADOR, COMPUTA
DMillôr Fernandes
Colecção Nova Visão .. n.º 13

EDITORIAL PRESENÇA

DIALÉCTICA E CIÊNCIAS HUMANAS .. II
Lucien Goldmann
Tradução de Margarida Garrido e José Vasconcelos Esteves
Colecção Biblioteca de Ciências Humanas .. n.º 25

A SEMIOLOGIA
EPierre Guiraud
Tradução de Filipe C. M. Silva
Colecção Biblioteca de Ciências Humanas .. n.º 24

HISTÓRIA DA IDADE MÉDIA .. 3.º vol.
C. W. Previté-Orton
Tradução de Carlos Grifo Babo e Maria do Carmo Cary

LIVROS DO BRASIL

O HOMEM SEM QUALIDADES
Robert Musil
Tradução de Mário Braga
Colecção Dois Mundos .. n.º 115

O HOMEM QUE PINTAVA AS ESTRELAS
Lan Wright
Tradução de Eurico Fonseca
Colecção Argonauta .. n.º 192

O MEDALHÃO PERDIDO
Nicholas Blake
Tradução de Maria do Carmo Pizarro
Colecção Vampiro .. n.º 311

LIVROS HORIZONTE

CAMÕES
Almeida Garrett
Introdução de José-Augusto França
Colecção Horizonte Clássicos .. n.º 1

DO PORTUGAL DE ANTIGO REGIME AO PORTUGAL OITOCENTISTA
Albert Silbert
Tradução de José Raimundo Correia de Almeida
Colecção Os Nossos Problemas .. n.º 3

LIVROS SEM EDITOR

MUNDOS SIMULTÂNEOS
António Augusto Menano

MORAES EDITORES

FORÇAS E FRAQUEZAS DA MEDICINA E DO HOMEM
Jean Hamburger
Tradução de Maria Manuela Fazenda Martins
Colecção Temas e Problemas

SEDES: DOSSIER 70/72
Emílio Rui Vilar e António Sousa Gomes
Colecção Actualidade Portuguesa .. n.º 9

PADRES, PARA QUÊ?
Hans Küng
Tradução de Maria da Graça Sousa Monteiro de Carvalho
Colecção Linha de Risco

SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM PORTUGAL
Rogério Fernandes
Colecção Hoje e Amanhã

TRANSPORTE NO TEMPO
Ruy Belo
Colecção Círculo de Poesia n.º 58

LIVROS DO BRASIL

«O Homem sem Qualidades», de Robert Musil, é justamente considerado um dos romances fundamentais do nosso tempo, e a sua publicação vem mostrar que o público português se tornou mais exigente e desejoso de se colocar lado a lado com o público dos grandes centros culturais do mundo.

NOTICIÁRIO EDITORIAL

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

A conhecida e notável antropóloga branca Margaret Mead e o grande escritor negro James Baldwin reuniram-se para discutir o tema «Racismo e Sociedade». A conversa prolongou-se por três sessões e desse diálogo cuidadosamente registado nasceu o livro «A Rap on Race», cuja tradução portuguesa, sob o título «O Racismo ao Vivo», foi recentemente publicado por Publicações Dom Quixote. O diálogo cobre toda uma vasta área de problemas penetrantemente aprofundados: o racismo e o sexo, política e violência, religião, poder e a corrupção.

27 MAIO
DIA DA MÃE
DIGA-O COM FLORES...
E OFEREÇA UM RELÓGIO

CAUNY

O RELÓGIO SUIÇO PREFERIDO POR MILHÕES DE POSSUIDORES

AUTOMATICOS - CALENDARIOS - EXTRAPLANOS - ANTICHOQUES

NA SUA FABRICAÇÃO SE EMPREGAM METAIS DA MAIS ALTA QUALIDADE

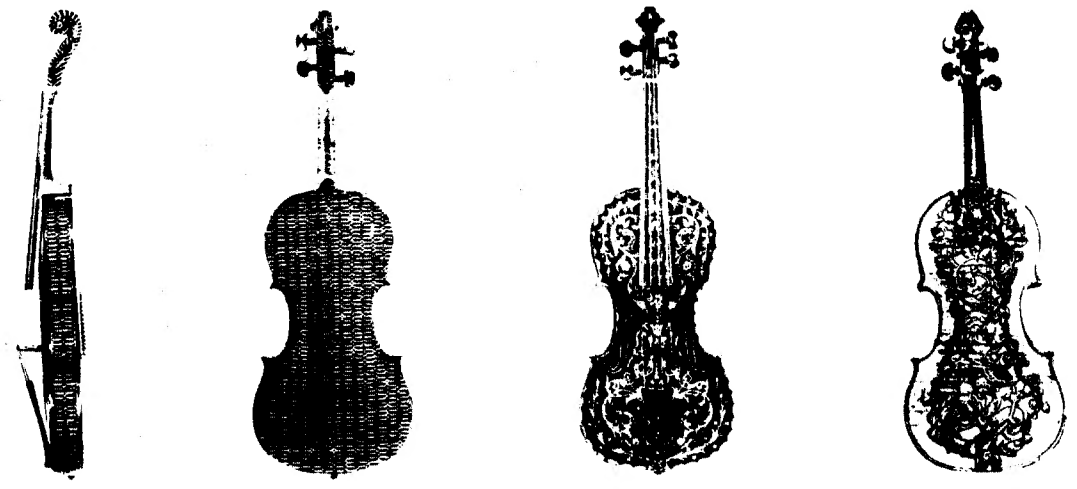
CONTROLADOS POR EXPERTOS RELOJOEIROS COM OS MAIS RECENTES APARELHOS ELECTRONICOS

CAIXAS ESPECIALMENTE DESENHADAS

NOSSA REFERÊNCIA: 600 CONCESIONÁRIOS NO MUNDO

SUBMERGIVEL 100% - MOLAS QUE NÃO SE QUEBRAM CRONOMETROS

UM NOME - UMA QUALIDADE - UMA GARANTIA



Algumas considerações acerca da profissão de músico em Portugal

Parece ser ponto assente em todos os códigos de moral social que é dever de cada indivíduo, como parte integrante de uma sociedade, contribuir com a sua quota parte para a transformação dessa mesma sociedade. Isto em função do grau de consciencialização do lugar que nessa sociedade ocupa, e que, para nos socorrermos duma comparação um tanto grosseira, encontra certos paralelismos com o que se passa a nível estritamente biológico entre um ser vivo e cada célula que o compõe.

Este simples enunciado coloca-nos já perante duas espécies de problemas:

por um lado, o nível cultural e a valorização profissional do indivíduo,

por outro lado, as suas relações (relacionações) a vários níveis com a sociedade em que se insere, profissional, ideológico, político, etc., e a sua integração nos diferentes circuitos da produção e do consumo.

Não deixa também de ser ponto assente que a arte em geral, e a música em particular, deixou de ser considerada actividade sumptuária, privilégio duma classe dominante, para assumir um carácter de verdadeiro serviço cultural público; por outras palavras, cabe-lhe um papel preponderante na própria transformação do homem, dando-lhe uma visão recriada de si, e actuando por relações de causa e efeito sobre a realidade envolvente.

Depois de expostas estas considerações de ordem geral, pode facilmente deduzir-se que o músico-intérprete será um intermediário na difusão duma matéria cultural (excluímos desta análise a entidade cómpositor, por constituir elemento estatisticamente nulo no nosso país, e também, por comodidade, aqueles músicos profissionalmente integrados no circuito comercial duma certa música «funcional», mas cujas ambições, por via de regra, não irão muito além do passatempo).

Que se passa portanto entre nós com este tipo de músico intérprete (violinista, violetista, violoncelista, pianista, cantor, etc.) que durante longos anos de aprendizagem num conservatório orientou os seus anseios, em regra e por via de um ensino estereotipado, para o modelo acabado do solista de ribalta?

...Acabado o seu curso, ou interrompido a meio por necessidades de sobrevivência, desceu o primeiro degrau da escada das desilusões ... aqui e sempre desilusão será sinónimo de falta de consciencialização ... e, na melhor das hipóteses, entrou ao serviço de um dos três patrões da música em Portugal: a E.N., o Serviço de Música da Fundação Gulbenkian, e recentemente, a C. M. L., através do Teatro São Luiz e da Orquestra Filarmónica de Lisboa.

É evidente que nos referimos aqui somente àqueles músicos cujo nível foi julgado suficiente em concurso para ingresso numa das orquestras, uma vez que nem o diploma só por si é condição de admissão, nem tão pouco a falta dele é razão impeditiva do seu ingresso. O que de resto não se compreende lá muito bem. Para que servirá então o diploma do Conservatório Nacional?

... Em qualquer destas orquestras, no entanto, pode-se ganhar a vida: salário certo ao fim do mês, palmas «certas» no fim dos concertos; enfim, uma certa realização profissional e humana que até faz esquecer por vezes a luta diária contra a concorrência, a inveja por parte de camaradas, a marginalidade por parte das instituições e a sobranceria por parte dos maestros: estes os únicos juízes (parciais) do seu trabalho, e os informadores secretos, junto dos dirigentes, de todas as suas formas de comportamento.

Aqui começam a desmoronar-se aqueles sonhos de glória fácil, a cair por terra conceitos artísticos do tipo romântico oitocentista instilados na escola e orientados para o culto dum vedetismo ultrapassado do «artista-torre-de-marfim», e cujos efeitos talvez ainda sejam mais notórios numa certa classe de cantores, e particularmente de maestros, uns e outros, mercê de uma actividade específica, realizados como vedetas!

... Em gíria de orquestra, e ilustrando posições típicas de um certo público, costuma dizer-se que «se o concerto foi bom, é porque o maestro é excelente; se foi mau, que podia o maestro fazer com tal orquestra?!» Isto define, em síntese, mais um aspecto negativo dum vedetismo, cujo espírito continua infelizmente ainda bastante enraizado entre nós.

No meio desta barafunda, desta luta de interesses, e dentro de um organismo tão «sui generis» como é uma orquestra sinfónica (que se compõe em média de 80 executantes), o músico começa a pensar (quando começa!, e oxalá acabasse sempre por...)

... Podem assaltá-lo interrogações do tipo das que se seguem, as quais naturalmente ficarão sem resposta. Porquê este compositor e não aquele outro? Porquê música daquela época, e não desta nossa? Porquê tocar para este público e não para um outro? Porquê concerto-missa-mistério, e não concerto-fruição-diálogo? Porquê esta espécie de arte-rotina, e não uma outra espécie de arte-vida?

A orquestra aparece-lhe então como uma parede de museu, onde estão penduradas obras do passado, e ele próprio como um elemento anónimo, apático e sonolento que contribui involuntariamente para a «fixação do quadro», do «grande quadro» duma sociedade que se quer imutável.

Que vamos no entanto encontrar por detrás desta parede? O poder de decisão, a capacidade de realização.

À orquestra, como conjunto de vontades individuais, não lhe é concedido o direito de participar em maior ou menor grau (v. g. através duma comissão interna eleita) na elaboração de programas, escolha de maestros, nem até no exercício dum certo poder disciplinar aos próprios músicos ... à semelhança do que sucede em organismos congéneres em determinados países ... numa palavra, participar, embora em grau reduzido, na gestão do «negócio».

Sendo a orquestra quem melhor se poderá aperceber das qualidades e defeitos dum maestro através do trabalho nos ensaios, não é jamais auscultada a sua opinião acerca deste ou daquele director, desta ou daquela forma de trabalho. Esta posição por parte dos dirigentes só pode logicamente conduzir ao marasmo, à rotina, ao tanto-faz; e o músico, que deveria ser elemento vivificador e transformador duma sociedade (como todo o artista, de resto), agente difusor duma forma de cultura, desinteressa-se por uma «realidade» que o ultrapassa, enrosca-se sobre si mesmo, e perplexamente passa a considerar a sua actividade como uma forma de ganhar a vida tão «honesta» como uma outra qualquer.

Trata-se no entanto de um trabalho altamente especializado, o qual em termos de oferta e procura não tem a consequente contrapartida salarial no mercado de trabalho, uma vez que para as necessidades musicais internas houve já e há muito que recorrer «à mão-de-obra» estrangeira: trabalham neste momento em orquestras de Lisboa cerca de 50 músicos estrangeiros. Não será difícil extrair algumas graves ilacções do que acima fica exposto, se se considerar que a maioria desses estrangeiros aufere salários mais elevados que os seus colegas nacionais.

Ao músico é-lhe no entanto exigido, e é-o antes de mais pela sua própria consciência profissional, que tecnicamente se mantenha em forma. É que os anos de experiência, que em qualquer outra profissão são garantia real de consideração e prova de competência, neste caso, e sobretudo a partir duma idade em que o desgaste nervoso e o embotamento dos reflexos começam a comprometer a agilidade muscular, tornam-se motivo de despromoção e quebra de prestígio, para não falar na reforma pura e simples, com o seu cortejo de frustrações de toda uma vida votada ao serviço não se sabe de quem.

Mas não terá o músico, como qualquer outro trabalhador, possibilidades de se defender, p. ex., a nível de organização sindical? É o que iremos tentar analisar num próximo escrito.

ANTÓNIO OLIVEIRA E SILVA

Três músicos portugueses abandonam a Orquestra Gulbenkian

Em consequência do não cumprimento de cláusulas dos respectivos contratos individuais de trabalho três músicos da Orquestra Gulbenkian resolveram pôr termo aos seus contratos, deixando de prestar serviço na Fundação.

Segundo julgamos saber, tem-se vindo a gerar um mau ambiente de trabalho, ajudizado depois da entrada em funções do mestro titular alemão, Werner Andreas Albert, que, numa tentativa destinada a favorecer ainda mais as condições dadas aos músicos estrangeiros, levantou processos disciplinares a músicos portugueses.

A Gulbenkiam e os seus artistas

Foram despedidos os músicos de orquestra António de Oliveira e Silva e Álvaro Aristides Leite Machado, tendo a Gulbenkian invocado justa causa, e demitiram-se por lhe terem sido criadas condições injustificáveis (descriminação salarial em relação a estrangeiros de qualidade inferior ou duvidosa), Manuel João Afonso e Maria Lucia Afonso.

Por estranha coincidência três destes elementos fizeram parte da comissão sindical eleita para tratar do acordo colectivo referente à orquestra.

Notícias publicadas no jornal «República» e no semanário «Notícias da Amadora»

J. Pimenta SARL

um símbolo

LOCAIS ONDE CONSTRUÍMOS, VENDEMOS

OU ALUGAMOS APARTAMENTOS MOBILADOS

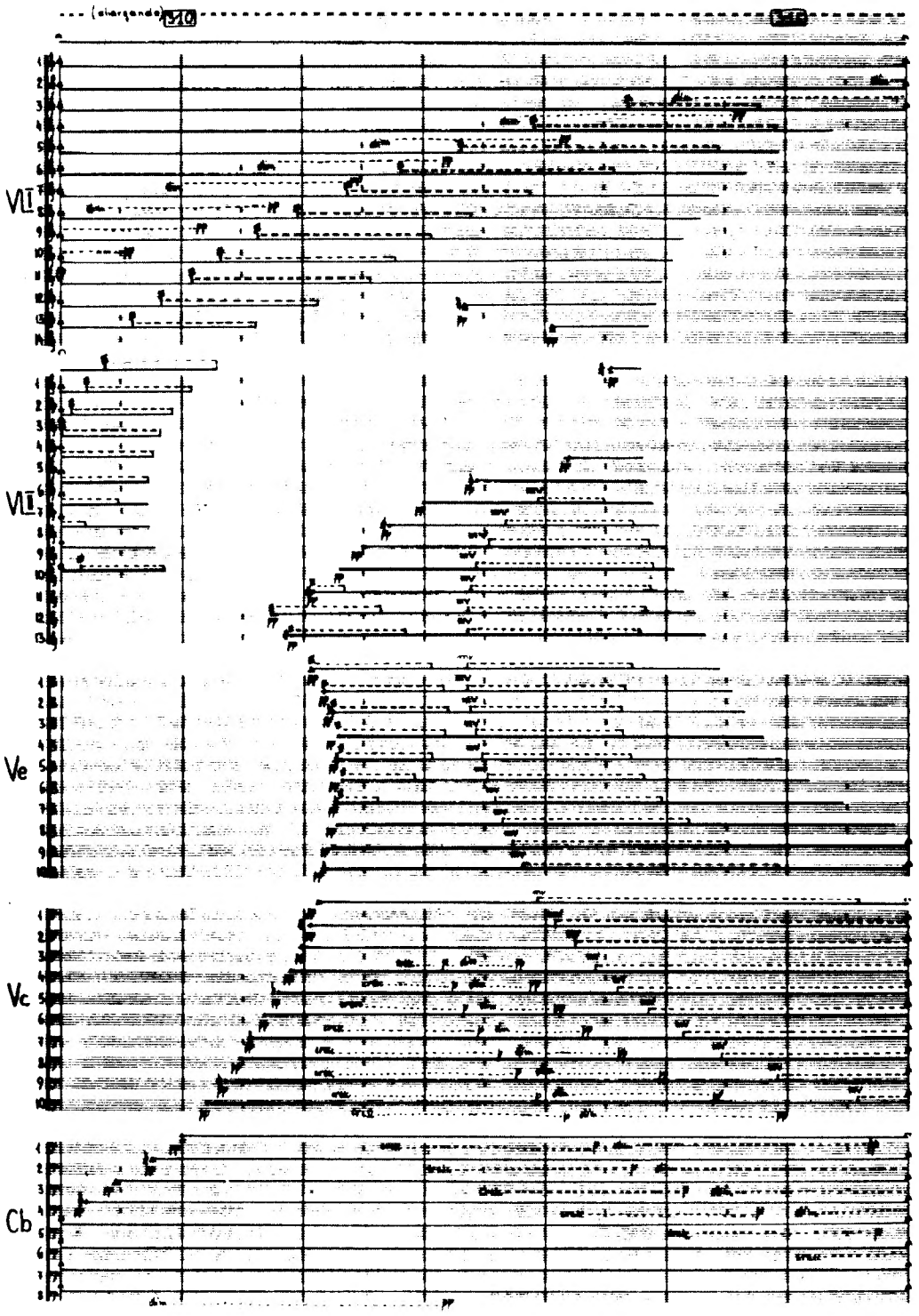
- QUELUZ
- SESIMBRA
- CASTELO BRANCO
- SACAVÉM
- ALAPRAIA
- ALGARVE
- AMADORA
- CASCAIS
- COIMBRA
- FIGUEIRA DA FOZ
- LISBOA
- PAÇO DE ARCOS
- PAREDE
- PORTO
- REBOLEIRA NORTE
- REBOLEIRA SUL
- VENDA NOVA

Lisboa - Praça Marquês de Pombal, 15 - Tel. 4 58 43 - 4 78 43

Queluz - Edifício Sede, Av. António Enes, 25 - Tel. 95 20 21/2

O terreno e a prática: A ambiguidade de trajectos da música portuguesa

II-CERTOS NOMES, TRANSCRIÇÕES E FINAL



Concluía-se portanto do escrito anterior pela necessidade de um saudável corpo vivo e organicamente empenhado numa concepção inteligente do futuro da música deste país. O que não se pode aguardar como solução do destino, mas se deve exigir como justo corolário da alteração a verificar nas circunstâncias que por aí quotidianamente forjam a mediocridade reinante. E pedia a criação de uma Faculdade de Música que começasse a representar a vanguarda do pensamento científico da música, tratamento tal de que esta não tem experiência por entre fronteiras.

Será todavia que nos vem faltando a vontade e coragem para decididamente tomar de assalto as capelas de falsas imagens da arte? Não nos sobra o génio da ópera, da musica de câmara ou da sinfonia? Ou a estratégia é fraca de generais iconoclastas?

. A seu tempo tivemos Bontempo, «um grande mestre sem discípulos, quer porque a sua doutrinação ou, antes, a sua acção pedagógica não possuísse a força ou a eloquência suficientes para produzir os desejados frutos, quer porque o terreno onde estes deviam amadurecer era ingrato. O drama, se assim lhe podemos chamar, de Bontempo e da sua doutrinação foi este: pretender implantar o culto das formas musicais sérias e elevadas num meio dominado pela frivolidade e pelo superficialismo. (...) Domingos Bontempo aparece-nos, ainda assim, senão como a figura de maior envergadura da nossa história musical dos séculos XVIII e XIX, pelo menos como a mais significativa e uma das poucas que ainda hoje para nós pode ter o valor de um símbolo». Escreveu-o Fernando Lopes Graça, que prosseguia: «Bontempo, porém, não teve continuadores.» Quem temos, quem temos nestes nossos dias de confusão?

. Lopes Graça é **a figura** de artista e homem contemporâneo de forçosa citação quando se trate de dar volta a esta música. É um criador de ofício dignamente aprendido e exercido. E aquelas palavras, dadas a público em conferência no Conservatório de Música do Porto em 1943, são ainda expressão de uma certa nostalgia «do nosso génio musical, se é que o possuímos... (...), criarmos alguma vez a **música portuguesa** que por ora não temos, ou que não tem ainda aquela unidade orgânica, aquela coesão, aquela consciência, poderíamos mesmo dizer, aquele imperativo moral, que caracterizam toda e qualquer verdadeira cultura ou determinado aspecto desta.» (Mesmo lugar, **Criação e Crítica na Música Portuguesa** in **F. L. G., A Música Portuguesa e os seus Problemas,** livro de 1944 e de leitura sempre fundamental.)

Nostalgia consequente de condições objectivas de que o compositor lucidamente se dá conta, condições manifestas na falha de uma tradição e no decorrer de um passado que foi incapaz de criar uma linguagem musical solidamente estruturada. Contudo é o próprio exemplo moral do próprio Lopes Graça, então homem de trinta e oito anos, que nos desaconselha qualquer forma de desistência. Ele criava já à altura **música portuguesa**, e não viria a abandonar uma atitude de intransigência perante a **facilidade de costumes** na arte e na vida. A sua obra de partitura e de livro, um prolongado gesto de re-animação cultural, ep um factor de tradição. Fernando Lopes Graça, um universitário de grande recorte por uma lição de integridade espiritual e de carácter.

O pensamento culturalista tem expoente em João de Freitas Branco, o actual director do Teatro Nacional de S. Carlos. Isto, na descendência de uma profunda dotação musical presente num homem inteligente. Herdeiro da larga intenção de seu pai Luís de Freitas Branco e de Viana da Mota, é uma personalidade de participação desejada num movimento de identificação da música actual. A sua formação paralela de matemático permite vê-lo também na linha de investigação e exposição do tratamento avançado hoje lá por fora dado, sistematicamente, ao fenómeno musical. E, se o seu labor de tradução dos cálculos do Ostrowski para a Fundação Gulbenkian me mereceu a melhor consideração, mais grato me seria o emprego de tal tempo na redacção de uns Elementos de Matemática para Músicos (como os há para médicos ou economistas), o que é a minha opinião, está claro. O que bem preciso seria para entender o Xenakis que, como Penderecki (apresentado na ocasião pelo dr. Freitas Branco), também vem ao auditório da Praça de Espanha. Mas salvas sejam as distâncias entre aqueles dois e já agora permita-se o a-propóstio seguinte, é que tenho notícia de juízo idêntico ao meu, sobre o ilustrado católico polaco, pela leitura de um importante texto de Konrad Boehmer (o autor do excelente **Repressieve Kunstpolitik**) — compositor e crítico em **Vrij Nederland** — onde ele aparece como um reaccionário a passar por revolucionário por obra de empresários da cultura, vanguardista de fachada e compositor de deficiente imaginação e concepção estrutural de principiante. Assim mesmo, **fiat lux!** Não chega escrever litania sobre Hiroshima para se ser poeta, como não basta ter a **Guernica** pendurada na parede para sentir os sofrimentos da humanidade...

João de Freitas Branco que escreveu «Monstruoso é com certeza todo o sistema social que não proporcione, na mais larga escala possível, a educação e fruição artísticas de ordem superior» (para o inquérito de Eduarda Dionísio, Almeida Faria e Salgado de Matos, **Situação da Arte,** 1968) e de quem os **Alguns Aspectos da Música Portuguesa Contemporânea**, livrinho decerto presente na feira, são das poucas coisas que há a ler e reflectir com proveito sobre o assunto.

Chegava-se às tantas, diga-se de passagem, naquele inquérito junto de artistas e intelectuais portugueses, a esta conclusão de comentário (pág. 415):

«a) O facto de não haver uma educação musical em Portugal faz com que pareçam ainda mais específicas as leis da linguagem musical, desconhecidas do grande público;

«b) O facto de massas relativamente grandes (em comparação com outras artes) acorrerem a concertos e a festivais denota não tanto uma necessidade cultural como o snobismo e a certeza de que a música é a menos 'perigosa' das artes.»

Observação final de inteira pertinência que dá mostras de uma alienação espalhada por criteriosos e iludidos e desiludidos, a perpetuar uma ruptura sem remédio enquanto tratada a cuspo.

São particularmente sintomáticas as declarações prestadas por Jorge Peixinho no inquérito, mas de um confessionalismo longe do tom pretensioso que viria a assumir poucos anos depois na infeliz entrevista dada a Gastão Cruz na revista (já extinta) **Crítica**. Se há pontos em que **parece** afirmar um entendimento equilibrado de realidades adversas (**a ele ou à música?**), outros há que referem uma imaturidade e uma desinteligência a par e passo. Que dizer de «não há qualquer relação directa entre a minha actividade criadora e o público. E que espécie de reacção espera do público um artista criador? Posto de parte o medíocre afã pelo êxito momentâneo, o artista pode visar polemicamente um outro tipo de reacção: o escândalo. (...) Não é a obra de arte que deve atingir o público, mas sim o público que deve atingir a obra de arte. (...) Creio, muito simplesmente, que me considero desenraizado na sociedade portuguesa. Posso comungar de muitas das suas angústias e de muitas das suas esperanças, mas tudo isso não anula o quase trágico isolamento e dissociação em que se encontra o meu «processo de criação» em relação a **toda** a realidade portuguesa — terrivelmente insular, antieuropeia ou simplesmente a-europeia». Que dizer? Em primeiro lugar que o transcrevo por se me afigurar estado de espírito latente ainda nas vindas a público do compositor. Em seguida, Peixinho pensa então como **a outra** alternativa do sucesso de ocasião, o escândalo? Seriam estas as formas de relação directa com o público e que ele afasta. (Embora «considere extremamente divertidas as reacções de indignação incompetente por parte de certos sectores do público».) Mas como ver a questão diversamente, no plano da relação indirecta pois, já Peixinho admite a posição do público a interessar-lhe para uma criação colectiva, para a arte só finalmente atingível através do fruidor.

Ora, o que ressalta é um escolástico emprego de distinções ociosas, a esconder uma realidade bem singela. A arte, para que possa surgir de um ou vários em todos, íntima condição de autenticidade, pressupõe o domínio, pelo conjunto, das regras que a possibilitam. Veja-se o exemplo da literatura: creio que é incontestável o facto de que para **sentir** Aquilino ou Thomas Mann, em seu original, é, desde logo e primariamente, preciso falar e (ou) ler o português para aquele, o alemão para este. Complementarmente, o conhecimento mais ou menos profundo da construção sintáctica ou simgológica de qualquer das línguas, traz níveis de leitura mais ou menos compreensivos. Mas, torna-se não muito obscura a razão que aqui se adianta, pois não se exige, em todo o caso, o talento da invenção para tal sentimento. Com a música passa-se algo de curiosamente similar, assim um primeiro grau do seu entendimento correcto tem de certificar uma aptidão de base para a falar e ouvir, isto é, lê-la. É o que a gíria dos músicos chama **solfejo**. É de transcendência igual à da aprendizagem das primeiras letras. Costuma prender-se aqui a questão do **ter ou não ter** ouvido, que tradicionalmente deu origem a verdadeira divisão de classes: **desafinados e afinados**. Aqueles, os da terceira voz (ou quarta ou coisa que o valha, era nomenclatura do meu cónego de canto coral), já se vê, não têm licença de cantar em público. E pronto. Siga a marcha da vida, que a vida é assim mesmo. Ora, esta enormidade pedagógica, que aí ainda dá sentido ao pensar de muita gente, é daqueles prejuizos (lógicos, morais e económicos) a arredar ao empurrão. A não ser no campo da patologia, não se encontram analfabetos por destino, na música ou nas letras. Continuando porém. Adquiridas as noções primeiras, cada qual prossegue pelo violino e pela harmonia, pelo piano e pelo contraponto, pelo canto e pela composição, por onde se sentir melhor, que ao fim e ao cabo a arte é um bem estar (mesmo no mal estar). Agora, onde é preciso insistir é em reconhecer esta necessidade, a da familiaridade com as regras do jogo por parte de quem está presente, não está em causa conseguir os lances, mas, em última análise, compreender como eles foram conseguidos, numa perspectiva de enquadramento crítico da habilidade alheia. E o mínimo de regras de jogo da música inclui **rigorosamente** desde o solfejo, os preceitos elementares de análise, a abertura à história e à sociologia. Qualquer relação, directa ou indirecta, a estabelecer entre o público e o artista é frustrada na ausência daquele mínimo. Pode objectar-se que aquilo que tem lugar é uma reacção atávica e instintiva à obra apresentada, e que aquela maioria que não estudou a tal gramática de base nem por isso deixa de a perceber esteticamente pela audição. O que não procede como exacto. O público, a quem é dado **algo** a ver e ouvir, vai até onde lho permite a **opacidade** do objecto, sendo precisamente num espectro de opacidades que o objecto se determina como forma mais ou menos dominante e ganha um maior ou menor brilho de feitiço.

Só uma aproximação gradual, através do estudo sistemático das leis **ignoradas ou pressentidas** (em toda a hipótese presentes objectivamente) da estrutura da obra em jogo, permite ao público obter um **somatório de significados**, que representa a sua relativa libertação das mitologias emergentes da sua falta de atenção e análise do objecto. É por isso que a fundamental obrigação de um artista perante o público é de ordem pedagógica, ou seja, fazer jogo limpo com ele, não lhe escamoteando as regras. Outro aspecto, é o da comparticipação na obra a criar; é uma forma possível, entre outras. O que de essencial fica é que o espectador possa atingir o sentido das intenções que lhe anunciam, tarefa e moralidade que o artista não pode alhear.

Talvez a única estrada real entre os caminhos infinitos da Arte.

CUNHA DAIRE

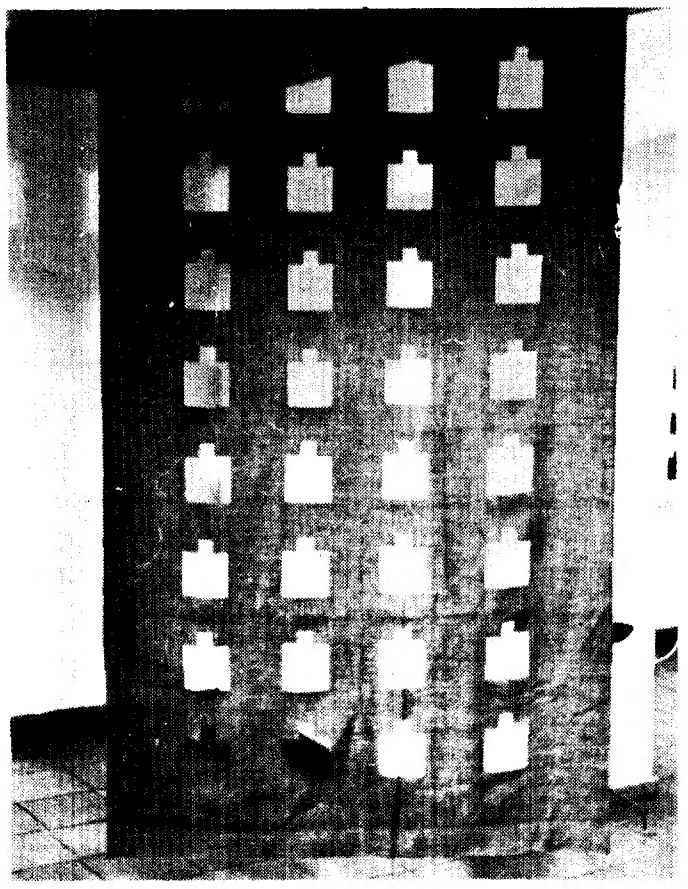
Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

PINTURA, ANTIPINTURA, EXPERIMENTAÇÃO

Em Portugal estamos, ao que parece, a regressar ao quadro de cavalete, no que seguimos aliás muito boa gente. Apenas, porém, com a agravante de que nunca o tentámos sequer abandonar a sério, nunca tendo colectivamente (no «mundo das artes», entenda-se) meditado sobre esse problema. A nossa antipintura, se é que realmente existe ou existiu, tem sido igual aos 90 por cento da nossa pintura, uma brincadeira mais ou menos formalista. Talvez seja essa a única possível entre nós, e mesmo a nossa imigração conhecida, ressalvando o caso de Lourdes Castro, pouco ou nada tem que ver com tais problemas.

Acontece, porém, que duas exposições simultaneamente presentes em Lisboa vêm repor entre nós alguns problemas ligados com a antipintura possível, com uma agudeza que creio inédita, pelo menos num dos casos. Uma das exposições, a de Miguel Yeco, apenas a aflora, aliás dentro de uma reafirmação do quadro de cavalete; a outra, a de Pires Vieira, vai, a meu ver, bastante mais longe e é, sem dúvida, das mais interessantes exposições (ia a dizer importantes, mas era apenas lapsus linguae) que me foi dado ver este ano



PIRES VIEIRA

MIGUEL YECO

ACRÍLICOS, TÊMPERAS E AGUARELAS NA GALERIA JUDITE DACRUZ

«3. Uma certa maneira de pintar. Partir com os materiais mais dissemelhantes possíveis. Reunir, integrar fenómenos de carácter novo e antigo sem relações aparentes uns com os outros. Ver relações, dar a ver relações...»

Esta terceira parte de um texto-montagem de Miguel Yeco (a partir de textos ou de frases de Paul Klee, Karlheinz Stockhausen, Lau-Tseu, J.M. Le Clézio, Henry Miller, John Cage, Michel Portal, Bob Wilson) define, a meu ver, as intenções do seu trabalho actual, que surge como sendo uma busca-inventário de elementos (formais) da pintura, como que numa investigação de um vocabulário de base, com inúmeras citações, aliás voluntárias, dos «mestres» da pintura moderna (Kandinsky, Klee, Matisse) para construir um «espectáculo» inteiramente novo; por outro lado, esta acumulação de citações não vai também sem uma busca (formal) da unidade (formal) do quadro, que é dada, nalguns casos, por uma simples repetição ou valorização de um elemento que organiza em torno de si todo um aparente caos visual («Accumulations Géometriques» ou «Withe River in Men's Land» são disso bons, embora bem diferentes, exemplos).

Inventário de possíveis pesquisas a desenvolver futuramente, a pintura de Miguel Yeco vai até à antipintura no único «sem título» da exposição, o que é significativo, uma serapilheira esfiapada estendida sobre uma tela pintada de negro com a superfície organizada em paralelas brancas que a vão quadriculando, o que também pode ser uma citação (do nipo-americano Arakawa, porque não?), assim como a serapilheira o pode ser também. Porém, em dois outros quadros (é sempre de quadros que se trata), a mesma superfície quadriculada é, primeiro, numa barra vertical, depois na parte inferior, invadida por um formulário decorativo-vegetalista com o significativo título de «L'arrivé de l'homme» (I e II).

Juízo de valor? tomada de posição?

Creio antes que Miguel Yeco pára, como eu, no ponto de interrogação, dado o aspecto de pesquisa-inventário que dá à sua exposição: torna-se também possível que o estímulo (económico) que poderá receber na sua terra (Miguel Yeco vive em França) o leve, sobretudo, a desenvolver os aspectos mais decorativistas do seu trabalho.

PIRES VIEIRA

GALERIA DE ARTE MODERNA DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES

Ao contrário de outros textos que são extremamente influenciados pelo conhecimento prévio que tenho dos trabalhos ou, raramente, das pessoas que os excutam, no caso presente, para além dos objectos expostos, fico apenas a saber o que o autor quis que se soubesse, ou seja, «3/16 Maio 1973 Pires Vieira Galeria de Arte Moderna SNBA Lisboa», única informação que de si mesmo dava, por três vezes repetida, numa tira de papel. Nem datas, nem curriculum, nem opiniões próprias ou alheias, nem manifestos: os trabalhos apenas e um nome.

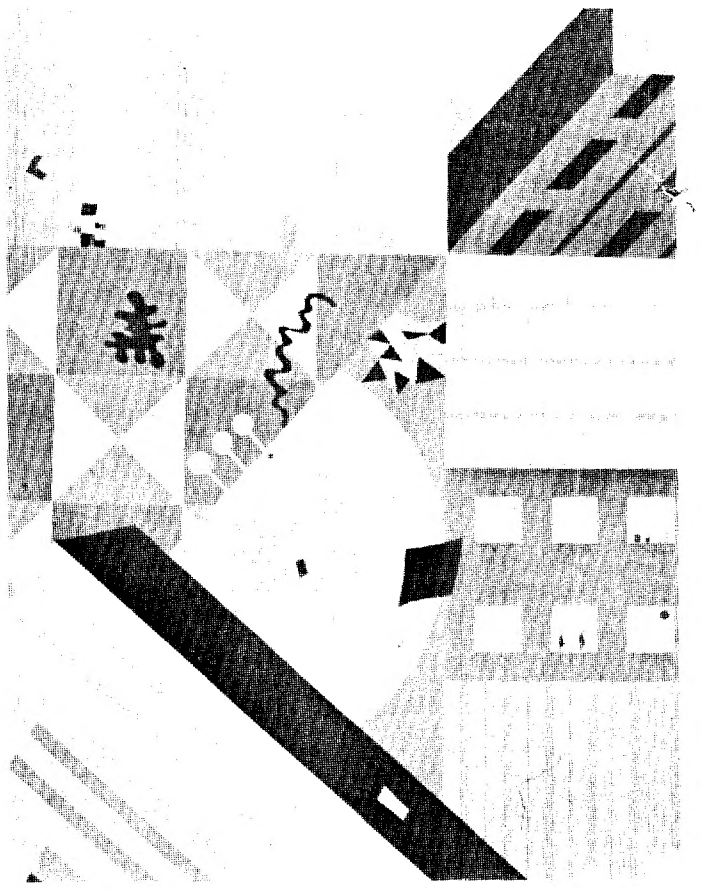
Voluntário (embora as razões económicas possam ter pesado) me parece este silêncio, esta não referência. O nome não me trazia nada, a não ser confusões de apelidos iguais: podia, é certo, ter perguntado, e certamente que o farei, não me sendo talvez difícil ficar a saber mais do que sei agora. Mas neste momento apeteceme ficar só diante destes objectos numa primeira leitura (em que fatalmente intervirá a memória de outras coisas), tentando assim colaborar com a possível atitude silenciosa da sua parte.

Que vi? — Suportes sem preparo algum, quase sempre na sua cor natural, onde se repetia serialmente estampada a mesma forma, montados na parede como se de quadros se tratasse (oito) ou suspensos do tecto (dois, num deles as formas estampadas foram substituídas por buracos com a mesma forma). De todos os quadros menos um (chamo assim, para facilitar, aos objectos que se encontram encostados à parede) pendem cordas que se vão atar, no chão, a pedras pouco menores que uma cabeça, ou tão-só sobre as pedras pendem, criando-se assim como que linhas imaginárias duma forma que sai para fora do quadro, pesos (a forma estampada tem, grosso modo, a silhueta de um peso normal) e o objecto vem para o chão ocupar o nosso espaço privilegiado de espectadores. Já não podemos medir a distância, mirar de longe e aproximar-nos para ler mais atentamente: o que está, está ali todo, suporte, pedra, corda, suporte em bruto pendurado na parede ou suspenso para nos dar a imagem igual do seu reverso.

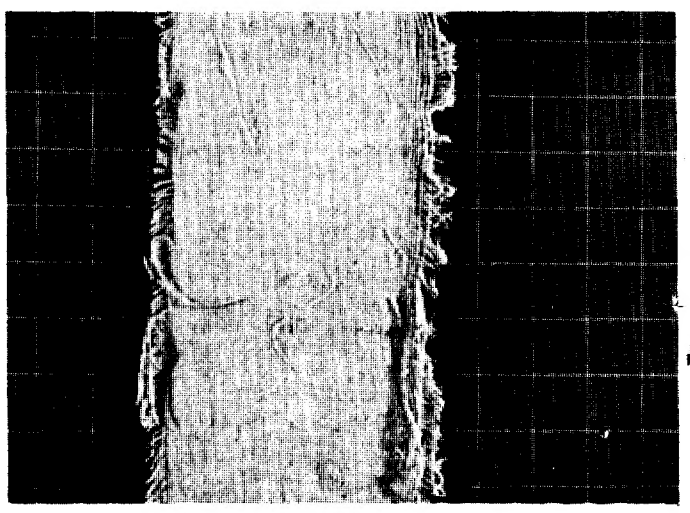
Aproximações (ou afastamentos, eu sei lá) — Estes objectos não são antipintura como as «combine paintings» de um Rauchenberg ou os «tableaux pièges» dum Daniel Spoeri. Não se trata aqui de uma consciência do quadro como objecto que leva a acrescentar-lhe outros objectos, mas do seu suporte material (tela, pano) como coisa, integrando-se possivelmente numa estética de presença (pela presença) que era a de tantos autores «minimal» ou, com diferentes implicações, do grupo francês dos «suports surfaces» (que conheço indirectamente e bastante mal).

Aqui, como em todos os casos que tendem para um limite, uma galeria começa a tornar-se um espaço demasiado ambíguo para esse tipo de acções, embora neste caso, penso, a exposição tenha sido elaborada em função do espaço da galeria. No entanto, só teria a ganhar em ser proposta e ampliada para outros espaços, para outros públicos também, e aí começaria uma experiência inteiramente nova, e aí o silêncio voluntário ou ocasional de Pires Vieira teria de ser quebrado, mas não forçosamente com palavras.

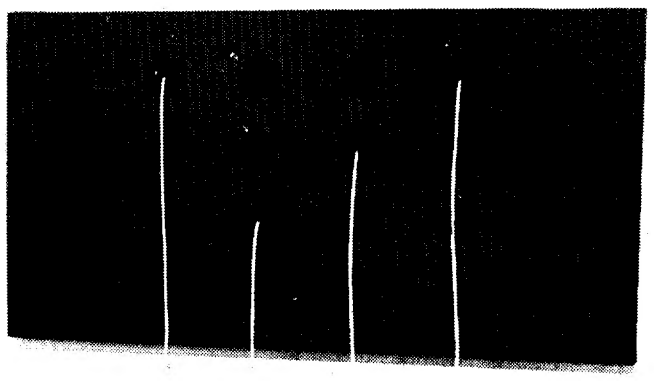
Enquanto Miguel Yeco se mantém dentro do espaço fechado do quadro de cavalete (no que está no seu pleno direito), Pires Vieira, através de uma pesquisa que me parece mais coerente, propõe-nos objectos que são também, por agora, totalmente irrecuperáveis em termos de mercado, ficando, senão como um inovador, pelo menos como um dos introdutores em Portugal de uma problemática nova que, a desenvolver-se, implicará certamente opções e recusas de monta. Oxalá eu não esteja enganado, trocando os meus desejos por realidades! Para já, penso que não.

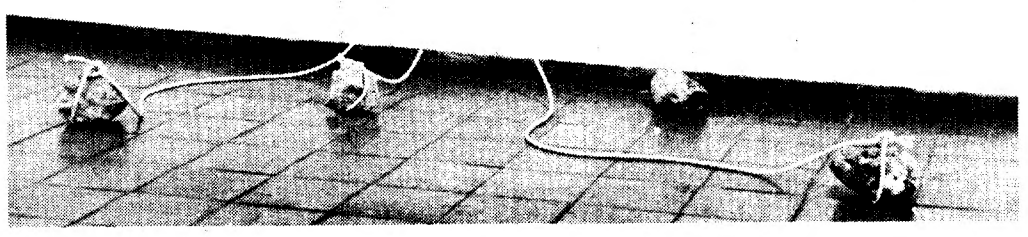


MIGUEL YECO: «Grey City». Onde a pintura pode ser também a sua própria história, pelas citações que encerra.



MIGUEL YECO: «Sem título». Uma experiência entre muitas outras.





PIRES VIEIRA